Diário de Lisboa

Fundador: JOAQUIM MANSO — Director: A. RUELLA RAMOS

Quinta-feira, 18 de Julho de 1974 — N.º 18514 — Ano 54.º — Preço 2$50

EMPOSSADO O NOVO GOVERNO

" TODOS TEREMOS DE VIVER EM ATMOSFERA DE AUTÊNTICA AUSTERIDADE "

— afirmou o Primeiro-Ministro

Foram empossados esta manhã, no Palácio de Belém, em cerimónia a que presidiu o general António de Spínola, os membros do segundo Governo Provisório após o 25 de Abril. O novo Gabinete, constituido já, de acordo com as alterações ao texto constitucional, pelo primeiro-ministro designado, coronel Vasco Gonçalves, engloba oito ministros militares (um dos quais na reserva) num total de 17 titulares. Trata-se de uma entrada em cheio do Movimento das Forças Armadas na condução dos destinos do País até às eleições de Março próximo para a Assembleia Constituinte, ressaltando nítidamente o propósito de fazer cumprir no sentido progressivo o Programa das Forças Armadas, ameaçado por manobras no seio do anterior Governo Provisório presidido pelo prof Adelino da Palma Carlos.

Manteve-se o espírito da coligação partidária, embora seja de estranhar a exclusão, à última hora, do Movimento Democráticoportuguês/CDE para o qual estava destinada a pasta do Trabalho. O MDP foi vítima, segundo tudo parece indicar, de certos interesses políticos objectivados na forte oposição de um Partido nascido após o 25 de Abril. Mas fica a importância nacional da sua posição junto do povo e o seu apoio inequívoco ao primeiro-ministro Vasco Gonçalves no cumprimento do programa do M.F.A.

A constituição do novo Governo parece corresponder, na opinião dos observadores, a uma solução de firmeza com vista a vencer problemas sócio-económicos graves do povo português e a levar por diante o programa de democratização da vida do País.

Declarações em tal sentido foram entretanto produzidas por vários membros do Governo nomeadamente o primeiro-ministro, que sublinhou ter-se feito o 25 de Abril precisamente para abrir o País aos caminhos da democracia e da liberdade, uma liberdade que se aprende na vivência diária.

(Mais noticiário nas págs interiores)

O primeiro-ministro, coronel Vasco Gonçalves, assina o auto de posse, durante a cerimónia desta manhã, em Belém. Na foto, vêem-se ainda o Presidente da República, general António de Spínola, e o general Costa Gomes.

2.ª EDIÇÃO

INDEPENDÊNCIA DO ULTRAMAR CAMINHO IRREVERSÍVEL

-segundo o brigadeiro Saraiva de Carvalho

(ENTREVISTA NA PÁG. 2)

DIMINUIRAM OS INCIDENTES NA CAPITAL DE ANGOLA

LUANDA, 18 (Especial para o«DL») — O número de incidentes nos musseques de Luanda decresceu nas últimas vinte e quatro horas. No entanto, continuam a ser assaltados e incendiados estabelecimentos comerciais e há trocas de tiros esporádicos. Até às 20 horas de ontem, tinham entrado nos hospitais quatro mortos e dezasseis feridos. Uma parte da população branca dos bairros negros, os musseques, está a refugiar-se no centro da cidade, onde a vida e quase inteiramente normal.

Durante a noite passada, entre as 0 horas e as 5 horas da manhã, manteve-se a proibição de circulação de automóveis ligeiros em toda a cidade. Enquanto o centro de Luanda continua a ser policido pela P.S.P., a segurança nos musseques está confiada às Forças Armadas. O policiamento dos musseques é assegurado por patrulhas constituídas por soldados brancos e negros, comandadas frequentemente por oficiais negros ou mestiços.

Segundo nos informaram na Polícia Judiciária, o procedimento contra os agitadores depara com grandes dificuldades por falta de provas ou testemunhos. A população africana continua a mostrar-se receosa, raro apresentando participações às autoridades contra os autores dos crimes verificados nos últimos dias em Luanda. Com igual dificuldade depara a instrução de processos contra os agentes da ex-PIDE/DGS. No entanto, o governador-geral, general Silvino Silvério Marques, teria ordenado a expulsão de Angola de elementos conhecidos pelas suas posições racistas e ultracolonialistas.

O comando-chefe das Forças Armadas em Angola nomeou uma comissão de inquérito para proceder ao saneamento dos quadros da Polícia de Segurança Pública. A P.S.P. é acusada de ter colaborado activamente com os extremistas brancos que desencadearam a violência nos musseques.

Um comunicado do comando-chefe das Forças Armadas de Angola assinala que durante a manhã de ontem foi lançada uma operação de fiscalização do musseque Lixeira, tendo sido apreendidas duas pistolas-me-

Continua na pág. 24

Oposição britânica à invasão turca da ilha de Chipre

LONDRES, 18 — (U.P.I.-A.N.I.) — O presidente Nixon enviou a Londres o subsecretário de Estado para os Problemas do Médio Oriente, Joseph Sisco, a fim de conferenciar com os governantes britânicos acerca da questão de Chipre e procurar obter uma solução pacífica.

Ao mesmo tempo, prosseguem as conversações, quer em Londres, quer em Ancara, entre ingleses e turcos, opondo-se aqueles, diz-se que energicamente, aos planos turcos de uma invasão de Chipre.

Ontem à noite, o primeiro-ministro turco discutiu o assunto, durante quatro horas, com o primeiro-ministro inglês, depois de um «jantar de trabalho».

Segundo círculos diplomáticos, Harold Wilson teria acentuado que a Inglaterra fará todos os esforços ao seu alcance, diplomaticamente, para restituir a Makários o Poder e para impedir, da parte de quem quer que seja, qualquer tipo de acção militar.

24 PÁGINAS

NACIONAL

É IRREVERSÍVEL O CAMINHO PARA A INDEPENDÊNCIA DAS COLÓNIAS

-POSIÇÃO DO BRIGADEIRO SARAIVA DE CARVALHO

Com este elenco ministerial e com estes sete militares, que são profundamente democratas, quase se poderia dizer que vamos agora implantar uma democracia militar; e não, nunca, uma ditadura militar, __ comentou o chefe do 25 de Abril, o brigadeiro Otelo Saraiva de Carvalho quando ao princípio da noite de ontem chegou ao Palácio de Belém para dar um abraço à rapaziada do Movimento que está agora em funções ministeriais

O novo comandante militar da Região de Lisboa foi cercado, no Pátio das Damas, por mais de duas dezenas de repórteres portugueses e estrangeiros, com quem consentiu uma conversa informal mas prolongada, em que ficaram claramente expressas as suas posições pessoais, «e enquanto personalidade do Movimento das Forças Armadas», sobre os pontos mais candentes da actualidade nacional. A coloquialidade das declarações, expressas por vezes numa linguagem crua e direita ao essencial, não excluiu, porém, nem o comedimento dos prognósticos nem a prudência política das fórmulas usadas.

O brigadeiro Saraiva de Carvalho, que representa a cúpula dum MFA politicamente reforçado e consolidado na nova coligação Governamental, produziu, ainda que a título pessoal, a mais importante declaração do dia: «estou convencido de que temos de caminhar para a independência do Ultramar. E um caminho que eu diria irreversível. O impasse criado pela crise ministerial pode ter atrasado as conversações com o PAIGC e com a Frelimo. Mas estou certo de que a coisa agora muito rapidamente vai para diante. Minutos depois, especificaria: Há uma irreversibilidade total no que concerne à independência dos povos ultramarinos. E já por várias vezes fora dito, até pelo dr. Mário Soares, durante as conversações, que estávamos dispostos a reconhecer a autodeterminação com todas as suas consequências, incluindo a independência. Está implícita aí a ideia de se chegar à independência, que é o que suponho que irá acontecer. Esta é a minha opinião pessoal, precisou Saraiva de Carvalho, que a confirmaria depois, quando lhe foi pedido que falasse «enquanto personalidade do Movimento».

__ Dessa opinião pessoal comungam outros elementos das Forças Armadas? __ perguntou um repórter.

__ Sim, estou convencido que sim __ respondeu o brigadeiro, que em Novembro passado era ainda capitão, e, há dias, major.

A natureza política do novo Governo, a situação em Luanda e em Moçambique e a função do Comando Operacional do Continente (COPCON) foram os outros pontos sobre que Saraiva de Carvalho se pronunciou.

DISCIPLINA

__ Vamos ter disciplina ou dureza?

__ Disciplina. Disciplina acima de tudo. As Forças Armadas precisam de disciplina. Dureza não. Mas moleza também não.

A pergunta e a resposta que abriram a entrevista condensam, quanto ao futuro mais próximo, a mesma interrogação, suscitada quer pela presença de sete militares no Governo, quer pela criação do COPCON como força de manutenção da ordem pública.

«O novo Governo não levanta qualquer perspectiva de endurecimento da situação. Levanta é uma perspectiva de franco optimismo democrático. Todos os oficiais que se encontram enquadrados no Governo são profundamente democratas. E isso, para mim, como bom democrata que sou, é uma garantia óptima. E estou extremamente satisfeito, para já com o facto de o próprio Governo se ter constituído, e com a rapidez com que se constituiu, nas actuais condições, um Governo de coligação, disse o comandante-adjunto do COPCON.»

Este segundo Governo Provisório seria o Governo que o sr. brigadeiro gostaria que tivesse aparecido logo depois do 25 de Abril? Saraiva de Carvalho respondeu: não, não, o que teria gostado era de um Governo civil que tivesse assumido completamente as suas responsabilidades. Encaro o anterior Governo com todas as dúvidas que se podem opor a elementos Governativos que a certa altura, não estando habituados a esta forma de Governo, acham ou supõem que para melhor Governar têm fatalmente de lançar mão a outros meios que não os consignados pelo Programa. Daí resultou possivelmente um choque entre pessoas que estavam no Governo e que sentiam que precisavam de mais qualquer coisa para Governar, e outras pessoas que acham que não, que aquilo que la est é suficiente e que não transigem. Os sete militares exercerão uma função pública de Governo enquanto durar este Governo Provisório, que temos esperanças de que seja o segundo e último.

O COPCON E A REPRESSÃO

«O COPCON é uma grande organização em perspectiva», disse o comandante-adjunto do recém-criado corpo de intervenção militar, que definiu como «uma espécie de comando-chefe, para tornar a organização do Exército mais funcional, mais operacional, mais adaptada às circunstâncias da vida moderna». E acrescentou: «o Exército, no Continente, vive numa certa rotina. E preciso dar-lhe uma dinâmica nova».

O brigadeiro Saraiva de Carvalho negou que a existência do COPCON estivesse prevista apenas para o período de vigência do Governo Provisório. E insistiu em que «o COPCON nada tem a ver com o Ultramar, nem com a guerra no Ultramar, nem com o recrutamento ou treino de tropas para o Ultramar».

«O COPCON tem o controlo operacional de todas as unidades do Exército no Continente, reforçadas por unidades da Aviação e da Marinha. A missão que lhe foi dada é a de uma participação no controlo da ordem pública, mas não só, insistiu o brigadeiro, pois em caso de agressão ou tentativa de invasão por uma potência estrangeira seriam as forças do COPCON que interviriam imediatamente. O COPCON lutará contra todas as possibilidades da reacção e suas agressões ideológicas poderem vir a manifestar-se duma forma violenta. Por exemplo, sabemos que o racismo é uma forma de pensar que, em Luanda, assumiu uma forma violenta.»

E prosseguiu: «O COPCON poderá intervir em desordens de rua, se fôr necessário. Não vamos reforçar as forças paramilitares. As forças paramilitares (G.N.R., P.S.P.) é que nos poderão reforçar a nós, se tivermos de actuar, o que é uma coisa completamente diferente.

«A nova organização militar poderá vir a reprimir as lutas dos trabalhadores? Que significa o projecto de intervenção militar na greve dos C.T.T.?» O brigadeiro Saraiva de Carvalho começou por dizer: «O COPCON não tem por objectivo reprimir nada. A não ser que a situação atinja tal ponto que vá contra os interesses do País. Sempre que haja interesses do País, da população do País, em jogo, poi o COPCON as forças do Exército, podem vir a actuar.»

A greve dos C.T.T. começou e acabou antes da constituição do COPCON. Mas o brigadeiro Saraiva de Carvalho comentou: «a certa altura chegámos à conclusão, até por insistência da população, que a situação era insustentável e então decidimos ir resolver o problema. Mas engana-se quem partiu do princípio de que havia qualquer intenção ou manifestação de repressão por parte do Exército. A nossa intenção foi simplesmente a de pôr a funcionar uma coisa que estava parada.»

Respondendo a novas perguntas sobre a disciplina militar, o brigadeiro Saraiva de Carvalho considerou justificada a detenção dos aspirantes Marvão e Anjos. E afirmou que às Forças Armadas e aos seus elementos competia uma função «de centro», «de isenção», e uma «pureza de atitudes», absolutamente autónomas das posições políticas particulares, «que até podem ser comunistas, socialistas ou marxistas-leninistas».

LUANDA

«O racismo e o ódio racial à solta é a das piores coisas, das piores calamidades que podemos ter. E o que se passa em Luanda. Em Luanda, alguém desencadeou ou pretende desencadear o ódio racial», disse o chefe militar do 25 de Abril, depois de exprimir o seu ponto de vista sobre a independência das colónias. Logo no princípio da entrevista aludira à «necessidade de intervenção militar» na capital angolana, declaração que converge com as do major Sanches Osório, anteontem, e segundo as quais «foram tomadas medidas de carácter estritamente militar.»

«Houve uma matança indiscriminada de gente, uma matança estúpida, da parte de algumas pessoas, é extremamente odioso», reforçou o oficial-general, que confirmou ter recebido, no último fim-de-semana, a delegação de nacionalistas angolanos presidida pelo dr. Diógenes Boavida, e que lhe trouxe «o alarme da situação».

O brigadeiro Saraiva de Carvalho declarou que, de momento, não se queria pronunciar sobre a situação militar em Moçambique.

Sobre o eventual prosseguimento oficial das conversações com o P.A.I.G.C. e com a Frelimo, o brigadeiro Saraiva de Carvalho afirmou que não podia precisar datas. E disse que, «até agora, houve apenas conversações e, no caso da Frelimo, uma simples troca de impressões. Nada se fez ainda. Nada foi ainda fixado, determinado, ultimado.» E reiterou a certeza de que «as coisas podem avançar rapidamente agora.»

ACP

HOJE a partir das 18 horas eleições

B A SUA LISTA

CUMPRA O SEU DEVER DE SÓCIO

A NOSSA LISTA, PRESIDIDA POR FRANCISCO BALSEMÃO É CONSTITUÍDA POR ELEMENTOS DE HÁ MUITO LIGADOS AOS DIFERENTES SECTORES DO AUTOMOBILISMO.

QUEREMOS UM ACP MAIOR E MELHOR

LEMBRE-SE DO QUE LHE OFERECEMOS:

- Representatividade junto do Governo
- Campanha dos 100.000 sócios
- Novos estatutos
- Um novo espírito nas relações com os trabalhadores
- Assistência na estrada em moldes inéditos
- Remodelação do serviço na sede e delegações
- Um departamento de turismo activo
- Parques de campismo
- Mais e melhores descontos
- Uma revista dinâmica
- Código de estrada nas escolas
- Desporto gerido pelos interessados

Junto à sede do A.C.P. (local de voto) uma carrinha distribuirá boletins e prestará todos os esclarecimentos.

GARANTA O FUTURO DO ACP — VOTE NA LISTA B

JOVENS E A NATUREZA

De um grupo de rapazes e raparigas que ontem à tarde se reuniu na Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, nasceu a Associação Juvenil para a Protecção ao Meio Ambiente, que está aberta a todos os jovens interessados em colaborar nas suas actividades.

Estas visam a protecção das espécies animais e vegetais, ameaçadas de extinção; o controlo e combate à poluição; a protecção das matas nacionais e particulares, a realização de documentos alusivos e publicação de um boletim, e a filiação num organismo internacional.

Para quem quiser aderir, realizam-se reuniões todas as quartas-feiras, às 17 horas, no Palácio da Independência.

Casas de operários ou do patrão?

Na reportagem «Os operários contra os despedimentos», ontem publicada no nosso jornal, o presidente da secção local de Cebolais de Cima do Sindicato do Pessoal da Indústria dos Lanifícios afirmou a certo passo que a Caixa Nacional de Pensões havia emprestado oito mil contos para um empresário construir 32 casas. Esta manhã telefonou-nos o empresário visado, que considerou falsa tal informação, declarando que pertence à empresa o dinheiro investido na construção das referidas casas.

TORQUATO DA LUZ

OBJECTIVIDADE

«Constituído o Governo» — titulava este jornal na primeira página de terça-feira. Imediatamente, certas vozes se ergueram: que os jornalistas são sensacionalistas, não curam da objectividade. E aduziam razões, utlizando, como é habitual, a linguagem das generalidades. Pois diremos: se a verdade é sensacionalista, seremos sensacionalistas. O título da nossa primeira página de terça-feira correspondia à mais estrita verdade. Ora, vejamos: duas ou três horas antes de o jornal sair para a rua, fora declarado textualmente aos repórteres em permanência no Palácio de Belém: «O Governo está constituído, restando alguns problemas sobre a composição da coligação».

Tal declaração não poderia ser entendida de outro modo pelos jornalistas: o Governo estava efectivamente constituído, faltando apenas proceder, possivelmente, à distribuição das secretarias de Estado pelas diversas forças políticas que integram a coligação governamental. Embora não anunciado oficialmente, o Governo estaria portanto «constituído», pelo que o nosso título e a notícia que encimava eram estritamente objectivos, rigorosamente verdadeiros.

E muito fácil «criticar» os jornais, dizer mal dos homens da Informação. Para a criação desse espírito muito contribuíu o fascismo — e é difícil às pessoas desabituarem-se dele. Realmente, a verdade completa não coexiste com a censura prévia. A versão oficial dos acontecimentos políticos nacionais e internacionais dificilmente poderá ter a ver com a objectividade. Compreende-se, portanto, uma certa reserva relativamente aos jornais — mas a sistemática desconfiança é de todo em todo injustificada.

Temos verificado, com certa surpresa, que os maiores «críticos» dos jornais, surgidos após o 25 de Abril, são pessoas que deveriam saber o que é a Informação, as limitações com que ela se debate em Portugal há dezenas de anos, etc. Pois se até ouvimos confundir «liberdade de Imprensa», com a obrigação, por parte dos jornais, de estamparem nas suas colunas tudo quanto, pelas mais variadas formas, as mais diversas (e são aos milhares) pessoas, organizações e não se sabe que mais entendem por bem fazer chegar às redacções!...

Quando a liberdade de Imprensa começa a ser um facto em Portugal e os acontecimentos políticos deixam de ter de ser divulgados apenas na versão oficial que o fascismo lhes dava, é evidente que muita coisa muda nos jornais, muita coisa muda nos jornalistas. O palpite, a intuição do repórter, a sua capacidade de «adivinhar» para além daquilo que está simplesmente à vista, tudo isso entra em jogo. O risco que se corre é, por vezes, largamente compensador; mas, se se falhou, também aí se encontra uma forma de aprender. Daí que seja perfeitamente aceitável que a quase totalidade dos jornais tenha apostado em Firmino Miguel para primeiro-ministro. Daí que seja absolutamente estranho que um jornal, só pelo facto de não ter tido a coragem de arriscar em título esse palpite (mas jogando abertamente nele no noticiário), tenha vindo acusar os colegas de «sensacionalistas».

Em síntese, poderemos dizer que muito temos ainda todos a aprender com a liberdade de Imprensa. E que, no jogo da concorrência, apenas hão-de salvar-se os jornais que perfeitamente a souberem entender, correndo todos os riscos que lhe são inerentes.

CURSOS DE FÉRIAS
PREPARAÇÃO PARA OS EXAMES DE SETEMBRO
CURSO GERAL E COMPLEMENTAR
EXTERNATO ACRÓPOLE
RUA DAS CHAGAS, 16
Telefones: 327409-323048-363592

Pasta Medicinal Couto
Evita e trata doenças da boca
PORQUE É MEDICINAL

SÉRGIO RIBEIRO

CO-GERIR: COM QUEM?
(UMA NOTA SOBRE T.A.P.)

Quando se termina um trabalho com duas questões como *co-gerir: com quem?* e *auto-gerir: como?* não se pode esperar uma semana para retomar os temas assim anunciados. Ataquemos, já, o que nem tem razões especiais para aguardar a terça-feira das economias.

Acontece, também, uma coisa curiosa, que é a de sentirmos necessidade de nos relermos, o que motiva a vontade de continuar a escrever, melhor esclarecendo ou mais avançando. Isso acontecerá pelo facto de nos parecer importante ler no dia em que sai o que foi escrito alguns dias (mesmo que fosse só algumas horas!) antes. «Ainda será oportuno, não será já qualquer coisa de ultrapassado?»

E essa releitura leva a que encontremos estranhas coisas que até nos responsabilizam com a nossa assinatura. Repare-se: assinámos (...) *democratização, expressão do povo português (e de outros, e de outros...)* quando queríamos ter escrito *democratização, expressão da libertação do povo português (e de outros, e de outros...)*. Por outro lado, logo avançámos a pergunta se *depois da «crise» provocada da necessidade de encontrar outra equipa que aceite as regras do jogo, terá de haver novo programa, outra «extensão» do programa de base que vem do MFA e que possibilitou o constituição dessa nova equipa?* Entretanto, o ponto de interrogação perdeu-se — talvez nas teclas da máquina batida rapidamente — e o nosso pensamento foi ligeiramente alterado quando deixou de ter a forma interrogativa.

Mas não é isto que nos fez voltar a escrever depressa e na continuidade do que saiu ante-ontem. Foi de facto a necessidade de tratar das questões da co-gestão (com quem?) e da auto-gestão (como?), dentro de um esquema em que definimos três elementos para uma caracterização do actual momento português. Elementos que podemos sintetizar ou relembrar na existência de uma muito pesada herança do meio século de fascismo, na adopção de modelos ou frases-slogans que se procuram aplicar, como soluções ou ensaios, na necessidade de encontrar soluções originais em que os modelos ou frases-slogans nascidos na ingestão de leituras sejam experiências a aproveitar e não «factos feitos» onde as condições concretas da realidade portuguesa se terão de «ajeitar».

Mas... CO-GERIR: COM QUEM?

A ideia de co-gestão liga-se à de gerir em cooperação ou em colaboração, e a partir da participação dos trabalhadores nessa gestão empresarial. Mas gerir cooperando ou colaborando... *com quem?* Em sistema capitalista, isto é, em sistema que se define por relações de produção capitalista, a gestão tem uma família que é a de gerir os factores de produção de maneira mais remuneradora dos proprietários dos meios de produção. Tratar-se-á de utilizar os recursos acrescentando-lhes valor através da força do trabalho por forma a apropriar o máximo de excedente possível criado na diferença entre o valor acrescentado pelo trabalho e a remuneração-preço de compra (custo) da força de trabalho utilizada. Nestes termos, ou nesta perspectiva, representantes dos trabalhadores na gestão, no seu mais elevado nível, ao nível das decisões, será a cooperação ou a colaboração nas decisões que terão a finalidade de manter, aumentar ou não deixar que diminua demasiado a taxa de exploração dos trabalhadores traduzida no lucro apropriado a partir da mais-valia criada na gestão. Será para dizer em palavras simples (não originais), gerir ou colaborar na gestão da própria exploração.

Bem diferente será a situação se, ainda que em sistema capitalista, a co-gestão se concretize em condições de intervenção do poder político — reflexo da relação de forças das classes sociais — que tenha marginalizado da gestão localizada a finalidade de criação de excedentes para apropriação de lucros. Será o caso de empresas públicas ou nacionalizadas em que a gestão procura objectivos de racionalidade económica que, localizadamente, não serão os de exploração da força de trabalho utilizada na empresa ou sector produtivo. Ainda assim não se poderá deixar de acrescentar que essa localização não deverá fazer esquecer que, num plano de conjunto, a gestão localizada poderá ser a forma de transferir para encargo (gestão) «social» ou nacional do que possibilita uma continuidade da exploração capitalista em melhores condições, ou em condições que travem a sua constante deterioração. Neste caso, no entanto, podem-se encarar situações de co-gestão em que os co-gestores sejam representantes dos trabalhadores na empresa ou sector e representantes do poder político, reflectindo relações de força a nível nacional. Poder-se-á então considerar que essa co-gestão será coisa diferente da participação no gerir da própria exploração.

Será então o caos de bem determinar zonas ou terrenos de influência representando aqueles campos e formas de dividir as responsabilidades de gerir a empresa ou o sector. Obviamente que a inserção num plano socio-económico de conjunto será da competência — e não o dizemos em termos de exclusividade — dos representantes do poder político, tal como as decisões quanto a política de investimentos ou outros aspectos da gestão. Assim como será da competência dos representantes dos trabalhadores nos orgãos de gestão os aspectos de política do pessoal e de organização do trabalho. Ao que se deverá acrescentar como de importante consideração o que podemos chamar «zonas de sombra», efectivamente zona de co-gestão.

Desta maneira nos encontraríamos na concretização de formas co-gestionárias que resultariam da ponderação de condições concretas, tendo bastante a ver com a realidade portuguesa, até porque essa realidade, dado o seu grau de monopolização resultante de um enpolamento superestrutural característica do fascismo, convida à tentativa de soluções desse tipo que terão a sua originalidade.

Na empresa TAP ter-se-ia ensaiado precipitada e prematuramente uma solução desse tipo e os resultados não teriam sido famosos dado o evoluír da situação empresarial nascida nas relações de trabalho na empresa. Não se considere, no entanto, como tentativa falhada. O que teria levado ao relativo fracasso terá as suas razões, *primeiro* na própria prematuridade e precipitação, *depois* até e também no facto dos responsáveis — representantes sindicais, e co-gestores onde estavam representantes dos trabalhadores e do poder político — não terem sido capazes de ponderar essa responsabilidade de maneira a darem a noção de se terem apercebido de que dispunham de uma original forma de co-gerir, original e susceptível de poder servir de ensaio e experiência.

Consideramos nada ter sido perdido, na experiência TAP se formos — todos! — capazes de dela retirar ensinamentos e procurar seriamente as razões do fracasso que não estão na fórmula adoptada mas na maneira como os responsáveis — todos! — encararam a evolução das relações empresariais. Estamos certos que este «caso TAP» fará correr alguma tinta, não nos alongaremos, por agora, e deixamos para o próximo artigo a outra questão: *Auto-gerir: como?*

URBANO TAVARES RODRIGUES

A LITERATURA PORTUGUESA E A REALIDADE SOCIAL

O melhor da literatura portuguesa contemporânea, pelo seu impulso poético, por uma certa vocação elegíaca e pelo imperativo do testemunho social — e nalguns casos até do compromisso revolucionário — que se impôs a escritores de diversas correntes, está bem mais perto das literaturas mediterrânicas (espanhola, italiana, grega, argelina) do que das literaturas de alto, mas seco, vigor e de pesquisa erudita e aristocrática, ao nível da estrutura do romance ou da sua destruição, que floriram em França, na Bélgica, na Suíça, sob o consulado do general de Gaulle e o domínio intelectual das burguesias da direita e da ultra-esquerda.

E, contudo, inegável que, sofrendo Portugal, não sem benefícios, desde o século XVIII, uma certa colonização cultural da França, a «escola do olhar», o chamado novo-romance, a nova crítica tiveram entre nós considerável importância, provocando algumas imitações virtuosísticas e até mesmo criações profundamente originais.

No início da década de quarenta e na sequência do grande alevante popular da guerra civil espanhola, em que operários e camponeses tomaram nas mãos a defesa da liberdade e a construção do seu destino, surgiu em Portugal um movimento estético marcado pela ideologia marxista, o Neo-Realismo. Escritores de real talento, alguns deles hoje traduzidos em muitos idiomas, afrontaram o fascismo português e, na medida em que a censura o permitia, tentaram nas suas obras o inquérito, ou o levantamento, das condições de vida da classe operária e dos trabalhadores rurais, até então ignorados por uma arte de condicionamento burguês, predominantemente metafísica e psicológica, voltada para o refinado e para o excepcional. Cito, apenas a título de referência e sem o propósito de abarcar nomes e obras, alguns dos romancistas do Neo-Realismo (da primeira geração neo-realista): Soeiro Pereira Gomes, Alves Redol, Fernando Namora, Carlos de Oliveira, Mário Dionísio, Manuel da Fonseca. Estes e muitos outros narradores de qualidade deram voz ao povo, seguindo, de um modo geral, as teses do materialismo dialéctico, mas sem fazerem obras didácticas ou de encomenda, bem pelo contrário, plenas de apaixonado entusiasmo ou de colorido humor, por vezes (como na derradeira fase de Alves Redol) de lúcida reflexão histórica. Os mineiros, os operários agrícolas, os pescadores, os contrabandistas, os marginais, algumas vezes na linha da grande tradição picaresca ibérica, tiveram assim acesso ao primeiro plano da literatura.

Naturalmente, num momento ulterior o interesse pela cidade havia de desviar para os pequenos empregados e para a frustração dos intelectuais a objectiva do narrador. A segunda geração realista, a dos anos cinquenta (na qual se encontram Abelaira, Cardoso Pires, Orlando da Costa, Maria Judite de Carvalho, Faure da Rosa, eu próprio, Jorge Reis, Isabel da Nóbrega), recebeu, prosseguindo a mesma luta, o impacto da angústia de viver e até a dúvida metódica da esperança, que leva a uma esperança desesperada, difundidas pelos livros de Sartre e de Camus e até de Cesare Pavese, bem como a atracção pelos escritores do desafio, tais Vailland, Henry Miller, Sallinger e mesmo Pasolini, em certo sentido. Continuando o trabalho iniciado (e retomado à luz de novos critérios estruturais) pelos seus corajosos predecessores, estes novelistas admitiram o que há de válido e necessário à comunicação na experimentação estética, praticando-a com vista à introdução de novas perspectivas na arte da ficção. Seria injusto olvidar a análise de carácteres e atmos-

Continua na pág. 22

NACIONAL

Centros de trabalho do P.C.P.

Desde o 25 de Abril que o Partido Comunista Português tem vindo a abrir pelo País Centros de Trabalho onde funcionam as suas organizações regionais e onde se torna possível a convivência e a realização de reuniões de esclarecimento.

São as seguintes as localidades, onde funcionam já os referidos Centros: Évora, Faro, Vendas Novas, Ferreira do Alentejo, Silves, Portimão, Olhão, Lagoa, Pias, Baleizão, Beja, Aljustrel, Alcorrêgo-Avis, Torres Novas, Grândola, Montemor-o-Novo, Castro Verde, Setúbal, Paio Pires, Alcochete, Moita, Baixa da Banheira, Barreiro, Alhos Vedros, Almada, Porto, Póvoa do Varzim, Viana do Castelo, Paramos, Grijó, Covilhã, Aveiro, Espinho, Figueira da Foz, Ovar, Coimbra, Matosinhos, Braga, Santarém, Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras, Salvaterra de Magos, Vila Franca de Xira, Caldas da Rainha, Leiria, Marinha Grande, Alpiarça, Couço, Lisboa e Odivelas.

Uma campanha-surpresa! Compre o seu Volkswagen
equipado com extras... sem preço extra!*
Uma oportunidade que V. não pode deixar fugir...

*(OFERTA VÁLIDA ATÉ 31-8-74 – PARA OS MODELOS 1200–1300–1303–1303 S)

SOC. COMERCIAL GUÊRIN, S.A.R.L. – Avenida da Liberdade, 12 – Telefs. 366751/7*370171/5
– Avenida Almirante Gago Coutinho, 59-D – Tel. 713482

SINDICATO NACIONAL DOS TÉCNICOS DE DESENHO

COMUNICADO

A Direcção do S. N. T. D. comunica que o Sócio n.º 243, António José da Silva Proença eleito para o triénio 1972/75 e que ocupava o Lugar de Presidente desta Direcção apresentou o seu pedido de demissão, alegando motivos de saúde que o impossibilitariam do desempenho regular e efectivo do cargo que desempenhava.

O pedido de demissão foi deferido no dia 3/7/74 pelo Presidente da Mesa da Assembleia Geral, Francisco Dias Bernardino.

A DIRECÇÃO

PASSE
UM FIM-DE-SEMANA
SEM CONTRATEMPOS

QUANDO ACORDAR
ESTARÁ NO ALGARVE

SERVIÇO DE CARRUAGENS-CAMAS LISBOA-ALGARVE

Barreiro-V.R. Sto. Antonio: sextas-feiras
V.R. Sto. Antonio-Barreiro: domingos
SERVIÇOS EXTRAORDINÁRIOS
NO NATAL E ANO NOVO

INFORMAÇÕES TELEF. 32 62 26

Caminhos de Ferro Portugueses

Eleições no ACP

A LISTA A DEFINE AS SUAS DIRECTRIZES

Depois da lista B, foi a vez da lista A das próximas eleições no Automóvel Club de Portugal, ter sido apresentada aos orgãos de Informação no decorrer de uma reunião que se realizou na própria sede do clube.

Presentes o dr. Abranches Ferrão, indigitado para presidente da direcção, o dr. Vítor Direito, Caiano Pereira e o eng. Heitor de Morais, elementos da direcção proposta e ainda o actor Rogério Paulo, indigitado para um cargo na assembleia geral. Esta lista, que tem o apoio dos trabalhadores do Clube, reúne ainda outros nomes bem conhecidos como o do dr. Jorge Sampaio, proposto para presidente da assembleia geral, salientando-se o facto da constituição da lista evidenciar uma escolha de elementos pertencentes a diversas correntes de pensamento.

O dr. Abranches Ferrão usou inicialmente da palavra para explicar em traços gerais a forma como se propunham, caso fossem eleitos, cumprir o programa de acção já divulgado, justificando a candidatura da lista A por mandato dos trabalhadores do próprio clube, que eram afinal quem melhor conhecia e mais sentia os problemas do mesmo.

Usaram ainda da palavra o eng. Heitor de Morais, indigitado como responsável pelo sector desportivo, que informou as linhas gerais de um programa de reestruturação e democratização do automobilismo desportivo.

Caiano Pereira, bem como o dr. Vítor Direito e Rogério Paulo, deram também informações complementares, sendo todos unânimes em afirmarem o seu grande desejo de dinamizarem um clube grande mas que tem estado adormecido.

A campanha dos 150 000 sócios, um dos pontos do seu programa de acção, mereceu especiais referências mas os propostos dirigentes julgam possível atingir esse número, desde que sejam proporcionadas motivações de interesse para os associados.

E com a força que esses milhares de sócios concedem a um clube com o prestígio do ACP, — afirmou o candidato — diversos problemas que afligem o automobilista português, merecerão estudo adequado para que as soluções encontradas possam ser impostas as instâncias governativas.

Biblioteca Ferreira de Castro

OLIVEIRA DE AZEMÉIS — Sem qualquer cerimónia especial, abrirá no dia 1 de Agosto, em Ossela, a Biblioteca Ferreira de Castro, legada pelo escritor, recentemente falecido, ao povo da sua terra.

A Biblioteca Ferreira de Castro estará aberta, todos os dias úteis, das 18 às 20 horas, e aos domingos e feriados das 15 às 18. Entretanto, a casa de Ferreira de Castro poderá ser visitada todos os dias, das 11 às 12 e das 17 às 19 horas.

Aposentações nos C.T.T.

Cinco altos funcionários dos C.T.T. foram «aposentados imediatamente, por conveniência de serviço e ao abrigo do artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 277/74, de 25 de Junho», com data do passado dia 26 (um dia depois da publicação do referido diploma). São eles os inspectores-gerais eng. Carlos Ribeiro, correio-mor, eng. Henrique Manuel Pereira e dr. Luís Pinto de Mascarenhas, e os adjuntos da Administração Central eng. Mário Santos Silva e dr. Francisco Vale Guimarães. Este último foi, no regime deposto também governador civil de Aveiro.

Não querem arranha-céus

Um grupo de moradores do Monte Estoril entregou ao delegado da J.S.N. na Câmara Municipal de Cascais um documento protestando contra a prevista construção de «torres» na localidade. Apresentam, entre outras razões, a de ser necessário conservar os espaços verdes e livres.

À procura da filha

Saiu há poucos dias do hospital. É um homem triste, precocemente envelhecido. Não tem ninguém — ou, antes, tem uma filha, mas desconhece onde esta se encontra. Sabe apenas que, em 1951, morava no Casal Carite, em Queluz.

O homem chama-se João Neves Ventura e a filha Maria Eunice Rodrigues Ventura. Alguém conhece?

Diferentes critérios nos liceus de Lisboa

Fomos contactados pela nossa leitora Maria Filomena Ventura, que presta actualmente provas do sétimo ano no liceu D. Filipa de Lencastre e nos falou sobre o seu caso pessoal e a diferença existente nos diversos estabelecimentos de ensino quanto ao critério de avaliação dos exames.

Deste modo, nos liceus Rainha D. Leonor e Padre António Vieira, os professores decidiram aumentar um valor nas notas 11 e 9, de modo a, por um lado, evitar que os alunos de 9 vão à prova oral e por outro que os alunos que tiveram 11 nas disciplinas nucleares, possam dispensar do exame de aptidão.

Ora este sistema não vigora no liceu D. Filipa de Lencastre e a nossa leitora sente-se especialmente lesada, já que obteve 11 valores numa disciplina nuclear. Se o critério fosse igual em todos os liceus, ela dispensaria. Pergunta-se: será correcto existirem estas diferentes maneiras de avaliar o esforço dos alunos?

Palha substitui água na piscina de Beja

A população de Beja sofre desde há alguns meses uma aflitiva falta de água. E as temperaturas de quarenta graus dos últimos dias vieram agudizar ainda mais a situação.

Como reflexo imediato, a piscina municipal fechou e, a fim de se evitar o efeito dos rais solares e da longa inactividade a que irá ser votada, logo foi atulhada com fardos de palha.

Agora, sem piscina, Beja, em pleno Verão, é bem uma paisagem de secura e desolação. E tudo porque a edilidade fascista jamais se preocupou em abrir os vários poços e nascentes que a cidade desde há muito reivindicava. Ea crise aí está, carregando pesada sobre os homens que vieram depois do 25 de Abril.

Assaltos e roubos em Fátima

FÁTIMA — Na noite de 12 para 13, uma peregrina francesa, Antier Marcelle, de 60 anos, residente em Cayennes, França, foi assaltada numa alameda junto da Casa do Beato Nuno, onde se encontrava hospedada, por um grupo de indivíduos que a maltrataram e roubaram em cerca de 50 contos (25 contos em cheques e 25 contos em dinheiro francês e de outras nações, incluído dinheiro português). A peregrina que ia acompanhada de uma sua compatriota, gritou, mas não conseguiu fazer-se ouvir. O assalto e roubo verificou-se cerca das 11 h da noite, tendo a peregrina ficado ferida. Um dos indivíduos deixou ficar um sapato que foi recolhido na Casa do Beato Nuno.

Já não é a primeira vez que se verificam assaltos e agressões, seguidos de roubos a peregrinos, pelo que se presume que se trate de quadrilha organizada, com campo de acção em Fátima.

A diversos outros peregrinos, nacionais e estrangeiros foram roubadas carteiras e malas com documentação, o que provoca, como é natural, grande dificuldade no regresso das vítimas às suas terras.

Dias antes da peregrinação foram roubadas de noite as chaves de cinco carros; uns estacionados na via pública e outros dentro de garagens.

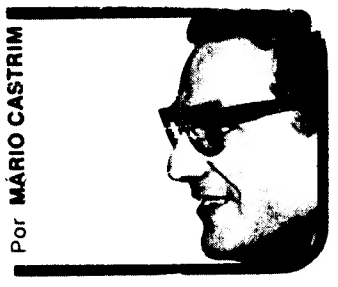
Urge que as autoridades tomem as necessárias medidas, a fim de pôr cobro a factos como estes.

Escuteiros de Portugal na Inglaterra

O 2.º Grupo dos Escuteiros de Portugal parte no dia 29, às 19 horas, para Sussex, Inglaterra, a fim de representar o nosso país num acampamento internacional — regional, organizado pelo 1st Heathfield Scout Group, de Heathfield, e que ali decorre de 1 a 12 de Agosto.

Ontem, a delegação apresentou cumprimentos de despedida ao presidente dos Escuteiros de Portugal, na sede da Associação dos Escuteiros de Portugal, no Cais Sodré.

O M.E.S., REALMENTE, NÃO QUER "SUJAR AS MÃOS"



Exm.º Senhor,

Li a sua crónica televisiva de sexta-feira (12) onde com surpresa verifico o interesse que lhe mereceram as singelas palavras que proferi no apontamento de reportagem da Televisão em representação do Movimento de Esquerda Socialista.

De facto, num jornal como o seu, em que os comunicados do M. E. S. são recusados, escondidos ou retalhados a bel-prazer da redacção (ver, por exemplo, na edição de sábado, o comunicado do M. E. S. sobre a crise governamental, a pág. 12) não deixou de me causar certa curiosidade saber porque sorte se ocupavam quatro colunas de tão prestigioso órgão com o M. E. S. Afinal. era para, através da sua sagaz pena, mostrar que o M. E. S. era inconsequente. Fiquei, pois elucidado sobre o objecto de tanto interesse.

Surpreendeu-me, ainda, que tendo-me eu referido sobretudo à questão da crise governamental — e era esse o aspecto importante da reportagem e do momento — não seja esse aspecto que é objecto da sua crónica mas sim a parte assessória das minhas declarações feitas a propósito da eventual participação do eng. Cravinho num eventual governo. Esquecer a questão fundametal a que me referi, esquecer a «crise» sobre que as pessoas procuravam esclarecer-se e desviar o foco da sua argúcia contra o M. E. S. parece-me, com toda a franqueza, pelo menos duvidoso.

Mas porque a análise que fez é política e pode levar algum leitor à mesma «confusão» e «perplexidade» em que você declara encontrar-se, julgo oportuno esclarecer o seguinte.

Entende você que há contradição em julgar o M. E. S. que o Programa do Movimento das Forças Armadas tem um conteúdo progressista e, no entanto, recusar participar no governo.

Não há contradição alguma e explico porquê.

Em primeiro lugar, se é certo que o Programa tem um conteúdo que no nosso entender é progressista, ele é simultaneamente vago e impreciso em muitos pontos uma vez que não previu grande parte dos problemas que se iriam colocar ao governo após o triunfo do golpe militar. Essa imprecisão foi sempre uma evidência para o M. E. S.. Assim, por exemplo, o que seja uma política «antimonopolista» e «ao serviço das classes trabalhadoras» é matéria de muita discordância. Um conservador não pode interpretar estas expressões do mesmo modo que um comunista (ou não devia). A crise governamental actual é disso prova mais do que evidente.

Sabe-se que há partidos que entram no governo porque entrariam em *qualquer* governo. É uma mania, uma tara conhecida de que já vamos vendo cá algum exemplo. O M. E. S., pelo menos, não sofre dessa tara.

Partidos houve, supomos que julgaram que não obstante a indefinição do Programa conseguiriam impor uma linha progressista à actuação do Governo. O M. E. S. não acreditou que tal fosse possível. E, uma vez mais, a crise governamental veio demonstrar que não era possível impor essa linha e havia que reformular o gabinete.

O M. E. S. apenas faria parte duma coligação em que a linha política estivesse concreta e aceitávelmente definida e dela resultasse um efectivo benefício para as classes trabalhadoras deste país e não se limitasse a gerir o sistema capitalista vigente. O que pressupunha a aceitação de determinados princípios e de certas medidas concretas a tomar que nenhum partido da coligação colocou como condição da sua participação. Embarcaram, segundo entendemos, num optimismo prático que em dois meses se revelou não ter capacidade de vencer as forças conservadoras.

É aliás, revelador da tomada de consciência das limitações da coligação, as «condições» que o P. C. veio pôr à sua participação no novo governo e constam do último «Avante», cuja leitura lhe aconselho.

A verdade é que o M. E. S. sempre pensou que o Programa só por si não pode ser base de trabalho real de um partido que vise fundamentalmente os interesses da classe trabalhadora — o que hoje parece evidente a toda a gente. Aceitar um Programa vago na «fé e esperança», sem princípios nem condições, é um tipo de oportunismo político que o M. E. S. não pratica.

Mais: a indefinição do Programa levaria à situação crítica em que se encontram os partidos ditos de esquerda que nele se encontram: é em seu nome (do Programa e dos Partidos) que prossegue a guerra colonial, se morre e se mata em África. A isto não estava nem está o M. E. S. disposto e aqui, efectivamente, manter-se-à impoluto.

Em segundo lugar, julgar que o trabalho político de um partido se faz apenas através da participação no governo é desconhecer o a-b-c da prática política. Para o M. E. S., que não está atacado de governativite, há instâncias tanto ou mais fundamentais de luta e a essas dá o devido relevo. É nos locais de trabalho nas zonas de residência, nos sindicatos, etc. que o M. E. S. entende dever estar e está. E aí faz política e aí «suja as mãos», aí luta, tanto quanto pode e não aceita lições de qualquer outro partido ou cronista.

..Efectivamente, isto da coisa política tem destas «subtilezas» que você diz (e bem) escaparem-lhe. Mas se lhe escapam, informe-se e se não quiser informar-se não faça «análise política», porque escrever sobre política é já fazer política e nada pior do que fazer política na ignorância.

Permita ainda que lhe diga que quanto aos «livrinhos essenciais» também tenho lido alguns nas horas vagas. Mas nunca lá vi nada que se parecesse com aquilo que você defende na sua crónica. Explico isto dizendo-me que ou devemos ter lido livros diferentes ou então você é mais uma vítima dessas malfadadas edições em línguas estrangeiras.

Antecipadamente grato pela publicação, subscrevo-me, com toda a consideração.

Muito Atento
Joaquim Cavaqueiro Mestre

COMENTÁRIO

Estamos perante um caso típico de responder por responder. Para salvar a honra de um convento que ninguém pensou em atacar. Um convento que se alguma coisa tem de que se queixar, é da imperícia de um seu frade entrevistado na televisão.

A contradição apontada na minha crónica do dia 12 permanece. As confusões de Joaquim Mestre não ficam resolvidas. O programa do Movimento das Forças Armadas tem um conteúdo progressista: logo há que defendê-lo ou desprotegê-lo? o programa das Forças Armadas pode ser desvirtuado pela Direita: se as forças progressistas não estivessem no Governo Provisório, em íntima colaboração com as Forças Armadas não poderia suceder algo de muito perigoso? E não terá tsido essa mesma presença no Governo que acelerou o processo do endireitismo e da sua decomposição a alto nível?

Para Joaquim Mestre estas questões de ordem prática não merecem a mínima atenção. Ele paira na cósmica abstracção dos interesses da classe trabalhadora — enquanto ficamos todos igualmente sem saber qual o real interesse da classe trabalhadora pelas abstracções de Joaquim Mestre.

..O abstraccionismo sem suspensórios corre o perigo de vir a mostrar as suas fraquezas como se nota no parágrafo relativo à guerra colonial.

Assim: está em marcha o processo de descolonização e do fim da guerra. Os organismos políticos partidários do fim da guerra colonial estão no governo para quê? Para activar ou retardar esse processo? Eu digo: para activar. Mestre não diz que estão lá para o retardar; mas diz que estão a *cobrir* com o seu nome o matar e o morrer em África. Se essas organizações saissem do governo não retardavam nem aceleravam o fim da guerra; mas ficavam com «as mãos limpas». Sendo certo que estas «mãos limpas» fazem muita vista nos salões da política; mas não servem para fazer história.

Onde viu Joaquim Mestre a minha convicção de que a política se faz apenas no governo? o simples bom senso provaria para além de qualquer juízo, que assim não é e eu nunca o poderia supor. Os comunistas e alguns outros seus companheiros de viagem demonstraram amplamente, durante toda a vigência do salazarismo e do marcelismo como se faz política: com a incomodidade, com a prisão, com o sacrifício extremo, com o sangue.

Verifica-se, pois que se se faz política fora do governo, também se pode fazer política dentro do governo. Daqui a falar-se de «governativite» vai um abismo que só pode entender-se ao nível da trágica anedota que não tem na devida conta o tempo, o local, as possibilidades.

Fique-se, pois, o MES, na interpretação de Joaquim Mestre a gozar as delícias da sua «desgovernativite» e a fazer a sua política fora do governo, nos locais de trabalho, nas zonas residênciais, nos sindicatos: aí não *gere* o capitalismo, apressa o fim da guerra colonial, faz numa barreira ao direitismo, não deixa (é o deixas!) que empalmem o Programa do Movimento das Forças Armadas. Podemos estar descansados. O MES segundo Joaquim Mestre, vela. Tal como o grilo era a consciência do Pinóquio, há quem se arrogue o direito de ser a consciência dos trabalhadores. Sem contudo ir além, no plano da História, de um tímido e desconcertante cri-cri.

E tudo certamente ficaremos a dever aos «desgovernadores», quando acabar a guerra colonial e quando os trabalhadores estiverem organizados e quando a reacção quebrar os dentes. Pior e se não quebra. Porque nesse caso, estaremos todos tramados. Os de fora e os de dentro do governo. Talvez mesmo um pouco mais os de dentro...

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Concurso documental para Preparadores de 2.ª classe

(Análises Clínicas)

Nos Hospitais Civis de Lisboa, Serviço de Pessoal do Hospital de S. José, encontra-se aberto, até ao dia 22 de Julho corrente . concurso documental para Preparadores de 2.ª classe (análises clínicas), a que corresponde o vencimento mensal ilíquido de 4.400$00, ao qual se poderão candidatar os indivíduos habilitados com o respectivo curso referido na Portaria N.º 18 523 de 12 de Junho de 1961, com idade compreendida entre os 18 e 40 anos.

HOSPITAIS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

SERVIÇO DE APROVISIONAMENTO

ANÚNCIO

Faz-se público que nos Serviços de Aprovisionamento dos Hospitais da Universidade de Coimbra, se encontra aberto o concurso público seguinte: —

Concurso n.º	Aquisição de	Caução Provisória	Abertura de Propostas	
			Data	Hora
2/74	Viaturas	10 000$00	6/8/74	15,00 horas

O respectivo caderno de encargos pode ser consultado nos Serviços de Aprovisionamento todos os dias uteis das 9,30 às 12,30 e das 14 às 17,30 horas e aos sábados das 9,30 às 13 horas.

As propostas devem ser entregues até às 16 horas do dia 5 de Agosto de 1974, nos referidos Serviços.

Coimbra, 16 de Julho de 1974

O Director de Serviços de Apoio Geral
(Aprovisionamento)
Cândido Pacheco de Araújo

um filme de LUIS BUÑUEL

a filha do engano

TALMA FILMES

estúdio

ESTREIA AMANHÃ ÀS 21.45

GRUPO C 14 ANOS

NOVO TEATRO

ESTREIA 6.-FEIRA, 19

às 21,45 h.

«OS PUTOS» DE ALTINO M. DO TOJAL

RUA DE S. BERNARDO, 60 - TELEFONE 677904 — LISBOA

Bilhetes - Preço Único: 25$00

(Espectáculo não recomendável a menores de 18 anos)

ESTE TEATRO ESTEVE IMPEDIDO DE ABRIR AO PÚBLICO PELO GOVERNO FASCISTA

ESPECTÁCULOS

GRANDE PLANO

FILMES E CENSURA

No programa impresso que o Cineclube do Porto distribuiu, no último domingo, aos seus associados, acompanhando a exibição do belo filme de Kenneth Loach, «Os Dois Indomáveis», (Kes), fazia-se uma referência ao problema dos filmes que a censura fascista amputou e que, pelos vistos, continuam a ser exibidos nessas condições. Transcrevemos, por nos parecer oportuno, o comentário do Cineclube do Porto:

. «Lemos algures que, perante a impossibilidade de reclassificar etariamente os dois mil filmes em circulação no nosso País, pois a tarefa exigiria dois anos de trabalho aturado, a Comissão «ad hoc» decidiu proibir a restituição dos cortes feitos pela censura anterior aos filmes em exibição. Ora, parece-nos que dos tais dois mil haverá possivelmente mil e novecentos cuja visão integral não viria enriquecer cultural e artisticamente ninguém. Resta, portanto, uma escassa centena, que implicaria apenas um mês de trabalho à referida comissão. E, afinal, nem isso. Pois não será certo que a quase totalidade desses filmes se encontra já classificada para maiores de 18 anos? O que impede então, a restauração da sua integridade como obras de arte? Ou dar-se-á o caso dos Cineclubes terem ainda, por muitos anos, de oferecer aos seus associados obras grosseiramente mutiladas ou falseadas na sua mensagem?»

. Tem portanto a palavra a referida comissão. Além dos cineclubes, milhares de espectadores de cinema deste país têm direito a ver integralmente os filmes feitos com honestidade que o obscurantismo mutilou, destruindo muitas vezes o seu verdadeiro significado.

JOSÉ GOMES BANDEIRA

FESTIVAL DE METZ - ALGUNS APONTAMENTOS

ULTIMA CRÓNICA

. O «Conjunto Europeu de Música Contemporânea», formado por alguns dos melhores instrumentistas actuais, foi reunido por iniciativa do grande compositor e chefe de orquestra Bruno Maderna, recentemente falecido. Michel Tabachnik dirigiu este conjunto de eleição, num concerto constituido, na sua maioria, por obras de jovens compositores: Taira, Dzierlatka e Alsina.

O japonês Yoshihira Taira apresentou uma das obras mais cativantes do Festival; uma obra lírica, poética, na linha de um neo-impressionismo rarefeito, mas não isento de contrastes expressivos. Nesta obra, cujo título é *Radiance,* um singular aproveitamento do timbre (onde uma sensibilidade caracteristicamente extremo-oriental vem entroncar com uma tradição europeia que remonta a Debussy) é servido por uma arquitectura sólida e rigorosa, liberta de esquemas tradicionais.

Quanto a *Mélodies* de Arié Dzierlatka, obra escrita por 10 instrumentistas, trata-se de uma composição bem concebida mas de escassa originalidade. Pouca subtileza no tratamento do material sonoro e uma certa «inflacção» na utilização da percussão, reduziram bastante o interesse da obra, a qual, no entanto, não é desprovida de qualidades: bastaria referir em seu abono a notável parte final, na qual um impressionante «tutti» em crescendo se pode considerar uma verdadeira «criação sonora».

Qualquer destas duas obras acima referidas não atingiu, porém, um nível comparável a *Schichten*, obra destinada a piano e percussão solistas e conjunto de câmara, da autoria de Carlos R. Alsina.

Schichten (palavra alemã que significa «estratos» ou «planos») é uma obra de uma riqueza de invenção impressionante. Com um «élan» irresistível, Alsina põe em movimento uma série de materiais sonoros que se vão intersecionando em todos os sentidos. Todos eeses materiais, tão ricos de vida interior, são dinamizados através de processos continuamente variáveis, «tecidos» com um sentido do tempo musical insuperável.

Schichten é uma obra rica de claros-escuros, de contrastes violentos, ora líricos, ora profundamente dramáticos, num encadeamento formal ao mesmo tempo rigoroso e repleto de surpresas. Particularmente notáveis são os momentos em que Alsina desencadeia movimentos de sons, formando círculos e «vagas», sonoras de grande eficácia expressiva.

Uma obra de Messiaen veio completar o programa do «Ensemble Européen de Musique Contemporaine»: *Oiseaux Exotiques*, composta em 1955-56 e destinada a piano solista e uma pequena orqueetra de sopros e percussão.

Como o próprio título indica, esta obra baseia-se no aproveitamento exaustivo de motivos melódicos extraídos de cantos de pássaros (por vários processos de estilização). Além deste material melódico, Messiaen faz uso abundante de ritmos gregos e hindus, os quais dão origem a uma complexa polirritmia que é um dos atractivos da peça.

O compositor não se limita ao tratamento composihivo dos cantos de pássaros; através de identificações simbólicas entre timbres e registos, de uma parte, e as cores existentes na plumagem dos pássaros (rigorosamente determinados), de outra, Messiaen pretende atingir uma verdadeira composição «cromofónica», e não há dúvida que (em sentido metafórico) esta obra é rica de «coloridos», de movimentos e tonalidades de «cor».

A obra é dividida em 13 partes, a partir de um plano onde as simetrias ocupam papel relevante. O início e o final da obra são caracterizados por uma estrutura homofónica, sendo de realçar, na coda terminal, as repetições implacáveis que contribuem para a criação de um clima sonoro vigorosamente expressivo.

No último concerto do Festival, Shockhausen apresentou a sua obra quiçá mais ambiciosa, mais fascinante e mais surpreendente de quantas ele tem criado até hoje: *Hymnen,* na sua versão original para sons electrónicos e quatro solistas instrumentais: percussão, piano, electrocórdio e electrónio.

Os *Hymnen*, cuja duração total é de 113 minutos, divide-se em quatro regiões, dedicadas respectivamente a quatro figuras-chave da música actual: Pierre Boulez, Henri Pousseur, John Cage e Luciano Berio. Se analisarmos ou escutarmos atentamente cada uma das quatro regiões, verificaremos que as referidas dedicatórias não são meramente fortuitas, mas sim correspondem a uma «apropriação» de certas características técnicas, estéticas, e ideológicas de cada um dos referidos compositores, diluídas e filtradas pela personalidade de Stockhausen, integradas e amalgamadas numa gigantesca e genial síntese.

Não quer isto dizer que Stockhausen parta de bases técnicas alheias e muito menos de citações daqueles compositores; a obra revela uma extraordinária unidade e o pensamento, a sensibilidade, o «gesto» próprio do seu autor estão presentes a cada momento. Stockhausen desenvolve livremente certos princípios de diversas proveniências, apropriando-se deles, fazendo-os seus e conferindo-lhes um cunho particular e inconfundível.

Toda a obra é germinada em torno de uma série de hinos nacionais, sobre os quais o compositor exerce um tratamento especial de transformação: processos de alargamento, deformação, metamorfose, sobreposição, encurtamento, transposição, etc. A primeira região tem dois centros: a «Internacional» e a «Marselhesa»; a 2.ª região começa por uma longínqua recordação da «Marselhesa» e articula-se sobre quatro centros: o hino alemão, vários hi.os africanos misturados e alternando com o início do hino soviético; a 3.ª região inicia com o hino soviético no registo extremo-grave com a máxima expansão harmónica e rítmica, seguido pelo hino americano e terminando com o hino espanhol; finalmente a 4.ª região é baseada sobre o hino suiço, sobre o qual Stockhausen elabora as mais surpreendentes transformações que imaginar se pode.

Com a audição-vivência desta obra insuperável, atingiu o 2.º Festival de Metz o seu momento culminante. Os *Hymnen* constituem também, para além do mais, uma extraordinária manifestação do poder criador da cultura contemporânea, abrindo perspectivas de futuro incalculáveis.

UMA «MAXI» MINI-REVISTA
NUA e CRUA!
TEATRO LAURA ALVES
NA RUA DA PALMA
Telefone 864756
Interdito a menores de 18 anos
HOJE: 2 SESSÕES
20.45 e 23 horas
Domingos «matinées» 16 h.
Poema Carlos Leo, música de Manuel da Maia, Pedro Osório e Hilário Sanches

À PAI ADÃO
FERNANDA BAPTISTA
Vítor Rosado, Maria H. Silva, Rosita Afonso e Manuel Vargas
«BALLET» INGLÊS
THE RAINBOW SELECTION
Atracção internacional
SÉRGIO e MADI
Fátima Castelar e João Callaty
os modelos Tina / Helena Sandra / Cecília
Direcção musical Hilário Sanches
PRODUÇÕES ARTISTAS UNIDOS
Direcção coreográfica de Mário Santiago
2.ª FEIRAS: DESCANSO

Teatro Maria Matos
A R. T. P. apresenta
«PORTUGUÊS, ESCRITOR, 45 ANOS DE IDADE»
de Bernardo Santareno
Todos os dias às 21.45 horas
Domingos, «matinée» às 16 horas
Segundas-feiras descanso da Companhia
AR CONDICIONADO
Bilhetes à venda
Telef. 71 70 17
Interdito men. 13 anos

MATERIAL FOTOGRÁFICO
Agora sim, de filmar projectar das famosas marcas Canon, Eumig, Asahi, Olimpus, Mamiya, rolos col. a preços de sensação.
«GALERIAS ROLDÃO» Av.ª Almirante Reis, 13 - E
Telef. 57 01 80

TEATRO MUNICIPAL DE S. LUIZ
A COMÉDIA MUSICAL DA BROADWAY
HOJE, ÀS 21.45 HORAS
THE FANTASTICKS
COM
DIANE TODD MATT ZIMMERMAN GORDON CLYDE
TERENCE CONOLEY — DAVID BROWNING — LIONEL TAYLOR — MINOO GOLVALA — MICHELE HARDY
A comédia musical de maior sucesso em todo o Mundo — Directamente de Lisboa (com o patrocínio da C. M. L.)
★
IV VERÃO INTERNACIONAL DE DANÇA
APRESENTA NO
TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS
De 23 a 27 de Julho, às 21.45 horas
Dia 26, às 18.30 horas
A BELA ADORMECIDA
de TCHAIKOWSKI
(APRESENTAÇÃO INTEGRAL — 4 ACTOS)
numa produção cedida pelo THÉATRE MUNICIPAL DE MARSEILLE com as ESTRELAS — SOLISTAS — CORPO DE BAILE — do
SUMMER FESTIVAL BALLET
A BILHETEIRA DO S. CARLOS ABRE NO DIA 18 ÀS 13 HORAS

ESPECTÁCULOS

CRÍTICA DE CINEMA

LAURO ANTÓNIO

"O CINEMA PROIBIDO"

Com início no passado dia 15, principiou no cinema Império, numa organização da Casa da Imprensa, o seu XI Ciclo, este ano dedicado ao tema *«O Cinema Proibido»*, constituído por 16 antestreias de filmes que *«haviam sido alvo da censura fascista»*. A organização deste ciclo esteve a cargo de Eduardo Geada, de que se verá, no último dia do certame, *Sofia e a Educação Sexual*, filme que, por acaso, não parece ter sido vítima da censura fascista (dado que não se encontrava terminado em 25 de Abril). Igualmente *Disparem Sobre o Pianista*, de François Truffaut, nunca mereceu a «proibição» do anterior regima. Mas considerações deste género, reservá-las-emos para um comentário final. Para já portanto, algumas referências breves aos filmes pela ordem por que vão sendo apresentados. Referências curtas, dado que todos os filmes exibidos neste *Ciclo* se encontram desde já comprados para futura exibição comercial no nosso País, pelo que o desenvolvimento destes comentários terá lugar aquando da estreia dos respectivos filmes.

1. *DR. STRANGELOVE, de Stanley Kubrick (EVA,1966), com Peter Sellers, George C. Scott, Sterling Hayden, etc.*

O filme de Stanley Kubrick (autor, entre outras, de películas como *Spartakus, Lolita, 2001-Odisseia no Espaço*, além de *Horizonte de Glória* e *Laranja Mecânica, ambos igualmen*proibidos pela censura fascista), alerta-nos, sob a fórmula de sátira levada ao absurdo das consequências últimas para os perigos de um desastre nuclear, dado o índice de falibilidade das medidas de segurança utilizadas, perante o gigantismo da tecnologia bélica. Kubrick explica: *«Trata-se de um filme que mostra um general louco que lança bombardeiros atómicos sobre um país adversário. A partir daí, o mundo começa a levar as coisas a sério, só que é um pouco tarde.»*

Dr. Strangelove vê a sua acção polarizada em três cenários diferentes, mas convergentes através da acção da montagem em paralelo: uma base militar, isolada, onde se encerrou o general louco; uma sala do Pentágono, onde o presidente dos EUA e os seus conselheiros militares tentam remediar a sabotagem; o interior de um bombardeiro que depois de ter recebido ordens para dar cumprimento ao *«plano de ataque R»*, se precipita para o interior da União Soviética, com a finalidade de bombardear objectivos militares. Da conjugação das situações nestes três locais, nasce o suspense desta obra de humor corrosivo, brilhantemente interpretada por Sterling Hayden (o general louco), Peter Sellers (em três papéis: adjunto de Sterling Hayden, presidente dos EUA e dr. Strangelove, um técnico alemão, meio *robot*, com um teimoso braço direito que não se cansa de se projectar para a frente, na saudação nazi).

Onde, porém, o filme de Kubrick se afasta de obras como *Sete Dias em Maio* ou *Missão suicida* (ambas de ficção política, com intenções idênticas, mas resultados muito mais discutíveis e, seguramente, menos agressivos), é, todavia no tom de humor escolhido. Kubrick não perde uma oportunidade para sublinhar subtilmente um efeito: o piloto do bombardeiro cai sobre a terra russa cavalgando uma bomba nuclear, tal como um vulgar *cow-boy* dos tempos idos; toda a carga simbólica de figuras como o general louco (e a sua teoria da ameaça bolchevista: a degenerescência dos fluídos corpóreos!) ou o dr. Strangelove; a crítica ostensiva ao militarismo inconsciente (George C. Scott, depois de desencadeada a crise, já com os bombardeiros a caminho da URSS, justifica o aproveitamento desta medida, dado que, uma ocorrência daquele tipo apanharia os soviéticos desprevenidos e permitiria acabar com o seu poder, com um mínimo de perdas humanas: *«qualquer coisa como 120 milhões de soviéticos e 20 milhões de americanos»*; sobretudo o fabuloso bailado final, quando sucessivas explosões nucleares se fundem num apocalíptico cogumelo de destruição, tendo como banda sonora uma romântica valsa (sequência que está na origem de certas ideias desenvolvidas posteriormente em 2001). Resumindo, diremos que se trata de um filme notável, um dilacerante documento da angústia nuclear, atirada à cara do público pelo talento algo cabotino de um mestre do cinema contemporâneo. *A Laranja Mecânica*, comprová-lo-ia, se necessário fosse.

2. *A COLECCIONADORA, de Eric Rohmer (França, 1966), com Haydee Politoff, Patrick Bauchau, Alain Jouffroy, etc.*

Rohmer rodara seis contos morais de que o público português conhecia já *A Minha Noite em Casa de Maud, O Joelho de Claire* e *O Amor às Três da Tarde. A Coleccionadora* é o segundo imediatamente posterior a *Le Signe du Lion*, que continua ainda inédito e anterior a todos os demais. Fala Rohmer: *«O que me interessa é mostrar os seres e que o homem é um ser moral.»*

A Coleccionadora, começa com três prólogos, durante os quais são apresentados os três protagonistas: Haydee, Daniel e Adrien. Depois, a história funcionará com centro em Adrien, a figura sobre que rodará a obra. Adrien e Daniel refugiam-se numa vivenda isolada na província francesa para gozarem umas férias, quando aparece Haydèe, uma estranha rapariga que acaba por perturbar os projectos de repouso de Adrien.

À boa maneira dos demais filmes de Rohmer, *A Coleccionadora* vive fundamentalmente de um jogo de relações e sentimentos que se estabelecem entre as diversas personagens. Um jogo de atracção e repulsa, de aproximação e fuga, de conquista e deserção. Um jogo interiorizado, intelectualizado, expresso por uma torrente de conceitos e palavras criteriosamente seleccionadas para o efeito. Rohmer é um exemplar lídimo de uma certa cultura francesa que se compraz com o jogo fútil do vazio, da desocupação, do lazer. O jogo burguês que legitima a preguiça em termos altamente filosóficos, como contestação de uma sociedade altamente industrializada, que se consome a si mesma, da mesma forma que devora conceitos e valores arcaicos. *A Coleccionadora* é isto e só isto. Um jogo fascinante por vezes, entediante na generalidade. Um jogo que, ainda por cima, aceita cumprir as regras morais, subvertendo-as por vezes, para logo de seguida melhor as delimitar.

Plásticamente muito belo, com uma fotografia envolvente de luz de Nestor Almendros, *A Coleccionadora* define com segurança as virtudes e os limites do austero cinema de Rohmer. Curioso, mas só isso...

O FILME DE HOJE

. «São Bernardo»: é o título do filme de Leon Hirszman, a apresentar hoje no Ciclo de Cinema da Casa da Imprensa, este ano dedicado ao tema «O Cinema Proibido», incluindo assim uma série de filmes que estavam proibidos ou que tinham sido bastante mutilados pela censura fascista. Neste caso, trata-se de um filme brasileiro que aborda problemas relacionados com o poder e a influência dos grandes latifundiários do Nordeste do Brasil.

•

Considerado pela crítica internacional como uma obra decisiva no panorama do novo cinema brasileiro, «São Bernardo» é apresentado em duas sessões, às 15 e 15 e às 21 e 30, no cinema Império. Entretanto, o Ciclo prossegue amanhã com a exibição de «Inquérito a um Cidadão Acima de Qualquer Suspeita», de Elio Petri, com Gian Maria Volonté e Florinda Bolkan.

os astros e as viagens

ARIES *de 20/3 a 20/4*

Amor: O seu brio e humor habituais já não têm o mesmo sucesso. Ganhara em amizades profundas aquilo que perder em amores ligeiros. Os Capricornius têm grande necessidade de si.
Saude: Os seus nervos são de aço. Contudo, não abuse do café.
O nosso conselho: **Procure o contacto com aqueles que necessitam de si. Alargue o seu campo de convivências. Torremolinos ou Palma de Maiorca são locais ideais para si.**

LEO *de 23/7 a 22/8*

Profissão: Esqueça a sua insatisfação porque lhe estão reservadas surpresas agradaveis. Reserve curtos trabalhos para mais tarde, e ocupe-se, sobretudo de questões pessoais.
Vida social: Faça visitas, organize encontros, crie à volta de si uma atmosfera agradavel.
Saude: Ponha os nervos para tras das costas e distraia-se.
O nosso conselho: **Saia de dentro de si mesmo e procure ser outra pessoa. Passe umas ferias na Corsega.**

SAGITARIUS *de 22/11 a 21/12*

Amor: Seja mais fantasista na sua vida sentimental. Grandes oportunidades de encontrar um amor especial.
Profissão: Seja perseverante no seu trabalho uma vez que o êxito esta para breve. Não assine contratos ou documentos sem os reler cuidadosamente.
Saude: Durma mais para uma maior recuperação.
O nosso conselho: **Lute pela sua felicidade. Avizinha-se um futuro bastante melhor. Umas ferias na tranquila Corsega recupera-lo-ão.**

TAURUS *de 21/4 a 20/5*

Amor: E possivel que um sentimento, nascido o mês passado, modifique a sua vida muito profundamente.
Profissão: Probalidades de melhoria de posição. Aguarde o desenrolar dos acontecimentos.
Saude: Riscos de insonias. Você precisa de respirar ar maritimo.
O nosso conselho: **O seu futuro e promissor, tanto no campo afectivo como profissional. É uma questão de tempo. Entretanto cuide da sua saude. Faça uma viagem ao passado conhecendo a Grecia.**

VIRGO *de 23/8 a 22/9*

Amor: Existe um pequeno conflito entre o amor e a amizade, tente conciliá-los.
Profissão: Futuro promissor. Entradas de dinheiro.
Saude: Trate dos seus rins.
O nosso conselho: **Conduza-se duma maneira diferente. Pense, tambem, nos outros. Parta à descoberta dum paraiso longinquo, e leve o seu ser amado. Viva uma segunda lua-de-mel num Cruzeiro no Reno.**

CAPRICORNIUS *de 22/12 a 20/1*

Amor: So tera a lucrar, neste campo, se usar de uma atitude compreensiva. Aproveite o momento para corrigir a sua maneira de ser.
Profissão: Tera boas oportunidades para cuidar dos seus interesses financeiros. Não se deixe dominar pela ociosidade ou pela apatia.
Saude: Cuide do seu coração. Faça exercicio.
O nosso conselho: **Abandone as actividades rotineiras. A sua hipotese de êxito surgira dos novos contactos que tiver. Passe uns dias de sol e alegria no Algarve.**

GEMINI *de 21/5 a 20/6*

Vida social: Confie nos Aries e Leo. Eles serão partidarios excelentes, junto dos nucleos que lhe interessam.
Amor: Você esta demasiadamente acomodado, o que lhe da uma certa monotonia. Surpresas estão-lhe reservadas. Escolha com discernimento.
Saude: Pratique desportos.
O nosso conselho: **Procure um ambiente que lhe propicie movimento. Depois, virão as grandes surpresas da sua vida. Viva o sol a alegria e a vida de Palma de Maiorca.**

LIBRA *de 23/9 a 22/10*

Profissão: Seja menos influenciavel. Você perde uma parte das suas oportunidades aceitando a intrusão de outros nos seus julgamentos e actos.
Amor: O capricornius interessa-lhe, sobretudo, quando e artista, e intelectual, o que corresponde às suas aspirações.
Saude: Bom equilíbrio psico-fisico.
O nosso conselho: **Actue com mais decisão. So tem a ganhar com isso. Procure conhecer novas gentes. A vida agitada de Londres Torna-lo-a mais activo.**

AQUARIUS *de 21/1 a 19/2*

Amor: Um conhecimento antigo do signo Sagitarius pode tornar-se importante para si.
Trabalho: Tem francas possibilidades de ganhar dinheiro se a sua profissão se relacionar com arte, comercio ou relações publicas. Saude: Evite tomar medicamentos desnecessários.
O nosso conselho: **Vai ter um mês agitado e agradavel. Aproveite-o bem. Conheça as agradaveis surpresas que um Cruzeiro à Italiana lhe pode proporcionar.**

CÂNCER *de 21/6 a 22/7*

Amor: As ferias trar-lhe-ão uma mudança de clima sentimental. E preciso pensar, primeiro que tudo, no seu casamento.
Profissão: Não tenha receio de redobrar de actividade. A lentidão ja não e rentavel na vida moderna. Você consegui-lo-a.
Saude: Um choque psicologico ou uma decepção, afectara as suas funções digestivas.
O nosso conselho: **Para poder adquirir um novo ritmo de vida, primeiro faça ferias. Depois vira com uma nova vontade. Vá num aliciante Cruzeiro às Ilhas do Atlântico e nascerá, em si, uma nova fonte de vida.**

SCORPIUS *de 23/10 a 21/11*

Amor: O seu destino esta seguro por 4 planetas, significando: amor, intuição, musica e alegria. Vai ter grandes surpresas.
Vida Social: Jupiter e Marte, sorriem-lhe. Pode agir em qualquer direcção porque os astros protegem-no.
Saude: Evite os excessos. Dê passeios.
O nosso conselho: **Aproveite esta feliz conjugação dos astros e goze a vida. Va conhecer um mundo diferente num Cruzeiro à Indonesia.**

PISCIS *de 20/2 a 20/3*

Amor: Tera necessidade de procurar alguem com quem se dê bem. A sua felicidade pode estar nos Taurus.

Vida Social: O seu incomparavel espirito de condução de massas trar-lhe-a momentos de grande alegria. Tente manter o seu nivel e conduta. Sera sempre bem aceite.
Saude: Não faça esforços extenuantes. Fume o menos possivel.
O nosso conselho: **Mantenha o seu equilibrio e desenvolva o seu campo criativo. Para isso, procure novos horizontes. A historica Grecia espera por si.**

que aconselha o seu signo?

A viagem do seu horóscopo faz parte dos nossos programas. Que, também, incluem outras aliciantes sugestões. Consulte-nos. Será o primeiro passo para a realização dos seus projectos.

OREY, ANTUNES
os peritos em viagens e turismo
Praça Duque da Terceira, 4 – Tels. 36 60 56 / 36 22 66 – Lisboa 2

GERAL

ALGODEX NÃO CANCELOU INVESTIMENTOS

A Fábrica de Algodão da Malveira — Algodex — remeteu-nos o seguinte esclarecimento a uma notícia publicada no nosso jornal sob o título «Preencher o vazio e evitar roturas — investimento cancelado»:

Com efeito, projecta-se a construção de instalações de armazenagem como a notícia refere, o que implica, como é natural, a obtenção dos necessários financiamentos.

Nesse sentido, aguardou-se a regulamentação do art.º 15.º do Decreto-Lei n.º 217/74 e, uma vez esta conhecida, imediatamente se estabeleceram contactos com vista à obtenção de créditos.

A adjudicação das obras far-se-á tão depressa quanto esses contactos tenham conduzido a resultados positivos, o que se espera aconteça a curto prazo.

Outros investimentos se tornam ainda necessários, no campo do reapetrechamento técnico da unidade fabril da empresa, que não pode ter, como é lógico, outra intenção senão realizá-los, quando os necessários estudos técnico-económicos estejam concluídos e os correspondentes meios financeiros tenham sido assegurados.

Não houve, pois, qualquer cancelamento de investimentos (o que seria, contraditório, dada a necessidade das instalações projectadas) nem se verifica, da parte da empresa, qualquer atitude de «retraimento negativo».

AS CONDIÇÕES DE TRABALHO EM R.A.F.BUDD, LDA

Do sr. R.A.F.Budd, industrial estabelecido em Alhos Vedros, recebemos o seguinte esclarecimento a uma reportagem publicada no nosso jornal no passado dia 9:

«Em primeiro lugar, somos exportadores. — exportamos a totalidade dos nossos artigos para 28 países e trazemos para Portugal cerca de 20 mil contos por ano.

Em Maio 1974 — por razões fora do n/controlo — a n/produção baixou para aproximadamente 25 por cento do normal, apesar de termos concordado com os novos salários para os n/trabalhadores. Em Junho último a n/produção era cerca de 48 por cento do normal.

Não exigimos — como V. S.as afirmam — aos n/trabalhadores para dobrar a sua produção, o que nós pedimos foi para se voltar à produção normal (cerca de 1000 peças por dia útil de trabalho), como já o fizeram em 1972 e 1973. Esta produção normal de 1000 peças por dia é perfeitamente razoável e pode ser mantida se cada trabalhador se aplicar com vontade e eficiência.

Com o fim de estabelecer exportações e continuarmos a exportar, as mercadorias devem ser de bom desenho e convenientemente manufacturadas. Os compradores não aceitam «artigos mal feitos» e deste modo empregamos os n/esforços para produzir artigos perfeitos para os n/clientes estrangeiros. Quando encontramos uma operária cometendo erros, corrigimo-la e se esses erros continuam, chamamo-la ao escritório para explicar que ela deverá trabalhar como deve ser, porque não podemos exportar mercadoria de fabricação deficiente.

Se o erro da operária é grave, a sua falta, (de acordo com a lei), é registada no «Livro de Sanções».

É óbvio que, com os novos salários e um sempre aumento de despesas gerais, cada operário deve esperar fazer «um dia honesto de trabalho para um dia honesto de pagamento». Empresa alguma pode continuar a pagar salários e despesas mais elevadas quando a produção é de 25 por cento a 48 por cento do normal. A produção deverá voltar à produção normal de 1972 e 1973 se as empresas puderem continuar a trabalhar de maneira normal.

As n/operárias trabalham em condições ideais — instalações modernizadas com bastante luz e espaço. Música em certas ocasiões do dia.

O povo local sabe isto e numerosas mulheres se têm apresentado a pedir trabalho durante o decorrer da última semana.

No v/artigo de 9-7-74, V. S.as levantam o problema de Idalina Severino (que foi despedida com justa causa). Foi averiguado que sua mãe nos pediu para ser recebida para lhe explicarmos as razões da demissão de s/filha. A mãe de Idalina não quis olhar aos artigos mal feitos, colocados perante os seus olhos (os quais estão preparados para se mostrarem a qualquer pessoas), mas apenas para apelidar os Directores da Companhia e o Contabilista de «Fascistas».

Como sócio-gerente gostaria de lhes dizer que dispendi toda a minha juventude a ser bombardeado em Inglaterra pelos fascistas. E como capitão do Exército britânico, dei cinco anos da minha vida lutando contra o fascismo na Europa e no Oriente. Aparte os normais riscos da guerra, fui atacado de desinteria e malária — trinta anos decorridos, ainda sofro os efeitos destas doenças!

Finalmente é de esperar que a gerência e os trabalhadores da empresa possam agora trabalhar em melhor harmonia para a obtenção de cada vez mais exportações, as quais só poderão beneficiar o futuro económico de Portugal.»

COMÍCIO DO MOVIMENTO PRÓ-DIVÓRCIO

O Movimento Nacional Pró-Divórcio organiza, depois de amanhã, em Évora, mais um comício de esclarecimento sobre os objectos que prossegue e as razões em que se apoia.

Este comício, marcado para as 21 e 30 no Teatro Garcia de Resende, conta com a intervenção de sete oradores, um deles cónego na cidade de Coimbra.

A sessão será aberta pelo delegado da Comissão em Evora, sr. Jesuíno dos Santos Carrageta, posto o que fala o primeiro orador, eng. Armando Oliveira Soares, presidente do Movimento. Os restantes oradores são, por ordem: eng.º Armando Oliveira Soares, dr. Batista Carvalho, advogado de Coimbra, D. Maria Estrela Gaspar, delegada de Coimbra, dr. Alberto Jordão Marques da Costa, advogado, dr. Leão Franco, advogado de Lisboa e dr. Urbano Duarte, cónego na cidade de Coimbra.

O turismo no Algarve tem de passar pelo bem-estar dos seus habitantes

-opinião do engº Velho da Costa

Num restaurante do Bairro Alto, encontrámos o eng.º Velho da Costa, que foi amigo do fundador do nosso jornal e frequentador assíduo desta Redacção. Há muitos anos que o eng.º Velho da Costa se dedica ao estudo do desenvolvimento do turismo algarvio, nomeadamente da Praia da Rocha sobre a qual, juntamente com o saudoso dr. Joaquim Manso e outros, se empenhou numa propaganda intensa, bem como do triângulo turístico Praia da Rocha, Sagres, Monchique. Durante uns poucos de anos, foi feita intensa campanha nesse sentido nas colunas deste jornal, conseguindo-se desta maneira o impulso inicial à canalização de turistas para aquela zona algarvia. Aproveitámos, por isso, a oportunidade para o ouvir sobre o actual momento turístico no Algarve.

— Que nos pode dizer sobre o progresso do turismo algarvio durante os últimos anos? — começámos por perguntar ao eng.º Velho da Costa.

— Sinto-me cansado de lutar contra a incapacidade estrutural de realização e contra as deficiências das coisas. Por isso, já dei por terminada toda a iniciativa e trabalho que dediquei ao planeamento progressivo e metódico daquela linda região turística do País, principalmente como estância de Inverno. Duarte Pacheco também viu claramente o futuro que está reservado ao Algarve como centro turístico e comigo trocou impressões por diversas vezes a este respeito. Passados os anos, perdeu-se grandemente o ritmo com que se podia ter equipado o Algarve, para se poder canalizar para lá com ordem, método e segurança, o turismo europeu que (principalmente durante o Inverno) procura um clima suave. Simultaneamente os melhoramentos das comunicações, terrestres e marítimas (o que paralelamente podia contribuir muito, não só para o desenvolvimento económico da Província mas também para o bem-estar dos seus habitantes) tem estado praticamente parado há uns poucos de anos. Na verdade não temos um único porto ou estradas devidamente acabadas ou apetrechadas para receber turistas que se possam equiparar, pelo menos, com o que se passa hoje na nossa vizinha Espanha, não falando da Riviera Francesa ou Italiana. Tem-se gasto muito dinheiro, mas como só num regime democrático é possível progredir economicamente e para o **bem de todos**, levamos ainda um grande atraso em comparação com as estâncias mais desenvolvidas da Europa e corremos o perigo iminente de perder os relativos poucos turistas que de momento se canalizam para o Algarve, quase todos por via aérea.

— Quais são as razões principais a que atribui esse perigo?

— Em primeiro lugar, o turismo de hoje exige uma mínima segurança nas condições higiénicas, no apetrechamento urbanístico e hoteleiro, e rapidez para se poder deslocar de um lugar para o outro. Quaisquer destas condições encontram-se atrasadas na nossa Província, principalmente a higiénica, que pode de um momento para o outro paralisar totalmente o movimento turístico.

— E quanto às estradas?

— Como atrás disse, não temos uma única que se possa equiparar ao que existe pela Europa afora. Basta dizer que geralmente o turista gasta duas horas de avião entre o aeroporto de Faro e os centros mais importantes estrangeiros. Depois, desperdiça quase o mesmo tempo, se não mais, para se deslocar para o Barlavento ou Sotavento Algarvio. Não se pretende sugerir que devemos dar andamento desde já à construção de auto-estradas, o que considero neste momento extemporâneo e economicamente ruinoso, principalmente devido aos enormes encargos que estas obras vão causar à economia do País. Este é mais outro exemplar de má economia do Governo anterior, pois deve-se primeiramente acabar as estradas existentes que, por exemplo, foram iniciadas por Duarte Pacheco há mais de 30 anos e que ainda se encontram por concluir, o que representa um grave prejuízo para a economia do País. Além de tudo o mais, a abertura de uma auto-estrada, como é do conhecimento de todo o engenheiro economista, só se justifica depois do volume do tráfego nas estradas existentes estar criando grande congestionamento em quase todo o seu percurso, o que em Portugal por agora acontece tão somente à volta das maiores cidades. E isto principalmente por não terem sido alargadas as suas aproximações, nalguns casos, ou construído derivações à roda destes núcleos conforme se está fazendo em Espanha e em vários outros países. Quanto a portos onde se possa descarregar com rapidez e segurança turistas, é a coisa que no Algarve ainda não existe, mas creio que está previsto iniciar-se a toda a hora obras importantes no porto de Portimão.

— Que há então a fazer, na sua opinião, para se conseguir melhorar este estado de coisas?

— É naturalmente necessário colocar à frente das autarquias locais gente dinâmica, competente e que trabalhando democraticamente, isto é, ouvindo e discutindo abertamente com todos os interessados os trabalhos que devem ser atendidos pela ordem de maior importância, procurem a sua execução, de maneira que venha beneficiar e contribuir para o melhoramento geral da economia da província, e não como se tem encarado há uns poucos de anos a maior parte das obras, que só têm beneficiado uma minoria, em prejuízo dos restantes, o que significa dizer, em prejuízo da província. Temos por exemplo o planeamento e abertura de algumas obras e ruas, avenidas que estavam indicadas e orçamentadas em milhões de escudos e que iam satisfazer os interesses de meia dúzia de industriais que procuram atender aos seus interesses particulares, ou defender os seus capitais. Desta maneira têm-se desperdiçado muito dinheiro há uns poucos de anos, ficando para trás melhoramentos que deveriam sempre ser atendidos prioritariamente, e causando avultados prejuízos a outros. Como recentemente foram constituídas novas Comissões Administrativas pelo País, compostas de gente mais representativa dos interesses superiores da província, é muito provável que se consiga dar um impulso importante ao desenvolvimento económico e beneficiar grande número de pessoas, elevando o seu nível de vida e proporcionando mais segurança e maior conforto ao turismo nacional e estrangeiro. É pois de esperar que melhorando desta maneira o ritmo de desenvolvimento geral, o que só se pode conseguir dentro dum regime democrático, o País possa agora diminuir consideravelmente a diferença que ainda existe no nível de vida dos seus habitantes, em comparação com os mais desenvolvidos da Europa.

DIZEM OS LEITORES

VIDA DIGNA PARA OS CANTONEIROS

Porque será que o sol radioso do dia 25 de Abril não veio trazer luz e alegria aos cantoneiros da Junta Autónoma de Estradas?

Não são nenhuns apátridas esses trabalhadores do Estado, que quem percorre as estradas do nosso País vê, a trabalhar e ajudar os transeuntes debaixo dos maiores calores ou intempéries. A sua alimentação não passa de um simples naco de pão com qualquer coisa de conduto, tendo por cadeira o chão e por mesa os joelhos, alimentação essa que o cão de qualquer rico a rejeitaria. Como podemos ser saudáveis quando aos 50 anos estamos quase inutilizados.

Temos vivido tantos anos só de promessas, mas cada vez nos distanciamos mais de outras classes quanto a salário.

Não é por falta de não termos reclamado os nossos direitos, isso nos tempos do governo derrubado pelos nossos bravos irmãos militares, como por meio de cartas, exposições, jornais, etc., e os salários não passaram de 2500$00 a 2700$00 ilíquidos. Já para o ministro do trabalho, do Governo Provisório, foi enviado em 26 de Junho por mim uma carta registada expondo a nossa situação.

Não pedimos muito, pedimos que nos equiparem ao pessoal especializado de empresas particulares ou à GNR, GF e PSP.

Não é com o salário que temos que nós iremos ter uma vida digna de verdadeiros portugueses e servidores do Estado. António Rodrigues (Castro Verde).

CHACINA DA CAÇA

Um caso gravíssimo está a passar-se na Granja de Mourão com a caça, e que é uma flagrante e gritante injustiça aos intentos do novo regime português.

Deslocámo-nos em passeio à Granja de Mourão qual não foi o nosso espanto ao verificar que um grupo de caçadores andava a caçar em terreno livre, no sítio do Carvoeiro, pertencente ao sr. eng.º Madruga, perante o olhar complacente do guarda da coutada do sr. Guilherme Gião. Todos traziam coelhos à cintura e um deles trazia sete, segundo foi por nós verificado.

Naturalmente indignados com tal atitude, perguntámos qual a razão de tal chacina, ao que fomos informados que tinham autorização para caçar de espingarda, de furão, com redes à espera, a qualquer hora do dia ou da noite. Esta autorização dizem que foi passada pelos Serviços Aquícolas e que tem validade desde 2 de Maio até 30 de Setembro de 1974.

Apelamos urgentemente para as autoridades competentes para fazerem parar imediatamente tal chacina. Joaquim João (Falcão); José García (Mantas); Jaime Vicente da Encarnação; Carlos Augusto; Raul Ferreira, e Joaquim Saloio.

OS TELEFONES CONTINUAM NA MESMA

Poucos dias após o **25 de Abril**, escrevi a reclamar contra o excessivo aumento do aluguer dos aparelhos telefónicos, que afecta grandemente as classes mais modestas. Verberava com algumas palavras cáusticas esse facto, sem deixar de recordar que fora uma das «heranças» que o fascismo nos deixou. Ainda hoje tentei fazer alguns telefonemas, sem qualquer resultado, não só da minha residência, como de dois estabelecimentos comerciais próximos. Como foi aprovado antes do fim de Maio um diploma que extinguia os conselhos de administração, fiscal e geral dos C.T.P. e T.L.P., sempre julguei que se poderia alimentar alguma esperança.

Que ao menos nos dêem a liberdade de falar por intermédio desse «fiscal» da Companhia e que não nos obriguem a pagar a presença de um traste, que na maioria dos casos nos é inútil e que quase todos os meses abusa da nossa paciência e da nossa algibeira, fazendo-nos pagar mais do que devemos.

Ou será que o 25 de Abril ainda não chegou aos T.L.P.? — (Edmundo Motrena (Moscavide).

COMBOIOS DIRECTOS NA LINHA DE SINTRA

O problema que se levanta já tem cabelos brancos mas o que é certo é que até à data ainda não foi solucionado.

Analisando a distância quilométrica entre Lisboa-Cascais e Lisboa-Sintra verifica-se que a diferença é mínima.

Sabendo ainda que tanto uma como outra linha são modernas e oferecem garantias e que a propriedade das mesmas é de diferentes pessoas, pergunta-se:

a) Porque é que o comboio Lisboa/Cascais demora 32 minutos e o de Lisboa/Sintra 45?

b) Porque é que não há comboios directos na linha de Sintra?

c) Porque é que os comboios na linha de Sintra andam **sempre atrasados?**

d) Porque é que existem prepotências tais como: não partida de comboios, mudanças de linha, sem que o público seja avisado, nos comboios da linha de Sintra?

Enquanto na linha de Cascais os comboios sofrem atrasos de 1 a 2 minutos, na de Sintra sofrem, normalmente, atrasos de dez e mais minutos. Porquê?

Na linha de Sintra, enquanto o comboio está parado, dá tempo para um indivíduo ir tomar uma bica e voltar conseguindo ainda apanhar o comboio. Ao arrancar, parece temer magoar os carris, quando rapidamente poderia atingir a próxima estação.

Não se compreende por outro lado que não haja comboios directos na linha de Sintra, até Queluz ou Cacém, à semelhança do que acontece na linha de Cascais.

É urgente que os senhores engenheiros da CP comecem a pensar em ajudar o povo, e só o podem fazer de uma maneira. **É diminuir-lhes o tempo que demoram para chegar aos empregos;** — CARLOS SERAFIM (CACÉM).

NACIONAL

M.F.A. no Governo: garantia de descolonização

«Estou convencido de que este Governo representa um reforço da democracia, na medida em que dá todas as garantias de cumprimento estrito do programa do Movimento das Forças Armadas» — declarou-nos esta manhã o dr. Mário Soares secretário-geral do Partido Socialista e ministro dos Negócios Estrangeiros do Governo Provisório.

Tranquilizando os espíritos contra os receios de que tão elevado número de militares no Governo pudesse eventualmente orientá-lo para um regime de força, Mário Soares precisou:

«O facto de haver muitos militares no Governo não me impressiona desfavoràvelmente, porque todos eles são qualificados dirigentes do Movimento de 25 de Abril, homens portanto que deram provas de serem democratas consequentes e adversários da ditadura. Ora o Exército interveio na política para pôr termo à ditadura fascista e à guerra colonial e portanto a presença destes representantes do MFA dá ao Povo Português uma garantia suplementar de que esses objectivos serão atingidos rapidamente.»

ACONTECEU NUM BAIRRO DA LATA...

Uma menor de 13 anos dirigiu-se ontem à tarde, ao Governo civil, onde contou que, após a morte de sua mãe, ocorrida há cerca de um mês, o pai a forçava a manter com ele relações sexuais. E a coacção surgia sempre sob a forma de uma ameaça: ... **Ou deixas ou corro-te a ti e ao teu irmão daqui para fora da barraca!**

O irmão é gémeo com Maria. A barraca fica situada na Quinta do Morgado. E o pai, já sob prisão, tem 37 anos e é vendedor ambulante. A história, essa é uma constante dos bairros da lata, habitados por gente para quem a vida é uma luta sem amanhã.

Segundo o Partido Comunista

O novo Governo tem melhores condições para pôr fim à guerra colonial

«O novo Governo tem melhores condições que o anterior para pôr em prática o Programa do Movimento das Forças Armadas, fazer face às manobras e conspirações da reacção, prosseguir a democratização, pôr fim à guerra colonial e conduzir o País até à realização de eleições livres para a Assembleia Constituinte», garante o Partido Comunista Português num comunicado da sua Comissão Política a propósito da formação do segundo Governo da Segunda República. O comunicado justifica o seu optimismo nas duas características essenciais que distinguem este Governo de coligação do que foi presidido por Palma Carlos: «a entrada directa do Movimento das Forças Armadas no Governo, assumindo neste as mais altas responsabilidades e o afastamento de elementos conservadores que puseram em causa o Programa do M.F.A. e tentaram entravar e impedir o processo de democratização».

Relacionando o actual momento político com os acontecimentos que levaram à demissão do Primeiro-Ministro do anterior Governo, o Partido Comunista Português diz também no seu comunicado:

«As propostas feitas ao Conselho de Estado pelo Primeiro-Ministro prof. Palma Carlos, a serem aprovadas, teriam como consequências pôr fim à coligação governamental, ameaçar a curto prazo a própria existência do Movimento das Forças Armadas e abrir caminho a um regime antidemocrático.

«É sintomático que essas propostas tenham sido antecedidas de uma agudização de conflitos sociais fomentados por agentes reaccionários, da criação de uma psicose de crise e de caos económico, de uma histérica campanha contra o P.C.P. e de sucessivos actos de provocação levados a cabo pela reacção apoiada em grupos pseudo-revolucionários, como incêndios de searas, manifestações contra o Governo Provisório e tentativas de perturbação do seu funcionamento, greves artificialmente decretadas, ocupação e paralisação de serviços, tentativas para criação de um clima de desordem e insegurança nas ruas, etc.

«As propostas do ex-Primeiro-Ministro no sentido do abandono do Programa do M.F.A. e do estabelecimento de um Governo de força tem de considerar-se parte integrante de uma ampla ofensiva conservadora e reaccionária contra o novo curso da política portuguesa iniciado em 25 de Abril.

As decisões do Conselho do Estado, rejeitando essas propostas, e finalmente a constituição do novo Governo significam um sério desaire para o conservantismo e a reacção e uma consolidação das forças que lutam unidas pela democracia, a paz e o progresso social.»

SÉRIAS E GRAVES DIFICULDADES

O novo Governo Provisório irá defrontar sérias e graves dificuldades. O P.C.P. enumera-as como sendo dificuldades políticas («resultantes da complexidade da institucionalização das liberdades e direitos dos cidadãos»), económicas («pesada herança deixada pelo fascismo»), sociais («continua a ser exigido aos trabalhadores que limitem as suas reclamações e paguem o preço da estabilidade económica») e dificuldades na solução do problema colonial.

Apesar disso, «o P.C.P. sublinha que o actual Governo constitui uma oportunidade única e história para assegurar a instauração em Portugal de um regime democrático estável, escolhido pelo próprio povo» e, por outro lado, defende o direito dos cidadãos discordarem de medidas governamentais e de criticarem actos do Governo. A terminar, volta a fazer um apelo à classe operária no sentido de imprescindível unidade, nos seguintes e exactos termos:

«O P.C.P. apela para que a classe operária, as forças democráticas, as massas populares, reforcem a sua unidade e a sua acção em torno do novo Governo Provisório e façam tudo quanto esteja ao seu alcance para reforçarem a aliança das massas populares com o Movimento das Forças Armadas, como condição essencial para a conquista da paz e de um regime democrático estável escolhido pelo próprio povo.»

NOVA ESTRUTURA DO ENSINO —propõe a lista B do Sindicato dos Professores

Queremos continuar com um ensino ao serviço de minorias ou vamos lutar por um ensino com oportunidades iguais para todos? À volta desta pergunta, que já contém a resposta, centrou-se o debate da sessão de esclarecimento realizada no Liceu Gil Vicente pelos candidatos da Lista B à Comissão Directiva Provisória do Sindicato dos Professores, com vista às eleições marcadas para amanhã.

O primeiro ponto do programa desta Lista consiste na luta contra a selectividade que se praticava no sistema de ensino fascista, o qual não estava interessado em criar realmente oportunidades iguais para todos os estudantes. Foi salientado no debate que a completa alteração da estrutura do ensino deve ser o ponto prioritário da acção sindical dos professores, sem prejuízo do saneamento (proposto à cabeça das reivindicações da Lista A), mas tendo sempre presente que sem alteração completa do ensino o saneamento do quadro dos professores não resolve os problemas essenciais.

Foi seguidamente abordado o problema da organização sindical. Deverá lutar-se por um sindicato único ou será mais aconselhável a liberdade de organização sindical. Acerca deste assunto, os candidatos da Lista B não adiantaram posições pessoais, entendendo que serão os professores a decidir até Fevereiro, altura em que se prevêem eleições para a Comissão Directiva efectiva. Quiseram alguns participantes saber se a Lista B propõe a inserção do Sindicato dos Professores na Intersindical. — Mais uma vez foi respondido que nada pode ser decidido sem consulta à classe. No entanto — salientou uma das professoras da Lista B — «se a Intersindical funcionar como organismo de cúpula, não poderemos apoiá-la, pois defendemos um sindicato assente nas bases».

A dificuldade de acção nas bases, isto é, nas escolas, não foi escamoteada. Sabe-se que muitos professores se encontram despolitizados — salientou um dos presentes. Foi respondido: «Uma das tarefas do Sindicato será a mobilização da escola. Queremos que a escola se transforme em centro de discussão», e a este propósito, apontou-se a necessidade de colóquios, debates de esclarecimento sindical e sessões de estudo político, na escola, mediante os quais professores e alunos tomem consciência da natureza e dos objectivos do ensino.

Os candidatos da Lista B definiram-se «por um ensino anti-capitalista». Alguém da assistência comentou: «O programa é muito interessante, mas só seria viável se o capitalismo em Portugal acabasse dentro de um mês». Resposta da mesa: «Nós estamos a pôr em causa não apenas as condições de trabalho, mas também os métodos e o conteúdo. Está tudo errado e isto não aconteceu por acaso.

Essa situação correspondia a um determinado objectivo da estrutura social. Toda a actuação sindical deve ser orientada para a alteração dessa estrutura».

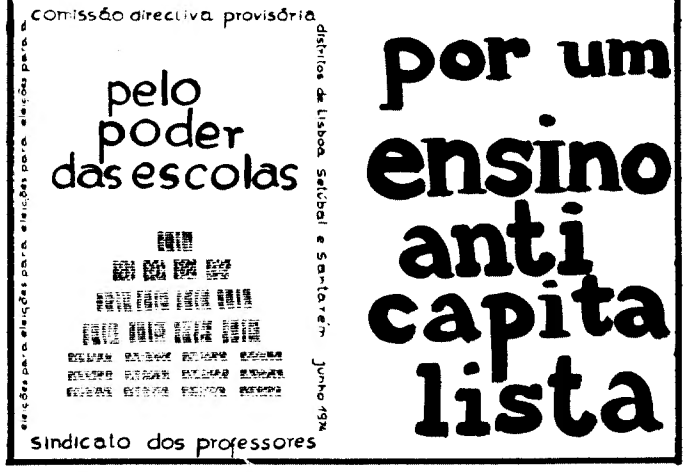
Foram pedidos esclarecimentos acerca da concepção de sindicalismo subjacente ao programa. Se a Comissão Directiva tem um programa e, de certo, irá elaborar directrizes, onde está afinal o poder das bases? E foi uma professora no meio da assistência que explicou: «O programa seria o esqueleto da acção sindical, mas precisa das propostas e iniciativas das escolas, como carne que o enformarão. O programa opta por determinados objectivos, mas o conteúdo na prática será esclarecido pelos próprios professores. No sistema proposto, alunos e professores são constantemente chamados a uma visão crítica sobre todos os problemas, designadamente sobre a sociedade em que se inserem».

Em relação à política de ensino, foi dito que se essa política viesse a ser definida pelo MEC, o Sindicato se reserva o direito de dizer sim ou não.

Numa sociedade democrática, não se compreende a discriminação entre efectivos com direitos e eventuais desprotegidos. Propõe por isso a Lista B um quadro único misto, porque, se é verdade que há incapazes, não é menos certo que há muitos professores capazes, quer entre os eventuais quer entre os efectivos. O que é preciso é aproveitar todos os que tenham possibilidades de reciclagem, de actualização permanente, através de cursos de pós-graduação. Há ainda os que não possuem habilitações completas, em relação aos quais o programa preconiza a concessão de facilidades para complemento dos cursos (redução de horários, subsídios ou bolsas).

Finalmente, esclareceram os candidatos da Lista B que não se apresentavam «como sindicalistas, mas como professores a trabalhar num sindicato». A direcção, uma vez eleita, evitará distanciar-se da base, embora reivindique uma redução de horário para poder dedicar-se ao trabalho sindical.

PELO PODER NAS ESCOLAS



Profissionais de Serviço Social

O Sindicato dos Profissionais de Serviço Social promove esta tarde, pelas 18 e 30, na sua sede, Rua Luciano Cordeiro, 18-3.º Dt.º, uma reunião geral de sócios a fim de serem analisados os seguintes assuntos: cadernos reivindicativos, trabalhadores da função pública e Intersindical.

Entretanto, destinado às Agentes de Educação Familiar de Lisboa, o Sindicato realiza no mesmo dia e à mesma hora, nas instalações da sede, uma reunião para debater os problemas que afectam estas profissionais.

Sindicato dos Professores: terminou a campanha eleitoral

Terminou ontem a campanha eleitoral das duas listas candidatas à direcção provisória do Sindicato dos Professores (da zona da Grande Lisboa), com uma sessão de esclarecimento da lista «Por um sindicato único-pela unidade de todos os professores» (A), num dos anfiteatros do I.S.T., e da lista «Pelo poder das escolas» (B), no liceu D. Pedro V.

As eleições realizam-se amanhã, efectuando-se no sábado o apuramento do escrutínio.

Reunião na escola Ferreira Dias

Realiza-se no próximo dia **20**, pelas 17 horas, na Escola Técnica Ferreira Dias (Cacém) uma reunião de delegados do pessoal administrativo e auxiliar das escolas primárias, preparatórias, técnicas e dos liceus do concelho de Sintra.

SINDICATO NACIONAL DOS CAIXEIROS E PROFISSÕES SIMILARES DO DISTRITO DE LISBOA

COMUNICADO

A Direcção do Sindicato informa todos os trabalhadores que devido às medidas enérgicas e rápidas por si assumidas face ao despedimento, em 29.6.74, do colega Vítor Santos e ainda à solidariedade demonstrada pelos trabalhadores de algumas empresas, o nosso colega foi readmitido na empresa onde trabalhava na passado dia 11/7/74, com a garantia da antiguidade e demais regalias que usufruia à data do despedimento.

Lisboa, 17 de Julho de 1974

A DIRECÇÃO

PROBLEMAS ECONÓMICOS EM DEBATE

Com o objectivo de contribuir para o esclarecimento dos problemas económicos do País, o Sindicato dos Economistas está a promover uma série de debates.

O próximo, que se realiza amanhã, pelas 21 e 30, na União do Grémio dos Lojistas, Rua Castilho, 14, terá como moderador o prof. Pereira de Moura e a participação dos economistas Vítor Constâncio, Mendes Correia e Almeida Serra e ainda um membro do Secretariado da Intersindical. Álvaro Rana que abordarão os seguintes temas: planeamento, pequenas e médias empresas, financiamento e emprego e salários.

Aposta do novo Governo

RESTABELECER UM CLIMA DE CONFIANÇA NO FUTURO

A vida política do País vai viver uma nova fase — garantiu ontem, ao fim da tarde, o general António de Spínola, pouco antes de um membro da sua Casa Militar ler os nomes dos 16 ministros que compõem a cúpula do Gabinente presidido pelo coronel Vasco Gonçalves. Essa nova fase — acrescentou o Chefe do Estado — será «de maior disciplina cívica e social» e permitirá que seja restabelecido «um clima de confiança no futuro».

No seu breve improviso perante as câmaras de várias televisões (R T P , R A I , TV alemã) e dezenas de enviados da Imprensa escrita e da Rádio, o general Spínola definiu o novo Governo Provisório como uma equipa em que é mantida a coligação, para funcionar «sob o mesmo espírito colegial de agrupamento de coligação, mas com uma reforçada autoridade, resultante de ser presidida pelo homem que foi o cérebro do Movimento das Forças Armadas e primeiro responsável pela elaboração do seu respectivo programa e, por conseguinte, o seu mais fiel executante».

Durou escassos 90 segundos a leitura, feita pelo tenente-coronel Dias de Lima, dos nomes do chefe do Governo e dos ministros que o coadjuvarão, a saber:

. — Ministros sem pasta: majores Ernesto Augusto de Melo Antunes e Vítor Manuel Rodrigues Alves, e drs. Alvaro Cunhal e Joaquim Jorge Magalhães Mota;

. — Ministro dos Negócios Estrangeiros: dr. Mário Soares;

. — Ministro da Administração Interna: tenente-coronel Manuel da Costa Brás;

. — Ministro da Coordenação Interterritorial: dr. António de Almeida Santos;

. — Ministro da Defesa Nacional; tenente-coronel Mário Firmino Miguel;

. — Ministro da Justiça: dr. Francisco Salgado Zenha;

. — Ministro da Educação e Cultura: prof. Vitorino Magalhães Godinho;

. — Ministro da Economia: dr. Emílio Rui Peixoto da Veiga Vilar;

. — Ministro das Finanças; dr. José da Silva Lopes;

. — Ministro do Trabalho: capitão (piloto-aviador) José Inácio da Costa Martins;

. — Ministro dos Assuntos Sociais: eng.ª D. Maria de Lurdes Pintassilgo;

. — Ministro do Equipamento Social e do Ambiente: eng. (coronel de Engenharia na reserva) José Augusto Fernandes;

. — Ministro da Comunicação Social: major José Eduardo Fernandes de Sanches Osório.

A leitura não se estendeu à divulgação dos nomes dos secretários e subsecretários de Estado.

QUATRO MEMBROS DA COMISSÃO COORDENADORA

Numa primeira análise desta nova coligação, nota-se que nada menos de quatro dos sete membros da Comissão Coordenadora do Programa do Movimento das Forças Armadas entraram para o Governo, isto é, assumem de facto, e doravante, uma responsabilidade política directa nos destinos do País. O facto é ainda mais significativo se nos lembrarmos que um desses quatro membros chefiará o próprio Governo Provisório: oficial mais graduado da referida comissão, o coronel (de Engenharia) Vasco Gonçalves emergiu como chave aparente da crise na sequência de uma publicitada e frustrada tentativa de formação do gabinente por parte do tenente-coronel Firmino Miguel, ministro da Defesa na coligação encabeçada por Palma Carlos e agora reconduzido.

Assim que se soube estar o coronel Vasco Gonçalves convidado pelo general Spínola a formar Governo, logo se admitiu como muito provável a chamada de outros nomes da Comissão Coordenadora. Eles aí estão: dois sem pasta (majores Melo Antunes e Vítor Alves) e o outro no Ministério do Trabalho (capitão Costa Martins). Quer isto dizer que a comissão se deve considerar desfalcada e, por conseguinte, as «vagas» serão preenchidas por outros oficiais? Não necessariamente. Dos quatro membros cativados para o Governo só um, o capitão Costa Martins, trabalhará fora de S. Bento, onde os restantes três permanecerão. Da Avenida de Roma às «Cortes» é um pequeno passo que o representante da Força Aérea se não importará de dar sempre que preciso.

Observadores não deixarão passar em claro, entretanto, que em 17 nomes (o do primeiro-ministro e os dos 16 ministros) há oito militares, se bem que um deles na reserva. Tal facto, conjugado com o autêntico apelo feito à (e correspondido pela) Comissão Coordenadora, explica amplamente as palavras do general Spínola quando se referiu a um esforço da autoridade patente na constituição do novo Governo. Aliás, o próprio P.C. veria com bons olhos a entrada do capitão Costa Martins para a pasta do Trabalho, até aqui preenchida por um seu militante, o bancário Avelino Pacheco Gonçalves.

Eis o que também ajudará a cair pela base a «constatação» que nos transmitiu um nosso colega da Imprensa estrangeira: quatro ministros oriundos do P.S., «aliados» a oito militares, venceriam qualquer votação no gabinete. Eis a politiquice em vez da política, e esta é a de uma coligação cuja harmonia resiste a aparentes desequilíbrios numéricos.

Os novos ministros: major Vítor Alves, major Melo Antunes, tenente-coronel Costa Brás, dr. Rui Vilar e dr. Silva Lopes (em cima) e tenente-coronel José Augusto Fernandes, prof. Vitorino Magalhães Godinho, capitão Costa Martins, eng.ª Maria de Lurdes Pintassilvo e major Sanches Osório.

QUEM SÃO OS NOVOS MEMBROS DO GOVERNO PROVISÓRIO

O Governo Provisório, além da novidade que constitui o Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves, inclui sete ministros novos, a saber: majores Melo Antunes, Vítor Alves (ambos sem pasta) e Sanches Osório (Comunicação Social), coronel-engenheiro (na reserva) Jose Augusto Fernandes (Equipamento Social e Ambiente), tenente-coronel Costa Brás (Administração Interna), prof. Vitorino Magalhães Godinho (Educação e Cultura) e capitão Costa Martins (Trabalho). Todos eles, com excepção de Magalhães Godinho, são, pois, elementos das Forças Armadas.

Damos seguidamente alguns dados biográficos destas personalidades.

MELO ANTUNES

O major Ernesto Antunes nasceu em 1933. Depois de concluir os estudos secundários, matriculou-se na Academia Militar, em 1953, na Arma de Artilharia. Em 1957 ingressou no Quadro Permanente do Exército. Foi promovido, sucessivamente, nos seguintes postos: alferes (1957), tenente (1959), capitão (1961) e major (1972). Colocado em várias unidades militares na Metrópole e nos Açores, seguiu para o Ultramar, em comissão de serviço, tendo permanecido em Angola, de 1963 a 1965, de 1966 a 1968 e de 1971 a 1973. Possui os seguintes cursos: estágio sobre Selecção de Pessoal; estágio de Guerra Subversiva; estágio de Actualização sobre o Ultramar; e estágio de Actualização para Oficiais Superiores das Armas e Serviços.

Em 31 de Maio de 1974, convidado pelo Presidente da República, assumiu as funções de membro do Conselho de Estado.

VÍTOR ALVES

O major Rodrigues Alves nasceu em 1935. Depois de concluir os estudos secundários, matriculou-se na Academia Militar, em 1954, na Arma de Infantaria. Em 1958 ingressou no Quadro Permanente do Exército. Foi promovido, sucessivamente, nos seguintes postos: alferes (1958), tentente (1960), capitão (1963) e major (1972). Colocado em várias unidades militares na Metrópole, seguiu depois para o Ultramar em comissão de serviço, tendo permanecido em Moçambique de 1958 a 1963, e em Angola de 1963 a 1966 e de 1967 a 1970. Possui os seguintes cursos: estágio de Contra-Insurreição, Curso Geral do Estado-Maior, estágio de Contra-Subversão e Curso Complementar do Estado-Maior. Em 1969 foi-lhe atribuído o Prémio Governador-Geral de Angola, pelo trabalho que desenvolveu no campo das actividades sócio-económicas em prol das populações africanas. Da sua folha de serviços constam as seguintes condecorações: Medalha de Mérito de 3.ª classe (1969) e Medalha de Prata de Serviços Distintos com Palma (1970). Fez parte de várias delegações portuguesas a conferências no estrangeiro.

Em 31 de Maio de 1974, convidado pelo Presidente da República assumiu as funções de membro do Conselho de Estado.

V. MAGALHÃES GODINHO

Natural da capital (n. 9.6.1918), o prof. Vitorino Magalhães Godinho licenciou-se em Letras pela Universidade de Lisboa e na sua faculdade foi, de 1942 a 1944, professor extraordinário contratado (demitido em 1944). Entre 1947 e 1960 esteve como investigador no C.N.R.S. (Centre National de la Recherche Scientifique) de Paris; de 1950 a 1954 foi encarregado de curso da Ecole des Hautes Etudes de Paris; em 1954 uma missão universitária francesa integrou-o como professor-visitante da Universidade de S. Paulo. De 1960 a 1963, entretanto (pouco depois de, em 1959, se doutorar em Letras pela Sorbonne), foi catedrático do I.S.C.S.P.U. em Lisboa (e também aqui demitido — em 1963, claro). Entre 1971 e 1974, finalmente esteve na Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Clermont-Ferrand como catedrático associado.

Vitorino Magalhães Godinho, intelectual prestigioso, tem o Grande Prémio da Academia de Marinha de França (atribuído a uma obra sua) e é sócio fundador da Associação Marc Bloch para o Estudo das Civilizações. Da bibliografia deste mestre salientam-se livros como **A Economia dos Descobrimentos Henriquinos** (1962), **Os Descobrimentos e a Economia Mundial** (1963-1971), **Ensaios** (1967-1971), **O Socialismo e o Futuro da Península** (1969) e **Um Rumo para a Educação** (1974).

JOSÉ AUGUSTO FERNANDES

Ex-oficial da Arma de Engenharia, onde atingiu o posto de coronel, o eng. José Augusto Fernandes fez, como militar, duas comissões em Africa: Guiné (1962-1963) e Angola (1969-1970), sempre comandando localmente os respectivos Agrupamentos de Engenharia. Foi também professor da Escola de Exército, leccionando aí as cadeiras de Pontes e Estradas, Caminhos-de-Ferro e Topografia. No mesmo estabelecimento de ensino, depois de transformado em Academia Militar, leccionou ainda Fortificação e Arquitectura Militar (como catedrático).

Na vida civil foi chefe de divisão do C. F. de Benguela, colaborou nos estudos dos nós ferroviários de Lisboa e Porto e foi (era ultimamente) director de Produção e Equipamento da C.P.

COSTA MARTINS

O capitão-piloto-aviador Costa Martins nasceu em 1938 em Messines (Silves). Depois de concluir os estudos secundários no Colégio Militar, ingressou na Academia Militar, onte tirou o Curso de Aeronáutica em 1964. Foi promovido, sucessivamente, nos seguintes postos: alferes (1965), tenente (1966) e capitão (1969). Colocado em diversos departamentos militares (Base Aérea n.º 5 e Estado-Maior da Força Aérea) na Metrópole, esteve no Ultramar, em comissão de serviço, onde permaneceu na Base Aérea n.º 9 de Luanda (1965-1969). Da sua folha de serviços constam alguns louvores e as seguintes condecorações: Medalha de Cobre da Classe de Comportamento Exemplar e Medalha Comemorativa das Campanhas das Forças Armadas em Angola.

Em 31 de Maio de 1974, convidado pelo Presidente da Re-

Continua na pág. 11

NACIONAL

VASCO GONÇALVES

O novo primeiro-ministro Gonçalves nasceu em 1921. Matriculou-se na Academia Militar, na Arma de Engenharia (1942). Em 1947 ingressou no Quadro Permanente do Exército. Foi promovido, sucessivamente, nos seguintes postos: alferes (1946), tenente (1946), capitão (1954), major (1963), tenente-coronel (1967) e coronel (1971).

Colocado em diversas unidades militares na Metrópole, seguiu para o Ultramar, em comissão de serviço, permanecendo na Índia de 1955 a 1957, em Moçambique, de 1965 a 1967 e em Angola de 1970 a 1972. Possui a especialidade de sapador e os cursos de comandantes de Companhia e de promoção a oficial-superior. Da sua folha de serviços constam as seguintes condecorações: Oficial da Ordem Militar de Aviz (1960), Medalha de Prata de Serviços Distintos com palma (1973), Medalha Comemorativa das Expedições das Forças Armadas a Moçambique, «Moçambique 65-66-67» (1967) e Medalha Comemorativa das Campanhas de Angola, «Angola 70-71-72» (1972).

Em 31 de Maio de 1974, convidado pelo Presidente da República, assumiu as funções de membro do Conselho de Estado.

Os ministros que permanecem: dr. Álvaro Cunhal, dr. Magalhães Mota, tenente-coronel Mário Miguel, dr. Almeida Santos, dr. Salgado Zenha e dr. Mário Soares.

Os novos membros do Governo

Continuação da pág. 10

pública assumiu as funções de membro do Conselho de Estado.

SANCHES OSÓRIO

O major Sanches Osório nasceu em 1940. Foi aluno do Colégio Militar. Entrou na Academia Militar, onde fez o Curso de Engenharia Militar, tendo frequentado três anos do Instituto Superior Tecnico e sendo então promovido a alferes. Prestou serviço em Santa Margarida e em diversas unidades da Arma de Engenharia, e ainda no Estado-Maior do Exército. Fez uma comissão de serviço em Angola (1967 a 1969) e o Curso do Estado-Maior (1970 a 1973). Foi promovido a capitão em 1967 e a major em 1973.

Actualmente exercia as funções de director-geral da Informação e foi o segundo porta-voz da Junta de Salvação Nacional, tendo participado activamente no Movimento do 25 de Abril.

COSTA BRÁS

O tenente-coronel Manuel da Costa Bras e da Arma de Artilharia e tem o curso complementar do Estado-Maior. Nasceu em Pombalinho (Santarem) e tem 39 anos de idade.

Fez a maior parte do curso do liceu em Coimbra e o da Escola do Exercito de 1952 a 1955. Esteve colocado em Vendas Novas como instrutor da Escola Pratica de Artilharia. Fez comissões no Ultramar, sendo duas em Angola, uma nos fins de 1961 a Janeiro de 1965 e outra de Outubro de 1966 a Julho de 1968, e uma na Guiné, de Maio de 1970 a Setembro de 1971. Colaborou activamente no Movimento de 25 de Abril.

Até à presente data foi membro da Comissão Administrativa da RTP, do gabinete do ministro da Defesa e adjunto militar do Primeiro-Ministro.

SEIS MINISTROS RECONDUZIDOS

Seis ministros do precedente Governo Provisório foram reconduzidos: drs. Alvaro Cunhal (sem pasta), Mário Soares (Negócios Estrangeiros), Almeida Santos (Coordenação Interterritorial) e Salgado Zenha (Justiça), tenente-coronel Firmino Miguel (Defesa) e dr. Magalhães Mota (anteriormente na pasta da Administração Interna, agora sem pasta).

Sobre qualquer deles está tudo praticamente dito, ou quase. Recordemos alguns pormenores biográficos, porém, como forma de reavivar a lembrança (e ajudar ao espírito crítico) dos leitores.

Alvaro Cunhal, secretário-geral do P.C., licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa, é militante comunista desde os 17 anos de idade, e tem 60. Depois de vários cargos nas organizações juvenis e estudantis, passou à clandestinidade e entrou, em 1936, para o Comité Central. Seguiram-se prisões, resistências a torturas, evasões, a mais espectacular das quais em 1960, com outros camaradas, do Forte de Peniche, no termo de 11 anos de detenção. Um ano depois foi eleito secretário-geral. Vivia fora do País (na Checoslováquia) quando do 25 de Abril.

Mário Soares, 50 anos, secretário-geral do P.S., é também licenciado em Direito (e em Letras, primeiro) pela Universidade de Lisboa. Foi um dos fundadores do MUD Juvenil. Fez parte das Comissões Centrais das candidaturas de Norton de Matos e Humberto Delgado. Em 1961 assinou, com outras individualidades, o Programa para a Democratização da República. Candidato a deputado pela Oposição em 1965 e 1969, apresentou-se neste último ano depois de um exílio em S. Tomé, durante o qual o não deixaram angariar quaisquer meios de subsistência. Aliás, como Cunhal, Soares conheceu as prisões políticas por várias vezes. Um derradeiro exílio seu durava desde começos dos anso 70. Fundador, com Tito de Morais e Ramos da Costa, da A.S.P., em Fevereiro de 1973 (Bonn, Alemanha Federal) impulsionou a formação do actual Partido Socialista, cujo primeiro congresso o nomeou secretário-geral.

Almeida Santos, 48 anos, beirão do concelho de Seia, é licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, onde se notabilizou na política académica do seu tempo. Apoiou a candidatura de Humberto Delgado. Mais tarde, já em Lourenço Marques, tornou-se um advogado de renome (e oposicionista de igual renome), para além de se dedicar às Letras com um volume de contos que fez época: «Rã no Charco». Escreveu também «A Santa Liberdade», sobre os eventos do «Santa Maria». No início dos anos 60 avultou em Moçambique como um «leader» democrático da minoria branca, lutando ao lado de Eduardo Mondlane (negro) e José Craveirinha (mestiço). Em 1969, tendo-se candidatado a deputado numa lista oposicionista por Moçambique, foi afastado dessa possibilidade com os companheiros. Ultimamente liderava o Grupo de Democratas de Moçambique, de onde saiu o actual governador Soares de Melo.

Salgado Zenha, minhoto de Braga, 51 anos, licenciou-se igualmente em Direito pela Universidade de Coimbra. Foi, sem favor, um dos mais prestigiados chefes académicos naquela cidade, orador nato, organizador rigoroso. Aliás, a Assembleia Magna elegeu-o presidente da A.A.C. em 1944 (o primeiro presidente eleito após oito anos de comissões administrativa). Foi também director do órgão da A.A.C., «Via Latina», e ainda membro da Comissão Central do MUD Juvenil e da comissão de apoio à candidatura de Norton de Matos. Várias vezes preso político, esteve durante onze anos e meio proibido de sair do País. Como advogado do Plenário participou em inúmeros julgamentos, lutando denodadamente contra a Pide. A sua bibliografia de jurista cresceu em consonância com essa actividade. Em 1965 e 1969 candidatar-se-ia pela Oposição às eleições para deputados. Em 1961 tinha já subscrito o Programa para a Democratização da República. Actualmente marca posição no P.S. e na Ordem dos Advogados.

Firmino Miguel tem uma biografia estritamente profissional — de militar distinto. Idade: 42 anos. Família muito modesta. Foi aluno mais classificado do seu curso (de Infantaria) na Escola do Exército. Fez comissões na Índia, em Angola (1961/1963, como comandante de companhia) e na Guiné (1970/1972, como chefe da Repartição de Operações, ao tempo do general Spínola). Entre as estadias em Angola e na Guiné foi docente da Escola do Exército, tirou o curso do Estado-Maior (com distinção) e leccionou no I.A.E.M.. Tem um outro curso — interarmas e serviços tirado em Espanha. Em 25 de Abril estava fixado em Paris como adido militar.

Magalhães Mota, 39 anos de idade, ribatejano de Santarém, é licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa. Profissão mais constante: advogado. Foi dirigente da A.E. da Faculdade de Direito e de vários escalões da J.U.C.. Antigo elemento da Junta de Colonização Interna, despertou para a política como chefe de gabinete do eng. Rogério Martins. Mais tarde entraria (etiqueta «liberal») para a Assembleia Nacional, durante a 10.ª legislatura, e seria um dos sócios fundadores da Sedes. Na mesma Sedes foi presidente do Conselho Coordenador. Resta dizer que em S. Bento se notabilizou como opositor de facto das mais flagrantes propostas caetanistas.

Três secretários de Estado do primeiro Governo Provisório foram subidos à categoria e funções de ministro. Ocorreu tal com a eng.ª D. Maria de Lurdes Pintassilgo (ex-secretário de Estado da Segurança Social) e com os drs. José da Silva Lopes (que passou de secretário de Estado a ministro das Finanças) e Rui Vilar (que de secretário de Estado do Comércio Externo e do Turismo se transforma agora em ministro da Economia).

Alguns tópicos mais importantes: Rui Vilar, licenciado em Direito por Coimbra, 35 anos de idade, foi fundador e primeiro presidente da Sedes, dedicando-se à actividade privada (director de banco) até 25 de Abril; Silva Lopes, 42 anos, licenciado em Finanças, foi docente do I.S.C.E.F., do I.S.C.S.P.U. e do Instituto de Estudos Sociais, tendo trabalhado para a A.I.P. e para a Caixa Geral de Depósitos (aqui como administrador); D. Maria de Lurdes Pintassilgo, ex-procuradora à Câmara Corporativa, ex-funcionária superior da C.U.F., tornou-se conhecida como militante católica, entrando para a política através da missão de delegação portuguesa à O.N.U. (1971/1972), de que faz parte em tempo inteiro.

PRIMEIRAS DECLARAÇÕES

Ontem mesmo os jornalistas recolheram declarações da quase totalidade dos membros do Governo designados para a equipa Vasco Gonçalves. Aliás, ouviram também o novo primeiro-ministro, que mais uma vez se referiu ao objectivo prioritário da consolidação da Democracia.

Eis um breve resumo das declarações:

CORONEL VASCO GONCALVES — «Esperamos que este Governo leve sem hesitações, até ao fim, o programa que nos propusemos, que é o de dotar o País com instituições verdadeiramente democráticas, livremente escolhidas pelo Povo Português. E esse o nosso objectivo-base: a consolidação da Democracia em Portugal. (...) Foi para isso que fizemos o Movimento do 25 de Abril. (...) Pretendemos que seja exercida uma acção pedagógica sobre o nosso povo, de maneira a que ele aprenda os benefícios da liberdade. E, portanto, necessário uma sistemática e pedagógica acção sobre a vida e a liberdade. Porque viver em liberdade aprende-se; a maturidade política aprende-se na vida quotidiana.»

MAJOR MELO ANTUNES — «A partir deste momento o Povo Português tem redobradas razões para confiar no futuro. (...) Vamos agora trabalhar. O tempo que se perdeu tem de ser recuperado.»

MAJOR VÍTOR ALVES — Considerou que o novo Governo Provisório tem mais pessoas «hipotecadas ao Movimento das Forças Armadas», o que é uma boa perspectiva, e admitiu o próximo reinício das conversações com os Movimentos de Libertação. Quanto à Lei de Imprensa, garantiu vir ela a ser apoiada em pareceres dos profissionais da Informação.

TENENTE-CORONEL FIRMINO MIGUEL — Mostrou-se convicto de que a solução encontrada (para o actual Governo) é a que mais interessa ao País, garantindo uma linha de paz e ordem.

DR. ALMEIDA SANTOS — «O novo regime português pode, sem ilogismo, responder, aos que lhe pedem o reconhecimento do direito dos territórios ultramarinos à independência, pura e simplesmente que já reconheceu esse direito. Com uma só diferença: é que o regime português se recusa a exercer ele próprio um direito que reconheceu a outrem. Sujeitos activos daquele direito são os territórios. Lógico é que sejam os territórios a exercê-lo»

CAPITÃO COSTA MARTINS — Disse concordar com a legitimidade da greve, quando esta é devidamente regulamentada. Acrescentou querer resolver, rapidamente e de forma justa, essa regulamentação, e também a do «lock-out».

TEN.-CORONEL COSTA TA BRAS — Garantiu não ter problemas de partidos: isenção e independência foram as determinantes para a sua nomeação. Quanto às autarquias locais, inclinou-se claramente para o seu preenchimento mediante eleições.

PROF. V. MAGALHÃES GODINHO — «Tenho confiança na juventude portuguesa, na qual deposito a maior esperança e de quem espero toda a colaboração.»

MAJOR SANCHES OSÓRIO — Entre as suas preocupações dominantes afirmou figurar, naturalmente, a promulgação da Lei de Imprensa, que acha indispensável para que o País possa enveredar pelo caminho da democratização.

Entretanto um porta-voz do M.D.P., Rúben de Carvalho, comentaria o não aparecimento de nenhum ministro do movimento no novo Governo Provisório dizendo que a hipótese Herberto Goulart para o Trabalho esteve realmente de pé até ontem à tarde.

«Desconhecemos os pormenores que possam ter conduzido a essa alteração» — acrescentou.

NACIONAL

"O ESTADO OU É FORTE OU NÃO É ESTADO"

— afirmou o general Spínola na posse do novo Governo

Uma Imprensa livre e responsável e todos os partidos políticos têm um papel fundamental na formação cívica do Povo Português com vista à vitória da democracia — afirmou o Primeiro-Ministro Vasco Gonçalves pouco depois de ser empossado, com o seu gabinete, em cerimónia que teve lugar esta manhã na Sala Azul do Palácio de Belém. Por sua vez, o general António de Spínola afirmara, pouco antes, que se a maioria silenciosa deste País não acordar a democracia está em perigo, porque o Movimento das Forças Armadas perderia sentido.

Assistiram ao acto de posse os membros da Comissão Coordenadora do Programa do Movimento das Forças Armadas e todos os componentes da Junta de Salvação Nacional, além do ex-ministro Vieira de Almeida, único dos membros exonerados do anterior Governo que compareceu no Palácio de Belém.

O DISCURSO DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Após a declaração de compromisso e assinatura da acta de posse, o sr. general António de Spínola pronunciou o seguinte discurso:

«A hora que vivemos não se compadece com formalismos de circunstância nem simples expressões de cortesia, com que é hábito sublinhar actos desta natureza Todos temos plena consciência de que o momento é de acção e não de retórica, a reclamar por isso medidas inadiáveis que as palavras tantas vezes retardam.

Limitar-me-ei, portanto, a destacar a reconhecida estatura moral e intelectual do coronel Vasco Gonçalves e o facto de ser o cérebro da Comissão Coordenadora do Movimento das Forças Armadas e, como tal, o primeiro responsável pelo seu ideario. A sua presença na chefia do Governo e a inclusão de elementos das Forças Armadas no elenco governativo, prestando serviço não como políticos, mas como cidadãos plenamente conscientes dos poderes e deveres que para eles decorrem do código de honra militar, são penhor seguro de que se manterá a pureza dos objectivos do Movimento e de que, por conseguinte, não serão ultrapassadas as metas fixadas no respectivo Programa. Garantia, aliás, reforçada pelas próprias Forças Armadas, que no seu todo coeso e unificado em torno dos ideais nacionais, não consentirão, seja a quem for, que se permita alterar o desenvolvimento do processo de democratização em curso.

Mas este acto de posse ocorre no momento em que a maioria dos Portugueses olha o futuro com apreensão: e por isso mais amplo terá de ser o conteúdo do que me sinto no dever de transmitir ao Governo e à Nação.

O País viveu, nestes últimos dois meses, uma intensa experiência sobre o que é e o que não é liberdade e democracia: experiência suficientemente válida para que tenha tomado consciência da gravidade das ameaças que enfrentamos e formado um juízo perfeitamente claro da situação.

Disciplina que não pode consentir que seja quem for exorbite do seu estatuto social para, sob a capa da liberddade, atentar contra os direitos do seu semelhante ou se atribuir pretensas missões de saneamento que ultrapassam o quadro legítimo das prerrogativas conferidas pelo pacto social.

RESPEITO PELO PROGRAMA

«O clima em que temos vivido terá pois de terminar, na medida em que por essa via não poderemos construir o País livre, democrático, digno e próspero em que os portugueses desejam viver, nem alcançaremos os objectivos de paz, de liberdade e de justiça social para que despertámos na madrugada de 25 de Abril. Objectivos que alguns estão empenhados em ignorar: pois há quem esqueça que as mudanças de que o País carece deverão processar-se, nos termos do Programa do Movimento das Forças Armadas, sem convulsões internas que afectem a paz, o progresso e o bem-estar dos portugueses; há quem esqueça que, até ao momento em que o Povo manifeste democraticamente a sua vontade perante as opções fundamentais que só a ele cabe tomar, nenhum Governo poderá proceder a reformas de fundo que afectem as estruturas da Nação e o foro íntimo dos cidadãos, sob pena de exorbitar do mandato conferido; e há, enfim, quem esqueça que o 25 de Abril se situou, com inteira clareza, na via da salvação da Pátria pela democratização da vida política nacional, sem procurar implantar este ou aquele sistema de Governo.

Propusémo-nos construir no mais curto prazo a democracia em Portugal, e construí-la-emos. Propusémo-nos resolver os mais prementes problemas nacionais, e resolvê-los-emos. Propusémo-nos abrir caminho à dignificação do Povo Português pela perfeita e cabal realização de cada cidadão mediante a sua participação na vida política da comunidade, e assim procederemos. Propusémo-nos em suma, consolidar as liberdades fundamentais e acelerar o progresso económico e social e não abdicaremos dos compromissos tomados.

Neste programa cabem todos os esforços, desde que construtivos, e todas as correntes de opinião desde que eminentemente nacionais e aprovadas em consenso. Mas não podem caber nele os defensores da exploração do homem pelo homem, seja em nome da supremacia do Estado autocrático, seja em nome de ditaduras de classe, seja ainda em nome da ausência da lei arvorada em regra de conduta.

Não creio que alguém conteste que não se pode ser livre senão sendo responsável. Mas a responsabilidade é uma relação jurídico-social que pressupõe a existência de alguém com poder para a exigir e com força para fazer respeitar as obrigações dela emergentes. Esse alguém, nas sociedades políticas, é o Estado. Daí que, sendo a responsabilidade um requisito essencial da liberdade, esta, tal como a democracia, não pode existir quando o Estado é fraco. Porque não nos iludamos: o Estado ou é forte ou não é Estado. Não cabem pois neste nosso processo de construção da democracia e de conquista das liberdades cívicas quantos pela irresponsabilidade pretendem destruí-las servindo interesses partidários que se não contêm nas fronteiras morais da Nação.

É a esta luz, senhores Ministros, que nos compete governar, com a coragem moral e física necessária para levar a cabo a missão de instaurar a democracia e restituir a liberdade ao Povo Português.»

«SOU UM SOLDADO AO SERVIÇO DA PÁTRIA»

«A situação de ausência e incerteza de lei em que temos vivido não pode prolongar-se; e à tentação de promover reformas profundas através de leis demoradamente discutidas e indefinidamente proteladas, terão de sobrepor-se o imperativo da oportunidade e o sentido das limitações impostas pelo Programa do Movimento das Forças Armadas. Ao Governo Provisório compete, com oportunidade e eficácia, legislar em excepção para um período de excepção, procurando, é certo, a mais perfeita adequação da norma ao facto a que se aplica, mas na justa medida dos imperativos do momento. Ao repudiar-se as leis do antigo regime antes de elaboradas as novas, cria-se um estado de ausência de lei que pode conduzir ao fim da democracia.

Terá assim de ser definida e anunciada, sem mais demora, a política geral a prosseguir, em cada departamento, com firmeza, e determinação que confiram a cada cidadão a perfeita consciência da lei em que vive; política que terá de confinar-se ao Programa do Movimento das Forças Armadas, além do qual se situa qualquer tentativa reformista de fundo e qualquer esforço de transformação radical das estruturas sociais.

Haverá que regular aspectos fundamentais como o estabelecimento de novos mecanismos de conciliação nos conflitos do trabalho, o direito à greve, a organização sindical dos trabalhadores e do patronato, a actividade industrial e a constituição dos partidos políticos, tendo em mente que se impõe a publicação imediata de medidas legislativas sobre tais matérias. E não será impertinente recordar que um Governo deve ser, acima de tudo, uma equipa coesa e eficaz, onde não caibam negativismos sistemáticos, demagogias visando popularidade fácil, e muito menos disciplinas partidárias atentatórias dos verdadeiros interesses nacionais.

A democratização do País, garantida a todo o transe pelas Forças Armadas, irá prosseguir num leque de ampla abertura a todos os Partidos Políticos, com exclusão apenas daqueles que ameacem o exercício das liberdades que propugnamos ou visem finalidades antinacionais. Só por essa via alcançaremos o verdadeiro estatuto de Nação livre e a dimensão de país civilizado no contexto geopolítico em que nos inserimos.

Eis quanto entendi que deveria dizer neste momento. Usei a linguagem rude que o respeito pela verdade põe na boca e no coração dos militares. Não sou nem desejo ser um político — sou um soldado que apenas cumpre mais uma missão ao serviço da Pátria. Mas creio que o Povo entende esta linguagem, como creio interpretar a sua sã consciência ao afirmar serem estas as palavras que a Nação deseja ouvir.

Ao constatar a perfeita orquestração dos excessos que se repetem por toda a parte; ao constatar ser impossível atribuir a reacções espontâneas a inversão de toda a ética a pretexto da liberdade, inversão a que se assiste quotidianamente nas ruas, nas empresas, nas escolas e até em sectores da função pública de alta responsabilidade social; ao analisar, enfim, todo este quadro de flagrante anomia, ressaltam à evidência as linhas de força que estão na origem da situação a que urge pôr cobro, pois encontram-se em jogo o prestígio do Povo português e a liberdade de que desejamos usufruir.

NÃO TER ILUSÕES

«Creio não ser necessário documentar quanto afirmo, pois a grande maioria dos portugueses decerto bem o reconhece. Mas importa que a ameaça seja enfrentada a tempo, pois não poderemos consentir que à sombra da liberdade se instalem ditaduras; nem poderemos consentir que se continue a atribuir apenas às forças da reacção as origens dos desmandos que a pouco e pouco começam a revelar o contexto em que se inserem. Não se fez uma revolução para que o poder apenas passasse de um extremo a outro à custa do Povo português. E não tenhamos, a tal respeito, qualquer ilusão. Ou a maioria silenciosa deste País acorda e toma a defesa da sua liberdade, ou o 25 de Abril terá perdido perante o Mundo, a História e nos mesmos o sentido da gesta heróica de um povo que se encontrou a si próprio. E com esse desengano se esfumarão as nossas esperanças na Democracia.

Não cabe aqui traçar o perfil do homem social em que se terá de moldar a sociedade portuguesa, pois ao esboça-lo estaríamos desrespeitando a ética da missão que aceitámos. Serão os portugueses que hão-de defini-lo em consenso; mas para tanto impõe-se que sejam de facto os portugueses a traçá-lo e não terceiros a determiná-lo: e que seja português o contexto em que esse perfil haja de recortar-se.

Mas se tal definição não cabe na nossa ética, urge, todavia, delinear o perfil do que firmemente desejamos não ser. E creio que o pensamento do Povo português poderá ser resumido na afirmação de que os cidadãos, independentemente do pendor político de sua preferência, não desejam uma sociedade em que, de um modo ou de outro, apenas beneficiem uns tantos: não desejam a sua liberdade coarctada senão pelas leis que votaram; não desejam que a desordem anárquica os lance no desespero da luta pela subsistência; não desejam viver no pesadelo da dúvida sobre um futuro ameaçado pela constante insegurança cívica e social: não desejam a vida dos seus filhos destruída pela perversão dos valores que constituem o fundamento moral da dignidade humana; não desejam, enfim, que em nome da liberdade os lancem de novo em outras formas, bem mais cruéis, de escravidão».

RESPEITO PELO PACTO SOCIAL

Toda a sociedade política moderna pressupõe como condição essencial da sua existência o claro respeito do pacto social consubstanciado na disciplina cívica e na obdiência à lei, legitimada esta pelo processo democrático da sua formação. E, sendo assim, terá de considerar-se a anarquia como crime contra a existência dessa sociedade e, como tal, grave ofensa das pessoas e dos bens que à mesma sociedade compete proteger. Importa, portanto, garantir o respeito pela lei, que o mesmo é dizer, a disciplina cívica.

Não pode reconhecer-se, todavia, como norma, o primado da lei em abstracto, pois há que distinguir entre mera legalidade e autêntica legitimidade: só à luz desta distinção é possível construir a democracia e conquistar a liberdade. Temos capacidade para o fazer mas só o conseguiremos quando houvermos institucionalizado o processo democrático de discutir e votar, conferindo depois ao Poder mandatário a força necessária para impor a decisão, então tornada simultaneamente legal e legítima.

Não tenhamos ilusões a tal respeito — não seremos uma democracia enquanto não institucionalizarmos o processo de decidir; e jamais o conseguiremos em clima de anarquia. A via de democratização passa assim pela mais sã disciplina cívica; e desse modo todo o atentado contra tal disciplina terá de ser encarado, pelo consenso da Nação, como crime de lesa-liberdades e de lesa-democracia.

O DISCURSO DO PRIMEIRO-MINISTRO

Depois do general Spínola, falou o Primeiro-Ministro, coronel Vasco Gonçalves. Eis o seu discurso, que registámos em fita magnética e da qual o extraímos, por não ter sido a tempo distribuído o texto oficial:

Ao assumir, por designação do senhor Presidente da República as funções de Primeiro-Ministro, desejo reiterar a V. Excia e ao Povo Português a decisão inabalável de cumprir escrupulosamente o Programa do Movimento das Forças Armadas cuja proclamação solene ao País, em 25 de Abril, abriu caminho para a construção de um Portugal livre e democrático.

É habitual, em cerimónias como esta definirem-se as linhas mestras que terão de presidir à acção executiva do Governo.

Tendo por base a plataforma programática do Decreto-Lei 203/74 de 15 de Maio de 74, o Governo debruçar-se-á prioritariamente na definição precisa, concreta e sem ambiguidades das linhas políticas que regerão o País em todos os aspectos da vida nacional durante o período do Governo Provisório.

Desejo enunciar e porque tal constitui tarefa governamental a firme decisão de impor, desde já, uma moralização da vida nacional como condição básica para a tomada de medidas que a actual situação económica e social do País exige para o prestígio das instituições públicas que deverão dispor de um crédito de confiança perante o País.

Na definiçao economica portuguesa que necessariamente tem de estar ao serviço do Povo Português e muito particularmente das camadas mais desfavorecidas ter-se-ão em consideração as potencialidades do Estado e da iniciativa privada cuja adesão, sem ambiguidades ao esforço de reconstrução nacional, é condição necessária a modernização da economia e ao progresso da sociedade portuguesa. Tal significa que se espera dos empresários um alto sentido das responsabilidades nacionais nesta hora grave que atravessamos. Por parte do Governo tudo se fará para que o clima de confiança que a livre iniciativa requer se estabeleça desde já no integral respeito dos superiores interesses nacionais.

Convém clarificar em torno do problema da viabilidade da chamada reforma de fundo. Efectivamente o Programa do Movimento das Forças Armadas não permite a efectivação de transformações radicais ou revolucionárias de estruturas socio-economicas da sociedade portuguesa. Apesar de tudo, nem da letra nem do espírito do mesmo Programa se pode concluir que não possam desde já ser adoptadas medidas que se julgam necessárias para acelerar o progresso económico e social de vida do povo português e aproximá-lo dos níveis de outros povos da Europa. A realização desta política económica e social não será possível, porém, se não se instaurar desde já um clima de trabalho com a mobilização plena de todas as potencialidades humanas e materiais deste País. Sem trabalho árduo de todos os portugueses, sem o esforço gigantesco de todos — Estado, empresários e classes trabalhadoras — no projecto da construção e modernização nacionais que deve ser o lema instalado na cabeça de todos, jamais será levado a cabo o desenvolvimento do País.

Simultaneamente, todos teremos de viver durante este período em atmosfera de autêntica austeridade, gastando menos no supérfluo e poupando quando possível para aplicar no esforço global de investimento que a todos, mas a todos, nos diz respeito.

A MISSÃO DA IMPRENSA

Nesta tarefa de reconstrução nacional tem papel fundamental a esclarecida e lúcida acção de todos os meios de comunicação social. A objectividade e sentido das grandes responsabilidades nacionais dos trabalhadores da Informação, desde os tipógrafos aos directores dos jornais, passando pelos redactores, serão um poderoso estímulo para a educação e mobilizaçao da verdade na educação de um Portugal nogo.

A acção pedagogica da Imprensa e fundamental para a consciencializaçao e democratizaçao do povo português. E um dever de todos os trabalhadores da Imprensa. De contrario, não contribui para a educação da democracia, mas para a confusão dos espíritos agravando deste modo a pesada herança de 48 anos de obscurantismo sistemático. Finalmente, aImprensa deve criticar livre e conscientemente a vida nacional Uma crítica construtiva, responsável, vigilante e serena contribuirá para a edificação de um Portugal democrático. Em tarefa semelhante devem participar os partidos políticos e associações cívicas. As eleições ainda vêm longe. Até lá, e dentro do estrito cumprimento do Programa das Forças Armadas, há uma ampla acção pedagógica a executar: ensinar o povo português a viver em democracia, onde quer que ele esteja e qualquer que seja a sua condição. É seu dever fazer compreender os problemas económico-sociais, trazer ao de cima o que une o povo e não o que o divide, ensinar os caminhos que no entender de cada um são os melhores para o futuro do País, defender o povo das agressões ideológicas partidárias, respeitar-se mutuamente, não se lançarem em querelas que desacreditem o esclarecimento político e social, que façam o povo fugir dos «políticos». O povo precisa de ser esclarecido, ensinado.

A ACÇÃO DOS PARTIDOS

Todos os partidos têm nisso o mesmo interesse9 Porque não unirem os seus esforços nesta indispensável campanha do ensino? A liberdade, como dizia Almeida Garrett há cerca de 150 anos, só se aprende praticado. A prática conduz a erros que devem ser corrigidos. Alguns desses erros e abusos estão bem à vista em certas actuações desregradas que temos observado. Pois é aos partidos políticos sem distinção de credos que compete um importante papel na análise e correcção desses erros fazendo delas, essas análisee correcção, outras tantas lições para o povo. Por vezes já se notam indícios de que há lutas partidárias que não contribuem para a amizade mas para a divisão dos portugueses. Não é por este caminho que se conquista e consolida a democracia. Neste momento, todos os partidos e associações cívicas devem unir-se para consolidar e defender a democraciaem Portugal, para fortalecer a unidade do povo e das Forças Armadas, condiçao indispensável de paz nacional e de progresso nacional. Não desejamos nem admitimos de modo algum que se regresse ao triste passado de antes de 1926 Pelo que pedimos portanto aos partidos políticos e associações cívicas, e outras, uma acção pedagógica sistemática de modo que o povo possa ser conduzido conscientemente às eleições para a Assembleia Constituinte. Está em jogo o futuro da nossa Pátria e não quaisquer interesses partidários.

Duas palavras sobre a posição dos militares em relação a política. Os militares têm um programa político, o do Movimento das Forças Armadas e nada mais. Este programa é um programa de isenção apartidário no qual os militares se comprometem por sua honra. Apenas pretendemos de momento cumprir esse programa com toda a fidelidade ablicando das ideias próprias que cada um possa ter para se empenhar com a máxima isenção e pureza na realização prática do que se propuzeram os camaradas que na madrugada do dia 25 de Abril tudo de seu ofereceram à nossa Pátria. E dentro dessas linhas estaremos sempre atentos a quaisquer tentativas de desvio do programa do Movemento das Forças Armadas. E preciso que o País o saiba. Sem ambiguidades. Não haverá desvios ao programa pois este possui a flexibilidade suficiente para garantir o progresso sem forçar transformações radicais do sistema sócio-económico em que vivemos. Finalmente, não posso deixar de referir a questão ultramarina. O programa do Movimento das Forças Armadas prevê com toda a clareza o lançamento dos fundamentos de uma política ultramjrina que conduza à paz.

O PROBLEMA COLONIAL

Lançamento que foi logo feito após o 25 de Abril. O sr. Presidente da República no seu discurso durante a tomada de posse dos governadores de Angola e Moçambique definiu os principios que presidem à nossa política de descolonização. Recentemente o Conselho de Estado aprovou uma adicional, que, completando e esclarecendo o pensamento que presidiu ao programa das Forças Armadas, reconhece o direito à independência. Neste processo de descolonização é necessário ter presente que a conjuntura política, económica e social nos territórios da Guiné, Angola e Moçambique são diferentes, bastante diferentes entre si. Necessitamos de manter sempre a iniciativa sem nos deixarmos ultrapassar pelos acontecimentos. É necessário calcular no início do processo de descolonização os diversos interesses dos povos em presença, tendo presente que Portugal não pode enjeitar, antes pelo contrário, tem responsabilidade histórica, a honrar em relação aos povos da Guiné,

Continua na pág. 13

GERAL

CRISE NO MEDITERRÂNEO

Concentração de forças turcas à volta da ilha de Chipre

ATENAS, 18 (R) — Navios de quatro esquadras da N.A.T.O. convergem hoje para Chipre, a braços com uma crise, enquanto Atenas se encontra sob pressão diplomática cada vez maior para repudiar o Governo instalado naquela ilha por oficiais gregos.

A N.A.T.O. pediu a recondução do arcebispo Makarios, deposto na segunda-feira, e o afastamento dos oficiais gregos responsáveis pelo golpe de Estado.

A Turquia, que acusou a Grécia de engendrar o golpe de Estado, está a concentrar, segundo se anunciou, forças navais e terrestres à volta da ilha mediterrânica e reservou todos os direitos de proteger a minoria turca.

A Grécia colocou de prevenção a noite passada os três ramos das Froças Armadas e enviou navios para a ilha, segundo revelaram fontes bem informadas desta capital.

Disseram ainda que as medidas militares foram tomadas como reacção aos preparativos turcos, indicando uma possível acção unilateral em Chipre.

Entretanto, a Grã-Bretanha, um dos países que, juntamente com a Grécia e a Turquia, garante a independência cipriota nos termos de um tratado firmado em 1960, vai enviar um navio, transporte de comandos e um contratorpedeiro, equipado com mísseis nuncleares, para a ilha.

Barcos da 6.ª Esquadra norte-americana preparam-se para evacuar os seis mil compatriotas que lá se encontram.

A Grécia e a Turquia, ambos aliados na N.A.T.O., mas inimigos tradicionais, quase entraram em guerra por causa de Chipre, em 1967, quando a crise foi evitada devido à intervenção das Nações Unidas e da Aliança Atlântica.

Em Chipre, o Governo instalado pelo Exército afirmou ter restaurado a ordem e anunciou novo abrandamento do recolher obrigatório. Embaixadas estrangeiras na ilha asseveram que parece ter desaparecido toda a resistência.

A agência noticiosa Atenas, controlada pelo Estado, informou a noite passada que o eroporto de Nicósia reabriria ao tráfego e que se aguardava que os primeiros aviões descolassem hoje desta capital para a ilha.

Números sobre baixas não foram anunciados oficialmente, mas um jornal pró-governamental desta cidade diz que morreram, pelos menos, trezentas pessoas em consequência da luta.

Não se reconheceu qualquer reacção oficial em Atenas acerca da resolução de ontem no Conselho de Segurança da O.N.U. pedindo a recondução do arcebispo Makarios.

A Grã-Bretanha espera ainda também uma resposta ao pedido que fez à Grécia para substituir imediatamente os oficiais gregos da Guarda Nacional que instalaram como presidente de Chipre o antigo chefe de guerrilheiros da Eoka, Nicos Sampson.

Poucas esperanças do advogado de Nixon no caso Watergate

WASHINGTON, 18 — (R.) — O advogado da Casa Branca, dr. James St. Clair, faz hoje a sua última tentativa formal de persuadir congressistas para não recomendarem a impugnação do presidente Nixon, mas com poucas esperanças de obter êxito.

O causídico de Boston discursará durante cerca de duas horas perante a Comissão Judiciária da Câmara dos Representantes, apresentando um relatório de defesa do presidente, com cem páginas, segundo revelou um colaborador da Casa Branca.

A sua tentativa regista-se um dia depois da comissão ouvir a última testemunha, o antigo advogado presidencial, dr. Herbert Kalmbach, e entrar na fase final da demorada investigação sobre o escândalo Watergate e a impugnação de Nixon. Uma votação está marcada para o fim da próxima semana.

Amanhã, o advogado da Comissão, dr. John Doar, começa com o que se espera seja um resumo das provas contra o presidente, cuja apresentação deve durar dois dias, e uma recomendação de artigos específicos quanto à impugnação.

Na segunda-feira, é possível que a comissão autorize que o público assista pela primeira vez às sessões, durante várias semanas, e que permita que o seu debate final seja televisionado.

Há poucas dúvidas em Washington de que os 21 democratas da comissão votarão no sentido de recomendar a impugnação do presidente e dois republicanos afirmaram ontem esperar que vários dos 17 membros do partido se lhes juntassem.

QUATRO MILHÕES DE MORTOS

NAIROBI, 18 — (R.) — Quatro milhões de pessoas morreram de fome em consequência da seca no cinturão Saheliano da Africa Ocidental e milhares de outras continuam ainda a perecer enquanto as superpotências se acusam mutuamente e manifestam a sua simpatia, segundo afirmou o perito queniano sobre assuntos populacionais, dr. Yusuf Eraj.

Discursando a noite passada na décima sétima Conferência Internacional sobre bem-estar social, o dr. Eraj disse que comparativamente pouco estava a ser feito, em relação ao que era necessário, para salvar as pessoas que morrem de fome a uma média diária muito mais elevada do que as baixas em todas as guerras do Médio Oriente.

Criticou a Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas (FAO) pelo que classificou como o seu «fracasso evidente de mostrar qualquer eficácia para evitar a tragédia no cinturão Saheliano e também em muitas outras partes do terceiro mundo».

O DISCURSO DO PRIMEIRO-MINISTRO

Continuação da pág. 12

Angola e Moçambique. Esforços desde o 25 de Abril têm sido feitos pelo sr. Presidente da República e Governo Provisório no sentido de resolvermos no mais curto espaço de tempo esse problema tendo em atenção todos os seus condicionamentos na pura e sincera determinação de ser obtido o cessar-fogo e de se iniciar um processo justo de descolonização sem ambiguidade e que não conduza a soluções neocoloniais. Mas tudo tem o seu tempo de gestão. Não se podem resolver de ânimo leve assuntos de tanta responsabilidade.

Progressos apreciáveis e soluções à vista se têm obtido em negociações. Contudo essas negociações não podem ser conduzidas, regra geral em céu aberto e nem delas se pode dar conhecimento a miúde ao país por razões óbvias. Julgo poder afirmar que muito em breve o sr. Presodente da República fará uma comunicação ao País, que lhe dará satisfação, pelo menos em parte, das suas legítimas ansiedades.

A todos os senhores ministros que aceitaram partilhar comigo um honroso encargo de formar o segundo Governo Provisório, aquele que há-de levar a carta a Garcia desejo significar o meu maior apreço e a mais leal amizade. Certo de toda a alta capacidade governativa de V. Ex.as permitam-me uma palavra de camaradagem aos jovens ministros, militares, cuja presença no governo do País deverá ser entendida como uma garantia do mais fiel cumprimento do nosso Programa e da consolidação e reforço da democracia em Portugal.

Sr. Presidente da República, são estas as palavras de um militar que põe acima de tudo os interesses da sua pátria, um militar que a coragem e o patriotismo dos nossos jovens oficiais fizeram sugerir a V. Ex.a para o cargo de primeiro-ministro. A todos esses meus camaradas dirigo o meu mais afectuoso reconhecimento e a certeza de que a minha investidura foi a consagração do Movimento que sonharam, prepararam e relaizaram com os olhos postos na nossa querida pátria e no nosso querido povo.

São para V. Ex.a sr. Presidente da República as minhas últimas palavras. V. Ex.a também colaborou na redacção do nosso Programa, bem como o Ex.mo senhor general Costa Gomes. E empenharam, também, como nós, a sua honra no compromisso do programa das Forças Armadas. Por todos estes motivos, pode V. Ex.a confiar que tudo farei para cumprir a nobre tarefa de que me incumbiu, que toda ela se se resume no integral cumprimento do Programa das Forças Armadas.

FÉRIAS NA MADEIRA

Viagens de fim-de-semana desde 2.490$00

Viagens de 1 semana (Partidas diárias) desde 2.500$00

INFORMAÇÕES E RESERVAS
Rua Rosa Araújo, 2 - Tel 536971 - LISBOA

VM Meliá
na sua rota pelo mundo

filmar filmar filmar

neste verão com o novo AGFACHROME SUPER 8

Agfa AGFA-GEVAERT

SINDICATO NACIONAL DOS TÉCNICOS E OPERÁRIOS METALÚRGICOS E METALO-MECÂNICOS DO DISTRITO DE LISBOA

COMUNICADO

- A Reunião Geral com Delegados Sincais Metalúrgicos suspensa devido ao adiantado da hora, na semana passada, volta a efectuar-se na próxima Sexta-Feira (dia 19) pelas 21.00 horas no Salão da Intersindical.

Assim, ficam convocados os Delegados que saíram antes da Assembleia ter decidido interromper os trabalhos.

A DIRECÇÃO

ALVOR
a cançonetista americana
MONA RICHARDSON
o ilusionista português
ROVIT
ballet
GERRY ATKINS SHOW
e a Orquestra do Casino

VILAMOURA
a voz sensacional de
SOL RAYE
os malabaristas australianos
THE BORS
ballet
THE LEE DELL DANCERS
e a Orquestra do Casino

Sala de máquinas - acesso livre a maiores de 21 anos
Sala de jogos - diariamente das 17 h às 3 h
Alvor - telf (0082) 23141
Vilamoura - telf (0089) 65319/86
Maiores de 14 anos

TEAM CASINOS DO ALGARVE

ESTRANGEIRO

A QUESTÃO CIPRIOTA

Conciliador americano enviado a Londres

WASHINGTON, 18 — (R.) Os Estados Unidos, receando que a situação em Chipre possa fazer em bocados o frágil flanco sul da NATO, enviou o conciliador para o Medio Oriente Joseph Sisco a Londres, hoje, a fim de conferenciar com dirigentes britânicos e turcos, bem como com o deposto presidente Makarios.

Sisco, subsecretario de Estado para assuntos políticos, partiu de avião para Londres para conferenciar com o secretario britânico dos Negócios Estrangeiros, James Callaghan e com o primeiro-ministro turco, Bulent Ecevit.

O dirigente turco terminou conversações com o primeiro-ministro britânico, Harold Wilson e outros ministros às primeiras horas de hoje, chegando a acordo no sentido de se conservarem em contacto sobre a situação naquela ilha do Mediterrâneo.

O arcebispo Makarios chegou ontem à Inglaterra depois de se refugiar numa base britânica de Chipre.

Makários e aguardado em Nova York para falar no Conselho de Segurança antes do fim da semana. Ontem à noite, foi convidado a visitar Washington pelo presidente da comissão de relações externas do Senado, William Fulbright, que afirmou considerar a situação cipriota perigosa para a paz.

A viagem de Sisco, que o levara igualmente a Atenas e possivelmente a Ankara, tem lugar entre notícias de que a Grécia e a Turquia colocaram em estado de alerta as suas Forças Armadas.

Os dois países, ambos membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte, jamais mascararam as suas divergências acerca de Chipre, com a sua população de maioria grega e minoria turca.

Fontes de Washington disseram que enquanto os americanos se abstêem de qualquer anuncio formal de reconhecimento do novo Governo de Nicos Sampson, em Chipre, pretendem garantias de que:

— Os oficiais gregos que chefiaram o levantamento da Guarda Nacional serão chamados de regresso a Atenas.

— A minoria turca sera plenamente protegida.

— Chipre mantera a sua integridade como Estado completamente independente.

Observadores salientaram que um ponto de ansiedade era que elementos militantes no novo Governo fizessem pressão no sentido da Enosis — união com a Grecia — o que quase certamente inflamaria as relações grego-turcas.

FUNERAIS DISCRETOS DE OFICIAIS GREGOS

ATENAS, 18 (U.P.I.-A.N.I.) A Grécia levou ontem a enterrar, discretamente, mas não sem as cerimónias tradicionais, alguns dos seus mortos resultantes do golpe militar que derrubou o arcebispo Makários, presidente de Chipre.

Em círculos afectos ao Governo militar afirma-se, que foram enterrados, pelo menos, seis oficiais gregos, em várias partes da Grécia.

Em Atenas, o capitão Theodore Rokka, de 32 anos, que actuou nas forças de ataque de Chipre, desceu à terra, acompanhado por honras militares, no cemitério central da cidade revelam testemunhas.

Parentes do falecido declaram que Rokkas foi morto na altura em que a Guarda Nacional invadiu o Palácio Presidencial, em Nicósia.

Assistiram ao funeral, forças de ataque gregas, uniformizadas, e dois generais vestidos à paisana acrescentam as testemunhas.

Uma banda militar tocou uma marcha fúnebre e fileiras de elementos, das forças de ataque, vestidos com camuflados, marcharam lentamente, ladeando o cortejo fúnebre.

Os parentes do capitão, incluindo a mãe, seguiam atrás do feretro, vestidos de preto e manifestando abertamente a sua dor, à maneira aldeã grega.

O último adeus foi proferido por um jovem capitão, que foi seu companheiro na Academia Militar. «Nós, companheiros da classe de 1966, dizemos-te adeus. Foste um herói que morreu em cumprimento do dever» — declarou.

Quando o caixão descia à terra fez-se ouvir uma salva de tiros de espingarda.

Círculos diplomáticos de Atenas afirmam que a Guarda Nacional sofreu 200 vítimas durante a luta em Chipre, a maior parte das quais no ataque ao Palácio Presidencial.

Não houve qualquer comunicado oficial em Atenas sobre o papel dos oficiais gregos durante o golpe contra Makários, mas o representante grego na N.A.T.O. afirma que os oficiais tinham sido emprestados ao Governo de Chipre e que o Governo grego não possuia qualquer autoridade sobre eles, visto estarem sob as ordens do Governo cipriota.

INSUCESSO QUASE TOTAL DAS CONSULTAS INGLATERRA-TURQUIA

LONDRES, 18 (E.P.) As consultas anglo-turcas de ontem para a crise cipriota saldaram-se por um insucesso quase total.

Assim, o comunicado depois da conversação de quatro horas entre Harold Wilson e o seu homólogo turco Bulent Ecevit declara simplesmente «Os ministros exprimiram a sua preocupação perante os recentes acontecimentos na ilha, que resultaram no derrubamento do Governo e do presidente democraticamente eleitos. Tiveram uma discussão aprofundada quanto à posição do tratado de 1960 e decidiram manter-se em estreito contacto».

As conversações prosseguem hoje, quinta-feira com o primeiro-ministro turco estão o seu ministro da defesa Hasan Isik que exerce as funções interinamente de ministro dos Estrangeiros e o representante permanente da Turquia junto da NATO. Do lado inglês assistem Callaghan, ministro dos Estrangeiros, o ministro da defesa e o chanceler do Tesouro.

O artigo quarto do tratado que garante a independência, integridade e segurança de Chipre de 1960, diz que em caso de violação as três potências garantes (Inglaterra, Turquia e Grécia) podem tomar acções unilaterais se não conseguirem pôr-se de acordo. O Governo britânico pela sua parte não encara medidas militares, como já disse a Makarios.

Depois de ter saído de Chipre e feito escala em Malta, o arcebispo Makarios chegou a Inglaterra, onde entabulou conversações com o primeiro-ministro Harold Wilson. Hoje, Makarios é esperado em Nova Iorque para falar perante o Conselho de Segurança das Nações Unidas. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

O "Beatle" John Lennon será expulso dos E.U.A.

WASHINGTON, 18 (R.) — O antigo «Beatle» John Lennon foi hoje avisado de que deverá deixar os Estados Unidos no prazo de 60 dias ou então será deportado.

A Junta de Apelos de Imigração, que anunciou a decisão, não aceitou o pedido feito por John Lennon para lher ser permitido ficar nos Estados Unidos.

John Lennon, de 33 anos, pode ainda apelar para os tribunais federais contra esta decisão.

A Junta de Imigração decretou a medida, a partir de John Lennon, em 1968, ter sido condenado em Londres por possuir marijuana. As leis norte-americanas sobre a imigração proíbem que sejam dados vistos a quaisquer estrangeiros condenados por violarem qualquer lei ou regulamento relacionado com a posse ilícita de drogas ou com tráfico das mesmas.

O ARCEBISPO MAKÁRIOS HOJE EM NOVA YORK

NAÇÕES UNIDAS, (NOVA YORK), 18 — (UPI-ANI) — O arcebispo Makarios é esperado hoje em Nova York, procedente de Londres, onde conferenciou com o primeiro-ministro britânico, Harold Wilson, mas círculos diplomáticos crêem que ele não se apresentara na O. N. U. perante o Conselho de Segurança senão hoje à noite ou amanhã.

Os mesmos círculos pensam que a respeito de Chipre se avoluma, entretanto, o desentendimento entre Washington e Londres, tendo o embaixador britânico junto da O. N. U. marcado para hoje ao princípio da tarde, uma conferência de Imprensa, aguardada aqui com vivo interesse.

Para a chegada de Makarios em Nova York foram tomadas as medidas de segurança mais rigorosas, enquanto no «Palácio de Vidro» se discute a situação, tendo no Conselho de Segurança, o presidente deposto desde ja garantido o apoio da União Sovietica e tambem da Bielorrússia, este ano membro do conselho, as quais estariam dispostas a apresentar uma resolução pedindo o cessar-fogo e a retirada dos oficiais gregos em comissão de serviço na Guarda Nacional.

De acordo com círculos diplomáticos, o problema para as Nações Unidas, no caso de Chipre, é como restituir a Makarios o Poder, motivo pelo qual e natural que uma resolução nesse sentido tenha absoluta prioridade.

EDITORIAL

NOVA IORQUE, 18 — (UPI-ANI) — Em editorial, o «New York Times» recorda ter o arcepisto Makários declarado, há não mais do que nove dias, recear um golpe lançado pela «Ditadura Militar» grega e acrescenta:

«Nunca nestas três decadas um Governo membro das Nações Unidas foi tão ofendido por Atenas como agora:»

UMA COMISSÃO INVESTIGA ACTOS DE TORTURA NA ÁFRICA AUSTRAL

LONDRES, 18 — (R.) — Uma comissão das Nações Unidas está a complilar uma lista de elementos da polícia e de guardas prisionais que, segundo se alega, cometiam torturas na Africa Austral.

Esse trabalho esta incluido em investigações acerca das condições existentes na área.

Keba M'Baye, presidente do supremo Tribunal do Senegal, afirmou a noite passada que uma subcomissão da comissão dos direitos humanos da ONU, que chefia, redigiria um relatório com uma lista de «pessoas acusadas de cometerem actos desumanos ou infligirem torturas a presos ou indivíduos suspeitos de crimes detidos pela polícia».

A comissão esta a efectuar um inquérito de cinco semanas. Foi pedido a testemunhas que depuseram acerca de actos de tortura na Africa do Sul, Rodésia e Sudoeste Africano, durante as audiências da primeira semana, em Londres, para indicarem os nomes de pessoas envolvidas em tais casos de crueldade.

A comissão efectuara tambem uma visita de quatro semanas a seis países africanos, incluindo Zâmbia, Botswana e Tanzânia, durante a qual compilara provas em territórios ultramarinos portugueses.

O relatorio da comissão sera apresentado no proximo ano, a Comissão dos Direitos Humanos e ao Conselho Económico e Social da ONU.

Rapto

MIAMI (FLORIDA), 18 (R.) — Um homem empunhando uma pistola-metralhadora, raptou ontem um proeminente homem de negócios de Miami e sua mulher, forçando o marido a retirar de um banco 50.000 dólares e matando em seguida a tiro o casal anunciou a polícia.

O pistoleiro foi preso pela polícia quando tentava fugir com o dinheiro.

JORNALISTA ARGENTINO ASSASSINADO

TUCUMAN, (ARGENTINA), 18 — (EFE-ANI) — Depois de Vinte e dois dias de cativeiro, o jornalista argentino David Kraiselburo, director de «El Dia» de La Plata, foi encontrado morto, com um tiro de pistola na cabeça.

David Kraiselburo fora raptado por oito extremistas do clandestino «Exército Revolucionário do Povo» e o seu cadáver foi encontrado a poucos metros de uma esquadra da Polícia.

O jornalista assassinado era professor universitário e figura altamente considerada em todos os círculos da Imprensa argentina. Fora director da agência noticiosa «Notícias Argentinas» e dirigia desde 1962 «El Dia», um dos mais antigos jornais do país, fundado em 1884. Tinha 62 anos de idade e últimamente defrontara dificuldades de carácter laboral e administrativo como director do jornal.

Foram polícias alertados por um tiro de pistola, que descobriram o cadáver, quando procediam a uma rusga, à procura de extremistas, no arrabalde de Gonnet.

Sismos

BOGOTA, 18 (R.) Morreram pelo menos sete pessoas numa série de tremores de terra que abalaram a área de Choco, na Costa da Colômbia anunciaram funcionários da defesa civil.

O primeiro sismo foi sentido na passada sexta-feira e desde então já se registaram mais de 180 movimentos sísmicos.

Exclusivo "Le Monde" / "DL"

O REI DE MARROCOS DEFENDE-SE DE FRANCO

. Não admitimos que um «Estado fantoche» seja criado no Sara espanhol, declara o rei Hassan II.

Por LOUIS GRAVIER

RABAT — «Não admitimos, de forma alguma, ver erigir na parte Sul do nosso país um Estado fantoche», declarou o rei Hassan II, num discurso dirigido à nação e pronunciado na segunda-feira, 8 de Julho, na véspera do seu quadragésimo quinto aniversário, que coincide com a festa da juventude. Este «Estado fantoche» não seria outro, segundo o soberano, do que o «Sara sob administração espanhola», que seria dotado de um estatuto de autonomia interna. «O que implica, como bem o sabemos», acrescentou, «a alforria do Estado protector sobre os negócios estrangeiros e sobre a defesa». Assim foi posta a claro esta «nova política» da Espanha a que se referia a posição de defesa do rei relativamente ao general Franco, tornada pública dois dias antes.

Até agora, tudo o que dizia respeito às conversações — já longas — entre Rabat e Madrid quanto às reivindicações de Marrocos sobre o Sara, tinha estado envolto numa constante discrição. Relativamente a esta atitude, o dia 8 de Julho marca uma data, pois, não apenas Hassan II abriu no seu discurso radiotelevisionado o essencial do processo, como ainda o primeiro-ministro e o ministro dos Negócios Estrangeiros expuseram aos embaixadores acreditados na capital marroquina a posição do palácio real com as justificações que a acompanharam.

Segundo os propósitos do soberano, o processo do Sara espanhol apresenta-se assim: em 7 de Abril de 1956, a Espanha comprometeu-se a reconhecer a independência de Marrocos e a garantir-lhe a sua integridade territorial. Infelizmente, apesar da flexibilidade e do «espírito pacífico» de que, há já dezoito anos, Marrocos dá prova, o seu direito não foi ainda efectivamente reconhecido, e o reino «não encontrou diante de si um interlocutor que dê prova da mesmaboa vontade».

Rabat chegou mesmo a propor, em 1966, à Espanha, que dentro do Sara que esta administra — esse «território espoliado» — seja organizado um referendo sob a égide da O. N.U. que esta questão seja posta à consideração das populações: «Desejam continuar sob a tutela do país que vos ocupa, ou ser integrados na mãe pátria?».

Marrocos ligou-se a este processo «para não reeditar mal entendidos com certos países africanos». A sua boa vontade maifestou-se igualmente através de numerosas precauções contra toda a decisão unilateral de Madrid, e, em 1970, por uma importante proposta, em seguida a uma conversação pessoal do soberano com o general Franco.

Dada a posição estratégica de El Aïoun e de Vila Cisneros relativamente às ilhas Canárias, e a importância atribuída, no plano militar, a estas ilhas por parte da Espanha, Marrocos estava disposto, uma vez reconhecida a sua soberania saraiana do «seu território», a pôr à disposição de Madrid, por um período determinado, bases militares que assegurariam aos espanhóis a sua segurança do arquipélago.

Além disso, Rabat propôs um acordo de cooperação, associando a Espanha a Marrocos, para a extracção e a comercialização dos recursos do Sara e dos fundos marítimos que o prolongam sobre o baixio continental. «Tínhamos pensado, então», disse o rei, «que tais aberturas eram de natureza a chamar os espanhóis à razão, para ter em conta os seus verdadeiros interesses, sabendo que não há lugar em África para um país estrangeiro». Estas propostas não tiveram nenhum seguimento positivo, e os marroquinos pensam hoje que a Espanha considera aplicar ao Sara uma política cuja autonomia interna seria o objectivo.

As reservas marroquinas foram, portanto, reiteradas. Valendo-se dos apoios encontrados na plano nacional e junto de organismos como a Liga Árabe, a O. U. A., ou, ainda quando da recente conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos países islâmicos, reunidos em Kuala-Lumpur, Hassam II reafirmou o fundamento da posição marroquina, acrescentando que os comentadores estrangeiros se enganariam redondamente se considerassem que o seu discurso fora ditado por motivos de política interna, para fazer diversão. O próximo ano será, portanto, consagrado a terminar «a libertação territorial de Marrocos». No entanto, o soberano não desespera de ver prosseguir o diálogo com Madrid, se a Espanha quiser ter perfeita consciência das realidades que resultam da independência da África e dos seus próprios interesses.

No mesmo discurso, Hassan II anunciou que ia alargar a participação dos trabalhadores nas empresas. As experiências que têm tido lugar em duas refinarias de açúcar vão ser alargadas ao conjunto deste sector industrial, assim como a uma fábrica de materiais de canalização para irrigação e a uma fábrica de montagem de automóveis.

MAPA DE MARROCOS

O Sara espanhol, que tem fronteiras comuns com Marrocos, Argélia e Mauritânia, compreende a Seguiet-el-Hamra e o Rio do Ouro. A sua muito fraca população é composta sobretudo por nómadas.

Independentemente das reservas formuladas em 1956, quando da assinatura dos acordos de independência com a Espanha, a reivindicação marroquina exprimiu-se pela primeira vez, de maneira solene, em 1958, num discurso pronunciado por Moamé V, em M'Hamid, no extremo sul de Marrocos.

A parada representada por este território adquiriu, nestes últimos anos, uma importância aumentada, com a descoberta em Bukraa de uma reserva de fosfatos de uma excelente qualidade, que representa mais de um bilião de toneladas. Ele próprio importante produtor de fosfato, Marrocos não podia ficar indiferente à perspectiva de uma exploração concorrente.

A Espanha começou, em 1972, a explorar o jazigo de Bukraa, que poderia fornecer, segundo certas estimativas, 10 milhões de toneladas de fosfato por ano, durante cento e trinta anos. Foram feitos importantes investimentos com o concurso de estrangeiros, principalmente da firma alemã Krupp.

TRUDEAU: UMA RECONQUISTA MERITÓRIA

. Ao reencontrar, com o partido liberal, uma maioria absoluta perdida em 30 de Outubro de 1972, Pierre Elliot Trudeau conseguiu uma proeza sem dúvida mais meritória do que o seu triunfo em 1968.

Na época, o entusiasmo por um «homem novo» — cuja desenvoltura e maneira franca de falar seduziam as massas — havia alterado os hábitos dos canadianos. Embora mais modesta, a vitória de hoje assenta em bases políticas mais sãs.

O primeiro-ministro, amadurecido pelas decepções e os compromissos de um Governo difícil, evitou — e bem — mostrar a «arrogância» que se lhe havia censurado anteriormente. Jogou mais no aparelho do seu partido do que em declarações de grande efeito. Por este facto, o seu adversário conservador, Robert Stanfield, parece ter, durante toda a campanha, uma singular falta de mordacidade e de atracção perante um concorrente tão sedutor como hábil.

Embora durante a campanha não tenha abordado este assunto, sempre delicado, Trudeau acaba de restaurar um melhor equilíbrio entre as duas «nações» do Canadá. As eleições de 1972 tinham, com efeito, feito aparecer uma brecha preocupante entre um Canadá inglês, onde os conservadores eram maioritários, e um Quebeque liberal. A longo prazo, podia resultar num divórcio destas opções opostas. Ora, o Ontário deixou de ser um feudo dos conservadores. Os eleitores desta rica província sentiram-se, sem dúvida, descontentes com o programa de controlo dos preços e dos rendimentos que Stanfield propunha para lutar contra a inflação. Trudeau, em contrapartida, prometia facilidades fiscais aos industriais para os incitar a produzir mais e comprometia-se a vir em auxílio dos canadianos menos favorecidos com largas medidas de assistência.

No entanto, as províncias do Oeste, que se mantiveram conservadoras e limitaram o alcance da vitória liberal,, poderiam criar dificuldades ao próximo Governo. O prórpio Trudeau tem frequentemente posto o acento, no decurso destes últimos dezoito meses, sobre aquilo a que ele chamou o «separatismo das províncias do Oeste». Esta tendência é tanto mais preocupante quanto é certo que esta região encerra os jazigos de petróleo dos quais o primeiro-ministro quer que todo o país aproveite através de uma política nacional destinada a assegurar a autonomia energética do Canadá.

A atitude do Oeste e a situação particular do Quebeque entravam o nascimento, no Canadá, de um poder executivo forte, ao passo que o sistema federal privilegia uma «unidade nacional» que tende a tornar-se um trunfo do conservantismo e a manter um «establishment» dominado pelos interesses americanos.

Resolvido a «escolher entre o que é politicamente aceitável e o que é intelectualmente desejável», Trudeau não terá à sua frente uma tarefa fácil. Antes dele, só William Mackenzie King havia conseguido, em 1926, reconquistar uma maioria para os liberais após uma derrota. O primeiro-ministro assegurava, na época, que o «leadership» no Canadá, palavra mestra da campanha do seu sucessor, consistia menos em saber agir do que em saber evitar». Trudeau tem cinco anos para demonstrar que aprendeu a lição.

A PARADA INGLESA

Por RENÉ DABERNAT

As dificuldades internas e externas da Inglaterra, as controvérsias de alem-Mancha entre partidários e adversários da manutenção no Mercado Comum, não podem deixar nenhum europeu indiferente. No momento em que os dois super-grandes, se não partilham completamente o mundo, se arrogam de bom grado as principais responsabilidades, é preciso desejar que, após quatro séculos de corridas cintilantes pelos oceanos, a Grã-Bretanha fique definitivamente amarrada ao continente e contribua com ele para transformar a relação internacional de forças.

Ninguém quereria, por consequência, subestimar a intensidade dos problemas postos ao povo britânico. Ele deve simultaneamente sair da insularidade e do alto mar em que sempre viveu; relaxar diversas amarras com os Estados Unidos; inserir-se numa comunidade, por certo próxima das suas costas, mas cujas regras, fixadas muito antes da sua chegada, o colocam no mesmo pé de igualdade de qualquer outro membro; desempenhar no seio desta comunidade um papel digno de si sem se destruir nem a destruir. Mais do que qualquer outro, dá a medida das mutações impostas pela passagem de uma era passada a uma era nova.

Porém, a ajuda que os países europeus lhe podem dar nesta provação nada é ao lado da tomada de consciência depois das correcções que devem intervir na própria Inglaterra. Trata-se de saber se ela se tornou, tal como dizia Byron da Itália, a triste mãe de um império morto ou se encontrará o sopro mágico que reanima os génios extintos.

Arnold Toynbee funda a sua teoria das civilizações no «desafio estimulante» em virtude do qual o povo se revela grande quando, arrojado por terra, as dificuldades são para ele, não uma causa durável de apagamento, mas um choque salutar. Aplica-se em especial aos ingleses que, muitas vezes — depois da Guerra dos Cem Anos, à saída da Guerra das Duas Rosas, no momento da independência das colónias americanas e, bem entendido, em 1940 — , souberam dar uma volta à situação.

Pelo contrário, Arthur Koestler, em «suicídio de uma nação», atribui o «mal da Grã-Bretanha» menos à perda do seu império do que à «perda do seu arrojo». As dificuldades inglesas não passariam de sobressaltos de um reino no qual somente o cerimonial encobrisse a decadência, senão mesmo a agonia. Estas duas teses situam a parada.

Há sérias razões para pensar que as correcções prevalecerão — e surpreenderão. O que desapareceu foi um sistema mundial dirigido de Londres, exposto, com todos os sistemas, a usura do tempo e provavelmente impossível de salvar. Não é a Inglaterra, nem mesmo a totalidade dos meios e mecanismos que lhe permitem levantar-se. O petróleo e o gás do Mar do Norte; a City, a tecnologia avançada; uma vasta rede de relações em todos os continentes; uma juventude numerosa; um longo hábito de sobreviver à adversidade, outros tantos trunfos para a época em que, tendo o enorme endividamento externo sido liquidado, o País poderá reencontrar plenamente o seu papel. É preciso ainda que a opinião inglesa, e não somente um grupo de escol, meça claramente as realidades de hoje, duas das quais merecem uma atenção muito especial.

Em primeiro lugar, a escolha já não é, para os britânicos, entre a Europa e o mar alto, mas entre a Europa e uma Inglaterra diminuída. A rota das Índias constituiu, durante muito tempo, o eixo do sistema inglês. Foi devorado pela História. Porém, aquilo que exprimia subsiste, isto é, a necessidade absoluta para a Inglaterra de desdobrar o seu aparelho comercial e financeiro no seio de um vasto conjunto que as modestas ilhas natais não poderiam oferecer. A Antiga Londinium devia já a sua prosperidade ao seu apego ao Império Romano; a partida das legiões deixaram aqui uma cidade repentinamente sem eco num país novamente apagado.

Hoje, o Reino Unido já não encontra no mar alto extra-europeu a plataforma da sua riqueza e do seu poderio. Em 1939, pagava um quarto das suas compras no estrangeiro com os rendimentos das suas colocações externas; de 1965 a 1972, não conseguiu cobrir senão cerca de 5 por cento. O ex-império e os domínios absorviam, antes da guerra, metade das suas exportações, forneciam 40 por cento das suas importações. Em 1972, não representavam mais de 30 por cento do seu negócio total, enquanto que a Europa Ocidental passava a 41 por cento, aumentava a sua parte em metade. A Commonwealth efectua actualmente dois terços das suas trocas com outros países que não a antiga metrópole. Os Estados Unidos polarizam o Canadá; o Japão, o Pacífico, a América do Norte atraiem cada vez mais a Austrália, a Nova Zelândia, a Malásia, a Índia.

O porto de Londres traduz dramaticamente este declínio do papel mundial britânico. Até 1913, ultrapassava, de longe, todos os seus concorrentes estrangeiros. Em 1970 não ia além do nono lugar na hierarquia dos chamados «grandes». Por ordem decrescente, encontrava-se atras de Roterdão, Nova Iorque, Nagóia, Antuérpia, Marselha Kawasaki, Osaca e China (segundo o «journal de la Marine Marchande» de 2 de Dezembro de 1971. E certo que as importações de hidrocarbonetos modificam periodicamente a lista, porém, o recúo londrino subsiste, maciço. Reflecte, com um frio rigor, o da Grã-Bretanha, assim como a redistribuição da actividade na superfície do globo.

Todos os outros índices covergem: em 1913, o reino, então senhor dos oceanos, lançava 58 por cento da tonelagem mundial. Esta percentagem caiu para 4,7 por cento em 1972; tratava 15,2 por cento do comércio mundial em lugar dos 6 por cento actuais. Numerosos meios comerciais, vários jornais influentes, diversos responsáveis políticos analisaram estas realidades novas com lucidez. No entanto, não puderam determinar uma tomada de consciência nacional. A Inglaterra ainda mantém ilusões em certos ingleses que não vêem aquilo em que ela se tornou.

Por outro lado — e é este o segundo ponto a considerar — acreditam ou estão entretidos com a ideia de que o regresso definitivo à Europa deste velho país, que dela é o prolongamento étnico e geográfico, significaria uma alta suplementar do custo da vida. Esta ambiguidade, que tanto trabalhistas como conservadores, com raras excepções, têm mantido, contribui para explicar a hostilidade de uma parte — uma boa parte — da opinião. No entanto, a situação real é muito diferente.

A política de alimentação barata, ou a «cheap food policy», assentava, além-Mancha, em largas subvenções orçamentais e numa agricultura ultra-moderna. Muito antes da adesão aos organismos de Bruxelas, o orçamento, sobrecarregado, era incapaz de assegurar as subvenções requeridas e transferia um a parte do fardo para os consumidores. Para cúmulo, os dirigentes agrícolas reclamaram, a partir de 1970, «uma injecção de dinheiro fresco que permitisse à agricultura fazer face à mais grave crise financeira que conhecia depois da guerra». Era preciso, portanto, ou que o Estado pedisse aos consumidores e aos contribuintes um esforço suplementar, do qual decorria um aumento de preços dos alimentos, ou que aceitasse, sob reserva de alguns retoques, a política agrícola comum, origem igualmente de um ligeiro aumento. Em ambos os casos — manutenção no Mercado Comum ou abandono — , era inevitável uma certa alta do custo de vida.

Actualmente, as paixões políticas, mas, tambem, rudes provações, cuja intensidade é preciso compreender, pesam sobre certos julgamentos na Grã-Bretanha. Está, no entanto, fora de dúvida que, pelos caminhos lentos mas democráticos e seguros que são os seus, o país reunirá, cedo ou tarde, na opinião um consenso suficiente que lhe permita tirar as consequências destas realidades. Os ingleses, disse Emerson, ajoelham sempre diante dos factos. Nesse dia, será o começo do levantamento. Se Wilson falar aos seus compatriotas tão corajosamente como o fez no passado, isso constituirá também uma nova possibilidade para a Europa.

TURISMO EM ALBUFEIRA

FESTAS POPULARES

HOTEL SOL E MAR
NA ESPLANADA DA PRAIA

CONCERTOS DE VERÃO

Todos os domingos
Por bandas algarvias e ranchos folclóricos
das 21 horas às 23,30 horas

Estas festas são em honra dos nossos turistas e população local.

São oferecidas pelos 200 empregados do
Hotel Sol e Mar
Boite Pescador

Restaurantes: **Fernando, António, Alfredo, Internacional e Oásis**

Residenciais: **Vila Recife, Albufeirense e Monique**

Apartamentos: **D. Fernando, Ténis, António e Al-Faghar**
Talho Max
Auto Sol e Mar — Carros de Aluguer
Bota, Barata & Guerreiro—armazém de vinhos — ALMANSIL

Nunca tivemos subsídios nem favores

SOMOS UMA ORGANIZAÇÃO DE PORTUGUESES AO SERVIÇO DO TURISMO

Somos os maiores porque TRABALHAMOS MAIS

ASTRÓLOGA
S A R A

Ajuda a resolver seus problemas. Só Senhoras. Telef. 21 62 89.

A C. P. INFORMA:

SERVIÇO NOCTURNO LISBOA/ALGARVE

A partir do dia 19 de Julho, deixa de se efectuar o serviço nocturno entre Lisboa (Santa Apolónia) e o Algarve, criado em 31 de Maio passado e que circulava, às sextas-feiras, no sentido Lisboa Algarve e, aos sábados, no sentido Algarve/Lisboa (via Setil).

Em sua substituição, é restabelecido o serviço de carruagens-camas entre Barreiro e Vila Real de Santo António-Guadiana, e vice-versa, nos comboios n.os 9021 (noites de sexta-feira para sábado) e 9022 (noites de domingo para segunda-feira).

Mantem-se o serviço nocturno Porto-Algarve, nas mesmas condições que até ago a têm vigorado.

GERAL

REALISE DINHEIRO
sobre o seu carro mesmo em debito a stands
Av. General Roçadas, 109-2.º Esq. — T. 844862

Estação Zootécnica Nacional

FONTE-BOA

Vale de Santarém

LEILÃO DE GADO CAVALAR

O Conselho Administrativo da Estação Zootécnica Nacional, torna público que procederá ao leilão de 20 animais da espécie cavalar (raças Lusitana, Árabe e Anglo-Lusitana), no próximo dia 21 pelas 10 horas, na sua sede (Fonte-Boa).

Estação Zootécnica Nacional, 13 de Julho de 1974.

O Director e Presidente do Conselho Administ ativo,
a) **Joaquim da Silva Portugal**

A HABITAÇÃO NA REABILITAÇÃO DE DEFICIENTES

As barreiras arquitectu-rais e as suas implicações na reabilitação socio profissional de deficientes, foi o tema do encontro que decorreu na sede do Centro da Associação Portuguesa de Paralisia Cerebral, em Lisboa. Foram projectados alguns filmes e debatidos os aspectos mais falagrantes relativos à construção dos edifícios publicos e privados. Presentes técnicos ligados ao sector das Construções Escolares e de vários Ministérios, assim como algumas pessoas deficientes e familiares.

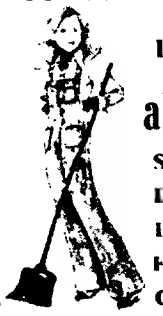
Foi proposta a constituição de uma comissão, que funcionara em estreita ligação com a Associação Portuguesa de Deficientes, tendo ainda sido definida uma estratégia para análise superior dos problemas apresentados.

ASTRÓLOGO — RONDE

TRATA E RESOLVE TODOS OS SEUS PROBLEMAS MESMO OS QUE JULGUE MUITO DIFICEIS.

Rua Emília das Neves, 23-1.º — Telef. 705007
— BENFICA —

CONSULTE-NOS !...

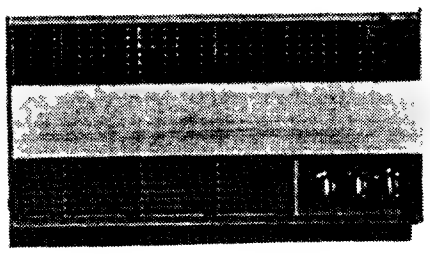


Limpezas
alfaCinha
SERVIÇOS DE LIMPEZAS EM GERAL

R. de Artilharia Um, 39 r/c Dt.º
Telefones 65 46 97 65 46 68

CONDICIONADORES DE AR
Riello

UMA SOLUÇÃO PARA CADA EXIGÊNCIA



• CONFORTO
• DECORAÇÃO
• SILÊNCIO

IDEAL PARA QUALQUER AMBIENTE

representante exclusivo:

Rafael Burguete, Lda.

AV. DUQUE DE ÁVILA - 42-B
TEL. 47274-538732-LISBOA

R. Dr. ALFREDO MAGALHÃES-99
TEL. 26902 (2 linhas) — PORTO

Pensando em férias...

TOYOTA

Av. da Igreja 39-C Lisboa (junto à estatua st°antónio)

APRESENTAÇÃO DE:
CARAVANAS LYNTON
BARCOS DE RECREIO
IMPORTADOR: IMIMPE S.A.R.L.

EM EXPOSIÇÃO ATÉ ÁS 24 HORAS

ALGARVE

VILA DO BISPO

Aluga-se Moinho de Vento, transformado em vivenda c/ 3 quartos, casa de banho, cozinha e sala comum. Magnificamente mobilado em estilo Séc. XVII.

Trata: J. M. CABRITA
Apartado 98 — LAGOS

FIMADE/74

II FEIRA INDUSTRIAL DA MADEIRA

De 28 de Setembro a 6 de Outubro, em Tomar

A C. P. INFORMA

LEILÃO

Em 22 de Julho e dias seguintes, às 10 horas, na estação de Alcântara-Terra, proceder-se-á à venda, em hasta pública, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos legais, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se os Srs. Consignatários das remessas e donos dos volumes de que podem ainda retirá-los até ao dia 19 de Julho, nos dias úteis, excepto aos sábados, das 10 às 17 horas.

Para o efeito, devem ser pagos à Companhia os débitos que corresponderem, para o que os interessados poderão dirigir-se ao Serviço Comercial de Mercadorias, Rua Victor Cordon, 45 — Lisboa.

Nas estações, encontram-se afixados os Avisos correspondente ao referido leilão.

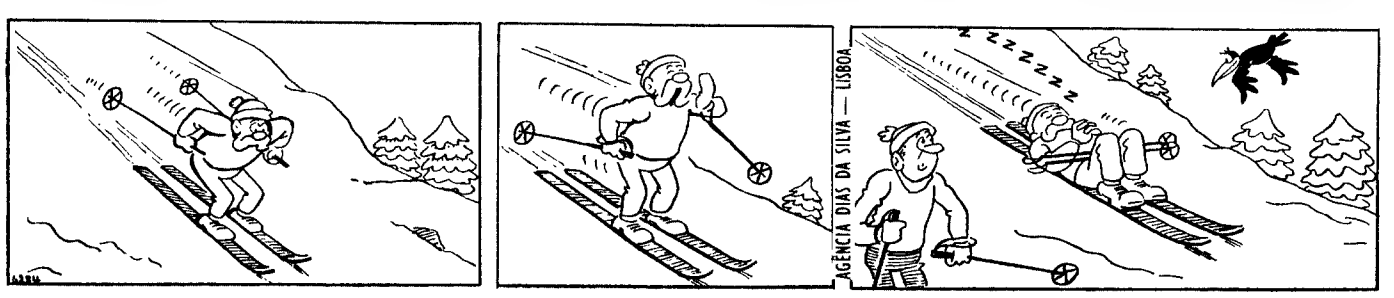
CURSOS

DE FÉRIAS

● **Mecanografia**
Perfuração/Verificação

Sistemas: IBM e UNIVAC
máq. 029-059-129-1701-1710
Início dos cursos: 24 de Julho
Informações e matrículas no:
Externato Continental
Telef. 36 42 72
Rua do Arsenal, 100 - 1.º

Pouco tempo após a confirmação feita por um técnico do valor terapêutico da cerveja, já conhecida pelos egípcios, foi descoberta em Mainz cerveja petrificada, possivelmente e mais antiga do mundo. Em escavações feitas nas proximidades de Mainz, descobriu-se uma ânfora contendo pedras de uma consistência semelhante à turfa. Técnicos identificaram esta massa castanha escura como sendo «o mosto espumoso, poroso e seco de cerveja. A ânfora do ano 350 d. C. provém da cave do Imperador Constantino.



COMISSÃO INTER-REGIONAL ORGANIZARÁ O CONGRESSO NACIONAL DA SAÚDE

Foi decidida a criação de uma comissão inter-regional para o lançamento do Congresso Nacional de Saúde no decurso da V Reunião Inter-Regional do Sindicato dos Médicos (Lisboa, Porto e Coimbra). A comissão será constituída por nove elementos, devendo funcionar em íntima colaboração com a Comissão para o Estudo da Assistência nos Serviços Medico-Sociais. Esta Comissão, também criada durante a mesma reunião, é composta por seis elementos.

O Secretariado da Inter-Regional ficou composto pelos drs. José Gomes Ermida e José António de Sousa Fernandes (Coimbra), Virgílio Moreira e José Castro Ribeiro (Porto) e José Meneses e Rui de Oliveira (Lisboa). Compete-lhe, nomeadamente, contactar e coordenar as actividades das três regiões, preparar as reuniões e informar a classe.

No decorrer ainda da V Reunião Inter-Regional, foram eleitos os elementos para preenchimento dos cinco lugares previstos no conselho orientador do organismo, tendo a escolha recaído nos drs. António Barros Veloso, Maria Margarida Barbosa, Mário Rosa Falcão, Ricardo Pescadinha e José Martins Palminha.

Três mil habitantes sem água

ODEÁXERE — À medida que o tempo passa, o problema da falta de água nesta freguesia rural vai tomando proporções alarmantes, já que os três poços aqui existentes foram considerados inquinados, devido à penetração dos escoantes naturais de fossas e lixeiras. O problema, que se arrasta há cerca de vinte anos, e que nunca mereceu a atenção de quem de direito, agrava-se com a existência de uma rede sanitária. Acontece que Odeáxere, encravada numa zona considerada de interesse turístico, tem já uma população que se eleva a três mil habitantes.

Há cerca de nove anos iniciou-se a montagem de uma rede de distribuição de água ao domicílio. Vieram os operários, abriram-se as valas, enterraram-se os canos. No entanto, e por razões que se desconhecem, as valas voltaram a ser tapadas, ficando os canos enterrados. E nunca mais se falou no assunto...

Que se saiba, actualmente nem sequer existe qualquer projecto de saneamento e distribuição de água a esta localidade. Até quando? É uma pergunta a que só as entidades competentes poderão dar resposta, e urgente, como de facto o problema merece.

Por outro lado, a localidade é muito mal servida de vias de acesso. As estradas que a ligam a outras freguesias e herdades, são autênticos caminhos de cabras, por onde se torna quase impossível transitar.

PRORROGADO ATÉ AO FIM DO ANO O CONTRATO DA ZONA DE JOGO DA PÓVOA DE VARZIM

Por despacho emanado da Secretaria de Estado do Comércio Externo e Turismo, datado de 1 do corrente, foi prorrogado até ao fim do ano o contrato (celebrado com a Sopete — Sociedade Poveira de Empreendimentos Turísticos, S.A.R.L.) de concessão da exploração da zona de jogo da Póvoa de Varzim.

Salvo algumas excepções de pormenor, a empresa fica obrigada ao cumprimento do referido contrato e pagará 800 contos mensais (total de 6400 contos para o segundo semestre do ano) ao Fundo de Turismo e 600 contos à Câmara Municipal da Póvoa. Esta última importância destina-se a investimentos em obras de urbanização na área turística do concelho, designadamente acessos e instalações de água, luz e saneamento às infraestruturas.

De acordo com a nova orientação relativa às empresas concessionárias das zonas de jogo, o Governo poderá nomear um delegado junto da administração da empresa.

QUEM TRAVA OS LATIFUNDIÁRIOS DE MOURA?

MOURA, 17 — Alguns lavradores deste concelho, afirmando-se desencorajados com os resultados económicos obtidos, venderam já as suas vacas, solução que agrava ainda mais o problema da falta de leite, tanto mais que elevado número destes animais se destinam ao matadouro beneficiando apenas os intermediários nas transacções.

Na base desta atitude, que ameaça estender-se a outras regiões do Alentejo, encontra-se a reivindicação, não acordada oficialmente, de os lavradores aumentarem o preço de venda do leite, apresentando como motivo o facto de o feno, as farinhas e as jornas do pessoal tratador terem subido substancialmente nos últimos tempos.

Quem trava, pois, esta estratégia reaccionária dos lavradores alentejanos, na sua maioria latifundiários, que já conduziu ao despedimento de alguns tratadores e ameaça deixar vastas camadas da população sem leite?

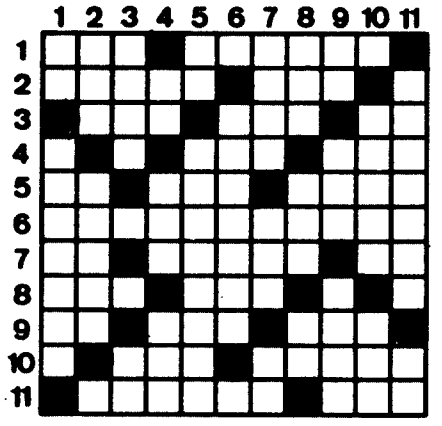
Palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10838

HORIZONTAIS:

1 Iguala (Prov. Padecer
2 Bandas. Seguias.
3 Preposição. Utensílios domesticos. Ruim
4 Estar. Doença.
5 Sufixo que designa estado. Rio da Suiça. Caule.
6 Rezingaram
7 Nota musical. Ave trepadora. Batraquio
8 Espadua Cidade da Jugoslávia
9 Vareja. Estima. Voz do mocho.
10 Distrito da Índia Portuguesa. Marcha.
11 Lançar de si. Preposição e artigo definido. (pl).



VERTICAIS:

1 Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis. Ilha entre o Oceano Pacífico, o mar da China e a Coreia
2 Cidade de França. Bruma.
3 Adoria. Compaixão.
4 Sufixo que designa estado. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Asia. Suspiros.
5 Sua Santidade. Brotaramos.
6 Pontape.
7 Tramar (fig.) Grande. Prasiodímio (s. q.).
8 Chefe etíope. Ave pernalta do Brasil. O mesmo que betele.
9 Pertences. Oceano. Mira.
10 Osso par da face. Sufixo que designa abundância.
11 Rei dos Israelitas, filho e sucessor de David e Betsabe. Artigo definido.

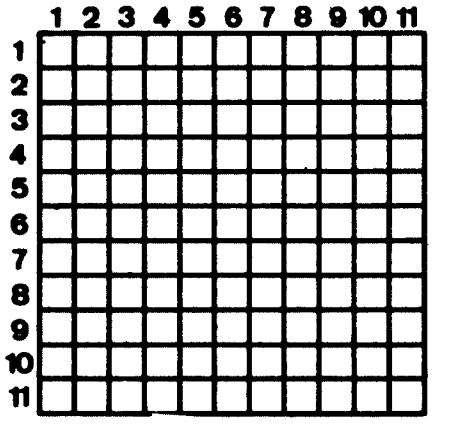
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6996

HORIZONTAIS:

1 Nasceram.
2 Sulcai a terra. Planta do pe
3 Tanger. Desmontar.
4 Acrescentei. Caminho.
5 Letra grega. Instrumentos para atirar setas. Calcio (s. q.)
6 Genro de Maome. Prefixo que designa ar. Igual.
7 Segunda mulher de Henrique VIII de Inglaterra. Doçura.
8 Singular
9 As duas juntas. Rate.
10 Nome de flor. Cortesã romana, que foi amada por Horacio.
11 Cidade de França. Guarnecido de asas.



VERTICAIS

1 Pusera data em Salario.
2 Enguia. Ole. Maior
3 Arranca. Proibir.
4 **Chalaça (fig). Antiga Capital da Birmânia.**
5 Zombara. Costumes.
6 Note Bem. Cerio (s. q.)
7 Serra de Portugal. Cercadura.
8 Virgulas dobradas. Fecho as asas para descer mais depressa (inv.).
9 Ratam. Clareira no mato (Prov.)
10 Freguesia do concelho de Macedo de Cavaleiros. Oxido de calcio. Idem.
11 Notar. Grande cão de fila

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10837

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
Tropa. Mafra	Tal Adaga
2 Ais Som Aue	2 Rias Abalai
3 Lali Arar.	3 OSTRA Alvor
4 Sras Ciro	4 Iago Ao
5 Agitara	5 As Sirio.
6 DA Orate Pó	6 Ou Ta SAI
7 Aba Ser	7 MM Catar Im
8 Galao Roera	8 A Aire Oó
9 Alvo Olor	9 Farra Sela
10 Cao Vai Ala	10 Ruão PEROLA
11 Airó Imo Am	11 Aer Moraram

Proverbio: DA OSTRA SAI A PEROLA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6995

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Barreiros.	1 Abra. Penar.
2 Moesses	2 Rima Como
3 Br Aster Ga	3 Am Mare Sal
4 Rim Panar	4 Roa Laga Re
5 Amali Uva	5 Respirar Ri
6 Arar Orça	6 Esta Apor
7 Lga Sio	7 Isentos Uta
8 E C Ara Br	8 Rera Rir As
9 Nos Pu Ari	9 Os Ruço Ar
10 Amarrotaram	10 Va Bras
11 Roleiras Sa	11 Sara Arima

REPORTAGEM

PINTURA E ANTIGUIDADES SEM COMPRADORES

O golpe militar que derrubou o anterior regime político inquieta muito boa gente. As greves, as reivindicações, as ofensivas críticas e tomadas de posição da esquerda revolucionária fazem com que uma certa camada da média e grande burguesia deite as mãos à cabeça.

Estabeleceram medidas de restrição ao consumo: não investimento de capital em coisas supérfluas, limite de fastos e um certo mimetismo para se adaptarem às novas situações.

Os artistas plásticos, na «Brasileira do Chiado» falam dos seus problemas.

Quem se ressentiu fortemente foram os antiquários, as boutiques de luxo, os joalheiros as galerias de arte.

POUCAS ONDAS NOS ANTIQUÁRIOS

Visitámos alguns antiquários e galerias de arte; ouvimos alguns pintores e «marchands». E as nossas suposições confirmaram-se. De facto, após o 25 de Abril, houve um decréscimo de vendas da «mercadoria» artística.

«Tenho vendido pouco. E esse pouco que vendi foi a estrangeiros porque os portugueses deixaram de comprar. Por outro lado, o facto do Governo Provisório ter fechado a exportação afectou-nos imenso. Ainda que tenhamos a «chance» de aparecer alguma antiquário estrangeiro não podemos vender...», afirmou Gabriela, empregada numa loja de antiguidades da rua D. Pedro V.

Telas do séc. XVII e XVIII e molduras em cercaduras modernas, loiça de Cantão e da Companhia das Indias, móveis, imagens religiosas e outros objectos decorativos que dão o toque de requinte nas casas da burguesia, amontoam-se nos antiquários. Sem saída. A confusão, a espectativa, a desconfiança, tolhem as bolsas dos habituais compradores de arte.

Uma pintura inglesa do séc. XVII, retratando um bispo vale 20.000$00; um prato de loiça não sei quê custa 12.500$00; uma imagem flamenga do séc. XVI está marcada com o preço de 60 mil escudos. Bagatelas para ricos, exorbitâncias para pobres.

As pessoas que gostam de antiguidades compravam peças de cotação internacional e valorizavam, assim, as suas casas. Viviam dentro da arte e tinham uma espécie de mealheiro na medida em que os objectos artísticos não se desvalorizam. Agora que houve uma mudança tão grande de regime, eu podia pedir um aumento de ordenado, mas não tenho cara para tal visto que seria uma afronta nas actuais circunstâncias em que o negócio se encontra, disse-nos ainda Gabriela.

Noutro antiquário que visitámos, na mesma rua, igual situação de crise! A ausência de turistas, a reserva dos portugueses endinheirados, a exportação fechada...

E a loja do antiquário José Ramos da Silva permanece tristemente vazia de clientes de há uns dois meses para cá. Não se ouvem os «very nice» nem os «how much?». Um silêncio de igreja paira no salão repleto de velharias restauradas.

O mês passado foi em branco. Este ano os estrangeiros aparecem raramente, ao contrário do que acontecia no Verão passado. E percebe-se a razão desta ausência. Ainda há pouco tempo li um jornal espanhol que fazia alarde da existência de cólera em Portugal, em letras garrafais. Ora isso não é verdade. Quanto à revolução, os estrangeiros que na altura estavam aqui viram perfeitamente que tudo decorreu na melhor ordem, declarou-nos o dono da loja.

As reticências dos coleccionadores portugueses ainda agravam mais a crise.

Expusemos na Feira das Indústrias, mas as pessoas que tinham comprado desistiram após o 25 de Abril. No entanto, estou convencido que isto se vai resolver dentro de poucos meses. Até pode ser que com o melhoramento das condições de vida surja uma nova clientela.

ARTISTAS E «MARCHANDS»

Os «marchands» de arte moderna também se queixam da escassez de vendas. Muitas galerias vão acabar e os pintores estão na expectativa perante o desenrolar dos acontecimentos. As cotações altíssimas alcançadas por alguns artistas irão baixar? Qual será o papel da arte numa sociedade futura? Pergunta-se. Evidentemente que numa democracia burguesa se mantêm os privilégios, a alienação do artista, a redução da arte, a mercadoria. Numa sociedade socialista, segundo os modelos que temos à vista, idem, idem, aspas, aspas. O Estado, o partido funcionam como condicionadores da criação artística.

Na galeria S. Mamede onde está patente uma exposição intitulada «Maias para o 25 de Abril» ouvimos Ivone Silva, empregada daquele salão de arte, que nos declarou:

«Tínhamos telas caríssimas de pintores estrangeiros mas agora desistimos, porque da parte de certas pessoas parece haver receio de empatar o capital. Para quê expôr uma obra de 500 ou 600 contos se não temos comprador para ela? Quanto aos artistas portugueses, posso acrescentar que à nossa galeria pertencem nomes com boas cotações como é o caso de Cruzeiro Seixas, do António Areal, do Eurico, da Paula Rego (subiu muito depois de ter ganho o prémio Soquil), do Gargaleiro (conhecido em todo o mundo), do escultor Chartes de Almeida, do Mário Botelho... Enfim eram artistas muito procurados antes do 25 de Abril.

No entanto, pensamos que o movimento da galeria voltará à normalidade quando reabrir a época».

Rocha de Sousa, pintor e crítico de arte, também expressou a sua opinião.

Eu penso que já antes do 25 de Abril se verificavam os indícios de uma recessão do mercado. O golpe de Estado veio acentuar a desconfiança dos capitalistas e impedir que o mercado se processasse como até aí. Isso prova que os capitalistas, as pessoas que compravam quadros, não abordavam a pintura em termos culturais, mas sim como uma possível capitalização. Daí praticarem-se preços demasiado elevados devido à especulação económica conjugada das galerias e dos pseudocolecionadores.

Sobre o futuro da moderna pintura portuguesa, Rocha de Sousa adiantou:

. Acho que a situação se pode modificar se os «marchands» não continuarem a trair os artistas portugueses. Ainda há pouco tempo os «marchands» exploravam a saída dos artistas portugueses dentro do País, mas não os promoviam lá fora para que ganhassem mais cotação. A tendência das galerias agora será a exploração do mercado estrangeiro pois é o único que pode sustentar a confiança dos capitalistas neste momento.

Nuno Siqueiros, director da galeria Judite da Cruz, que alia as funções de «marchand» ao ofício de pintor, inscreve a crise do mercado das artes plásticas num plano internacional.

Mesmo sem o 25 de Abril, penso que toda uma conjuntura económica, não só nacional mas também internacional (em consequência da crise do petróleo) veio interferir no mercado.

Manuel Baptista, artista bem cotado e um daqueles nomes largamente referenciados pela crítica, manifestou através das suas palavras que está preparado para qualquer viragem.

Não sei como irá evoluir a situação do país nos tempos mais próximos. A minha atitude é de expectativa. Num sistema socialista não acharia descabido que os artistas tivessem um ordenado base que lhes permitisse trabalhar com certa segurança. Assim já os problemas de venda não seriam tão prementes. Revesteriam aspectos totalmente diferentes daqueles que existem no sistema capitalista. Se o artista tivesse garantias de subsistência certamente os preços das obras sofreriam alterações e haveria muito mais museus de arte moderna. Como estão, os artistas precisam sempre de intermediários que tratam dos assuntos económicos: de comercialização das obras. O diálogo directo do artista com o comprador torna-se melindroso e difícil

COTAÇÕES EXAGERADAS

Querubim Lapa, pintor, criticou as cotações exageradas de certos artistas e a facilidade com que se faziam nomes no campo das artes plásticas.

A maioria das pessoas que compravam pintura desconheciam o que era bom ou mau nisso têm responsabilidades críticos que não esclareciam convenientemente o público. Esses mesmos críticos também são responsáveis pelas cotações altíssimas alcançadas por certos artistas... Em Portugal qualquer aluno recém saído das Belas-Artes vendia quadros. Quanto a mim as vendas de pintura eram excessivas...

Guilherme Parente, um pintor que faz parte dos corpos gerentes da Sociedade Nacional de Belas-Artes, defendeu um ponto de vista diferente:

. Fala-se muito da baixa de vendas, mas como estamos no Verão é um pouco difícil avaliar se essa baixa decorre de facto, do momento político actual. Eu acho que esta transformação do regime talvez contribua para que um maior número de pessoas se comece a interessar verdadeiramente pela pintura sem ter como fito a valorização de capital. No meu caso pessoal, faço pintura há muitos anos e durante muito tempo nunca vendi nada. Depois, a partir de determinada altura, comecei a vender e os meus compradores nem sequer pertenciam a uma classe elevada. Quanto a haver uma alteração após o 25 de Abril não acredito que seja verdade. Eu, por mim, tenho vendido normalmente como vendia antes.

Para Gordilho, autor de jóias concebidas segundo um critério artístico em que o material de confecção é secundário as perspectivas apresentam-se optimistas.

Fazia jóias para desmascarar a joalharia tradicional. Acontece que depois do 25 de Abril comecei a ter mais convites das fábricas para reproduzir peças para gente jovem. Todos os dias recebo telefonemas nesse sentido. O comércio de ourivesaria desceu muito e as fábricas já não sabem como travar os prejuízos. Eu tinha razão quando dizia que as peças deviam ser feitas em prata e decoradas com pedras baratas. E penso mesmo que num futuro próximo as pessoas vão ter vergonha de usar jóias valiosas que só servem para carimbar posições sociais. Portanto, isto para mim foi uma vitória.

Os estrangeiros aparecem raramente este ano

Por LURDES FÉRIA

LITERÁRIO

INTERVENÇÃO CRÍTICA — FERNANDO LUSO SOARES

"MEMÓRIAS DO CAPITÃO" de João Sarmento Pimentel

Se me baseasse estritamente no sábio critério de Eduardo Lourenço, não escreveria estas linhas Havia de considerá-las um caso de inutilidade, talvez por isso mesmo, até, uma intromissão despropositada A ideia é esta: — a de que um livro como «Memórias do Capitão», de João Sarmento Pimentel, não precisa de crítica, não requer um segundo discurso que o rediga em outros ou em alguns outros termos sob a óptica diferente do analista Foi pouco mais ou menos isto, o que reparou com singular acuidade o ensaísta de «Pessoa Revisitado» Precisará antes (aquele livro de uma história real que se funde em arte) ou exigirá ele frontalmente, enfim, uma imediata leitura, constituindo vasta «riqueza (moral) para quem o ler»

Do ponto de vista da «crónica» — ou, em termos mais amplos, do ponto de vista da História — **Memórias do Capitão** funde em si os vários processos por meio dos quais aquela se nos apresenta.

João Sarmento Pimentel (enquanto escreve **Memórias do Capitão**) dá-nos uma obra ao mesmo tempo recheada de **elementos épicos** (o documentário de uma vida exposto a um nível que provoca perplexão pelo auto-retrato que uma nobre figura faz de si própria, mas despretensiosamente, isto é, sem intenção cabotinamente literária de o fazer), de **elementos pragmáticos** (Jorge de Sena diria com justeza, em texto escrito no Brasil, em 1972, tratar-se de «uma obra corajosa» e de «uma lição de coragem») e, finalmente, de **elementos genéticos** (já que, sem a pretensão da análise de um processo histórico causado, efectuado, enquadrado na polémica dos integrantes político-sociais de uma época, **Memórias do Capitão** representa, no entanto, um precioso documento para o referencial das décadas deste nosso século).

A rememorativa patente neste livro de João Sarmento Pimentel cinde-se em duas partes facilmente distinguíveis. A primeira, de evocação sentimental, até romântica, de um passado perdido, irrecuperável nas coisas boas dá ingenuidade, mas vivo na nobreza dos intentos perenes e das ansiedades de uma justiça de uma humanidade que rescende de todas as páginas deste livro escrito com a vida; e a segunda, onde os episódios da carreira militar e política do autor assumem um quase despojado tom relatorial, polémico, porventura menos transposto para a literatura, mas em cada passo magnífico exemplo desse carácter que há séculos um poeta (Sá de Miranda) chamou «de antes quebrar que torcer» e que hoje pode qualificar (continua a dever qualificar) os homens realmente livres.

Quero crer que me refiro a um livro, este de Sarmento Pimentel, que está a ser objecto de assinalável procura nas nossas livrarias. Isto em virtude de um complexo de razões que vou tentar explanar.

Por um lado, estão as razões próprias do livro, texto tradutor de uma realidade política do nosso País, que interessa a todos os que desejam informar-se sobre ela. Por outro, as externas a ele, mas que tecem um circunstancialismo perfeitamente propício ao engodo do leitor relativo a obras deste género. A realidade política está na ordem do dia, na fome de todos, na palavra diária. Uma realidade tão viva (hoje) que ultrapassa a imaginativa do próprio ficcionista (sabe-se que, neste momento, declinou a procura do comprador-leitor quanto a livros de ficção).

A maior procura de livros que respeitem à teoria ou à prática política é coisa fácil de se entender.

Do ponto de vista teórico, o leitor quer recuperar os passos do tempo perdido, dos olhos vendados, dos ouvidos obstruídos. Quer, efim, progredir na formação da sua consciência cívica e política. E do ponto de vista prático, ele deseja informar-se, esclarecer-se, colher para fins naturalmente pragmáticos a lição e o exemplo daqueles que, ou agora ou numa anterioridade temporal relativamente acercada, tiveram a coragem de assumir em gesto e em acção as suas convicções. O mal de grande parte da nossa cultura (quantas vezes tenho incorrido nesse mal, à custa de muitos males dos quais é difícil fugir do pé para a mão), o nosso grande mal de inteligência, repito, é o navegarmos tanto e tanto no mar das abstracções que até nos esquecemos de que as costas e a terra firme existem. Evidente é que, enquanto falo em «costas» e em «terra» firme, penso no facto de o **concreto** existir e de sobre ele devermos incidir a nossa reflexão.

O intelectual português sofre, tantas vezes desmesuradamente, da sua abstracção livresca (só por insinceridade me diria isento de tal defeito), e sofre da sua teorização purista, da sua distanciação política. Para ele, na verdade, chega a política a afigurar-se-lhe um tema de especulação à base de complexidades que frequentemente se despistam. E a consequência é evidente: neste momento em que as verdadeiras forças actuantes abriram as portas para uma possibilidade de transformação social, as nossas forças culturais não passaram ainda de um espectáculo de afã que não vai além de correrias para nenhuns. Ora, contra tal vício pode a leitura de **Memórias do Capitão** constituir um razoavel remédio.

Figura singular de exilado, esta de João Sarmento Pimentel ...Espírito irrequieto, insatisfeito, de inconformista, toda a sua vida nostalgicamente narrada na primeira parte de **Memórias do Capitão** nos mostra esta faceta curiosa: Sarmento Pimentel aparece-nos como um ponto de encontro (de si mesmo) entre alguém que na juventude viveu uma fidalguia nortenha, patriarcal e romântica, e outro alguém que, agitado na consciência, nas intenções, na acção e na palavra (falada, escrita) sem rebuços, vale como que um abencerragem dos paladinos de outras eras. Lembraria que o capitão Sarmento Pimentel (ele assim o recordará galhardamente numa recente entrevista) foi quem «fez» a «revolução» que derrubou a Monarquia do Norte e os sonhos dourados de Couceiro.

Sarmento Pimentel é o exemplo típico daqueles homens que, bem à portuguesa, se sublevaram pelo donaire de um sentimento (diria quase instinto) de nobreza, mais do que por força de uma consciencialização revolucionaria de tipo social (o que não quer dizer que o seu livro não sirva uma leitura subvertente). Aquela maneira típica de ele agir explicará, a um tempo, o seu confessado indiferentismo burguês (refiro-me à mesma entrevista que Sarmento Pimentel há poucos dias concedeu ao «Século Ilustrado») e a sua generosíssima, constante e premente capacidade de revolta, no termo da qual sobreveio a necessidade do exílio. Ele próprio conta assim, na tal entrevista: — «E veio o 28 de Maio, que me deixou indiferente. Mas um dia, em 1927, Jaime Cortesão, Jaime de Morais e José Domingos pediram-me para assinar um manifesto. Estava prevista uma revolução para dar cabo da ditadura do 28 de Maio. Eu já não estava para revoluções e eles acusaram-me: «Agora que es rico...» Então reagi. «Ponham o meu nome. Vamos a isso». Fomos batidos e todos presos. O Porto estava cercado. Eu corri para as minas e consegui lugar numa cesta aérea, que me levou a Ermesinde, furando assim o cerco. Dali fui para Trás-os-Montes e em seguida para Espanha e para o exílio no Brasil. Há 47 anos. A família ficou por cá»

Hoje, parece que até Agosto próximo, Sarmento Pimetel estará entre nós (símbolo vivo de um tempo de inconformismo e resistência) porque também ele — e como portuguesmente poderia deixar de o ser?!... — veio respirar a nova atmosfera do nosso País. Aquela que todo o homem livre deseja irrefreavelmente.

F.L.S.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Fernando Gomes Rodrigues na Tabacaria da Estação de SANTO AMARO DE OEIRAS

SALDOS
NA QUADRANTE
LIVROS INGLESES E BRASILEIROS
JULHO / AGOSTO e SETEMBRO

"25 DE ABRIL"

1.
Manhã por começar. O teu corpo
aquecendo adormecido
o frio que no meu deixou a noite breve.

E de súbito o salto
a palavra
a alegria do grito.

E de súbito o medo
de que fosse maior o sonho
do que a noite.

2.
Quantos olhos para ver
o rasto novo do tempo?

Quantos ouvidos colados
às palavras que diziam?

Quantos braços para saudar
os amigos que sorriam?

(E um poema de Pessanha
gritando ainda por dentro...)

3.
Mas nenhum vento desfolhou
estes cravos este rumor
do sangue estas armas
este país nascendo nas paredes de Abril.

4.
Manhã por começar a do teu corpo
pátria de ponta a ponta percorrida

pedra a pedra ou boca
a boca num amor sem grades
nem intriga.

Manhã por começar. Um cão lambendo
pátria
a tua longa ferida.

MANUEL ALBERTO VALENTE

ARTES PLÁSTICAS

FALEMOS DE... EXPOSIÇÕES:

Meados de Julho, era, todos um anos um certo abrandamento, para não falar numa paragem total das exposições, única excepção a casa dos artistas que há tantos anos é a S N B A e que este ano nos propõe também uma enorme colectiva («Perspectiva 74» com 272 trabalhos de 85 autores) numa espécie de revisão do que foi acontecendo um pouco por toda a parte no domínio das artes plásticas, durante o ano 73-4.

Tudo na mesma este ano, a tal exposição colectiva, raras individuais e, da minha parte, uma total falta de vontade de falar em exposições quando há tanta coisa mais exaltante à minha volta, no entanto, são raros ainda, e problemáticos, os sinais que anunciam (anunciarão mesmo?) que o futuro já começou no domínio das artes plásticas, da sua prática e sobretudo do seu alargamento: o que, no caso presente, até abona em favor dos artistas que se não quiseram precipitar nas manifestações de puro oportunismo e (ou) de demagogia que também já referi neste jornal.

Mas... interessará mesmo falar das exposições e de quais falar, das colectivas? das individuais?

Acontece até que as exposições colectivas mais não podem ser, como muito bem já o apontou E. Álvaro num texto que acompanhava a sua participação na EXPO-AICA-SNBA-1974, mais do que um mostruário de tendências, foi, mais do que a possibilidade de se irem detectando atitudes colectivas ou dos próprios interessados, os produtores isto é, os artistas, as irem assumindo, as colectivas têm sido, e continuarão sendo, uma prova de isolamento e solidão de indivíduos, «nomes» ou «personalidades» que como tais se condicionaram na sua apresentação pública, do que resulta serem geralmente os confrontos pobres e as tendências, apesar de tudo detectáveis, pouco significativas.

Paradoxalmente até: conseguem ser mais significativas certas exposições individuais que em certos casos chegam a assumir significados muito mais largos que a própria pessoa dos seus autores. Actualmente em todo o mundo e, muito especialmente em Portugal, é ainda ao nível do trabalho individual que se tem ido mais longe, quer no domínio experimental, que na produção de peças que tenham a ver com o inconsciente colectivo de todo um povo, nas quais o mais individual vem subitamente coincidir com o mais generalizável e, tantas vezes, com o mais urgente, naquilo a que um poeta-crítico francês, Alain Jouffroy, vem há longos anos designando por individualismo revolucionário.

Neste Verão de 74 permanecem pois abertas (demasiado abertas?) as portas para o que tem sido a actividade habitual dos artistas, e dos críticos também, e essa vai ser uma das grandes tentações do momento presente, enquanto se sonha com novas encomendas oficiais, que não seriam forçosamente de um novo tipo, para resolver a situação económica de alguns.

Esta nota nasceu por ter presentes duas ou três exposições das mais recentes e não ter à mão o mínimo material gráfico para as ilustrar, e afinal só vem pôr, renovadamente, um problema que sempre pus.

Como intervir numa vida artística alienada, mas que é um dado de base?

E agora...

Como trabalhar contra a inércia das situações e das iniciativas geradoras de um conformismo Kultural?

Eis duas perguntas das quais tão cedo me não libertarei!

DESPORTOS

IMBRÓGLIO COM OS ÁRBITROS DE VISEU

Assinado por Mário Santos, presidente da Comissão Regional de Arbitros de Futebol de Viseu, foi tornado pùblico o seguinte comunicado:

«A propósito de uma notícia publicada em vários jornais sob o título «Árbitros de Viseu exigem a saída do presidente», assinado por alguns filiados, importa esclarecer os seguintes pontos:

«1.º) Em abaixo assinado (e após o «25 de Abril») 38 filiados desta comissão declararam dar todo o apoio ao actual presidente, pretendendo que ele permanecesse a presidir aos destinos da mesma.

«2.º) Seguidamente, 28 filiados dessa comissão pediram o saneamento dos elementos vogais, quer por parte da Associação quer por parte dos árbitros, a fim de serem substituídos por uma junta eleita pelos árbitros.

3.º) Em 5 de Junho foi então eleita essa mesma junta, que passou a ser constituída por quatro árbitros em substituição dos vogais, mantendo-se o anterior presidente de harmonia com a vontade já manifestada pela maioria dos filiados.

4.º) A situação anteriormente exposta foi sancionada pela Direcção-Geral da Educação Física nos termos seguintes: a) manter-se como presidente da comissão Mário dos Santos, já nomeado anteriormente, e que reúne a confiança do plenário; b) cessarem as suas funções os vogais (quatro) em exercício; c) sua substituição pelos árbitros da junta eleita no plenário de 5 de Junho

«5.º) O caso encontrava-se, pois, devida e legalmente solucionado, não havendo motivos que justificassem qualquer outra tomada de posição.

«Contudo, não o entenderam assim alguns dos vogais saneados e substituídos pela comissão eleita. Servindo-se de influências e habilidades, e explorando a tibieza de alguns filiados, conseguiram convencer e arrastar 22 dos inscritos, levando-os a expor à J. S. N. sobre pretensas irregularidades, arrimados em «fiéis princípios da democracia» que ignoram, no sentido de afastar precisamente o actual presidente a quem expressaram, de modo inequívoco, votos de confiança.

«6.º) Pois que, mais surpreendentemente e significativo da sua falta de senso e de critério, é o facto de uma boa parte dos seus signatários se incluirem nos 38 que apoiaram Mário dos Santos e nos 28 que habiam pedido o saneamento dos 4 vogais.

«7.º) É evidente que árbitros desta conformidade, só própria de homens sem critério, não poderão manter-se, permanecer, ou exercer com dignidade, honra, isenção e aprumo as funções de um juiz e isto em detrimento do próprio futebol, do público e dos atletas — enfim da própria justiça e seriedade desportivas que terá de possuir, como elemento essencial, qualquer árbitro.

«Atitudes e tomadas de posição, ao sabor de circunstâncias e conveniências momentâneas definem bem a irresponsabilidade e a despersonalização dos signatários dessa exposição. É que um árbitro é um juiz e este tem de ser firme, certo e justo nas suas posições e convicções, para que os seus julgamentos se enquadrem nos mais elementares princípios da dignidade e ética desportivas, a bem do futebol e para o futebol. Não revelaram, pois, esses filiados, pela própria diversidade e falta de condições anteriormente enu- própria diversidade e falta de coragem nas posições por si assumidas, possuírem o mínimo das condições anteriormente enumeradas e exigidas pelo direito e pela moral, pelo que se impõe o seu saneamento imediato com o consequente afastamento dos campos de futebol.

«8.º) Nessa exposição afirma-se ainda que constituem uma maioria. Ora o art.º 21.º do Estatuto da Corporação dos Árbitros afirma, exactamente, que as Comissões Regionais terão 4 vogais com mais de 50 e até 150 árbitros inscritos. A Associação de Viseu tem 4 vogais. Logo, tem mais de 50 inscritos. Assim, de modo algum, poderão constituir a maioria os 22 signatários. Além disso, todos os filiados (com categoria) estão com o seu presidente, detendo este, por isso mesmo, não só a maioria quantitativa como qualitativa.

«9.º) Aventa-se ainda que o actual presidente não reside em Viseu, o que seria contra as disposições estatutárias. Porém, antes de fazerem afirmações gratuitas, deveriam esses signatários dirigir-se à Avenida Dr. António José de Almeida, n.º 246-1.º Frente, na cidade de Viseu, e verificar quem é a pessoa que aí reside. Talvez que assim pudessem penitenciar-se e rever todo o teor da matéria tendenciosamente exposta à J.S.N.»

CICLISMO

VOLTA A PORTUGAL

Depois de seriamente comprometida, a «Volta-74» vai tomando forma definitiva. Em comunicado ontem à noite tornado público, a Organização revelou mais alguns pormenores de interesse geral. Assim, os carros oficiais serão cedidos pela British Leyland enquanto que a Radio-Volta (a funcionar em modulação de frequência, terá o apoio total do Rádio Clube Português.

No que diz respeito a inícios e fins de etapas, já se sabe que a tirada que sairá de Setubal ira finalizar em Alvor.

Algumas equipas solicitaram que fosse autorizada a inscrição de 10 concorrentes por cada representação. Os organizadores estão dispostos a aceitar a proposta desde que ela seja subscrita por todos os clubes inscritos. A propósito, efectuaram já a sua inscrição, o Benfica, a Ambar, Sangalhos, Coelima, Ginásio de Tavira. Espera-se que tanto o Sporting, o F. C. do Porto e o Louletano o façam brevemente.

REGISTO

ASSEMBLEIA: o Casa Pia reune-se, amanhã, pelas 20 e 30, para entregar medalhas aos atletas que na última temporada conquistaram títulos para o clube, informar a massa associativa sobre a actual situação da Casa Pia de Lisboa e, também, eleger o novo elenco directivo da agremiação.

TENIS DE MESA: a Comissão Organizadora da Associação de Faro organiza, no próximo dia 27, uma festa para entregar aos atletas locais os prémios conquistados, entre os quais se destaca um troféu com o nome do nosso jornal. Ao mesmo tempo é disputado o «Torneio Encerramento», que terá participação de Jose Manuel Constantino, João Correia Reis e Osvaldo Moreno (Farense), António Taquelim (Portimonense), Jaime Varela (Nautico), Reinaldo Marcelino (Imortal), António Ferro (Faro e Benfica), Jose Guerreiro (Alcantarilhense), Fava Santos (Algoz e Benfica), Júlio Mealha (Louletano), Humberto Carreira («Os Bonjoanenses») e Nelson Beldade (Tavirense).

VOLEIBOL: a organização checoslovaca que patrocina um estágio de treinadores em Praga aceitou as inscrições dos técnicos portugueses Maria Madalena Canha, António Martins, Luis Lucas, Fernando Luis e Costa Pereira, tendo cada um deles recebido um subsídio de 12 contos atraves das suas Associações.

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 46 DE 21 DE JULHO 74

	RESULTADO (a)			BOLAS		
	1	X	2	1	X	2
1. LEIXOES-FAFE	70	2	2	10	1	1
2. ATLÉTICO-BEIRA MAR	57	11	9	9	2	1
3. RÉGUA-UNIAO LAMAS	59	10	11	9	1	2
4. COVILHA-OLIVEIRENSE	58	17	5	9	2	1
5. SACAVENENSE-ODIVELAS	51	20	9	8	3	1
6. JUVENTUDE-ALMEIRIM	72	7	1	10	1	1
7. CÁALA-PORTUGAL	26	29	25	4	4	1
8. DINIZES-BENFICA LUANDA	50	14	16	8	2	2
9. SPORTING BENGUELA-JAMBA	58	18	1	9	2	1
10. DJURGARDENS-GUIMARAES	24	24	32	1	1	1
11. ST.ETIENNE-AÚSTRIA VIENA	53	16	11	8	2	2
12. SLÁVIA PRAGA-MALMOE	58	14	8	9	2	1
13. CUF-ALTAY ESMIRNA	72	1	1	10	1	1

a) Nos termos do Artº. 10º. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A chave lógica será:
111 111 X11 2111

Açores, 1x1 111 211 x111; O Algarve, 112 111 x21 x12x; Auto Radio, 111 xx1 x11 x1x1; Beira Baixa, 112 111 121 1111; Boa Nova, 111 111 11x 1121; Brados do Alenteio, 122 x21 x21 1212; Cavalgada do Rítmo, 111 1x1 x2x 1111; Clube do Ar, 12x 11x 1x1 x111; O Benfica, 1x1 111 x2x 2111; Revista Desportiva, 1x1 x21 2xx 1xx1; Rítmo, 111 1x1 x12 x1x1; O Comércio de Leixões, 111 111 1x1 x111; Correio dos Açores, 111 111 x11 2111; Correio de Coimbra, 1x1 111 111 x121; A Defesa, 11x 121 121 x111; Às 10 espere por nós, 1xx 211 21x 2x11; Diário dos Açores, 112 111 2x1 11x1; Diario de Coimbra, 111 111 21x 1111; Diario do Porto, 1x2 x11 x11 1111; Ecos de Cacia, 112 211 111 1111; Estúdio 64, 111 x11 x21 2111; Eu Sei Tudo, 112 11x x12 1x11; Folha do Domingo, 111 xx1 2x1 11x1; Dos fracos não reza a história, 12x x11 2x2 x2x1; A Ilha, 1xx 1x1 x21 22x1; Imagens Piedenses, 1x1 x21 2x1 xx1x; O Jornal de Felgueiras, 111 111 x11 x111; Jornal da Graça, 111 111 111 1111; O Jornal da Lixa, 111 111 12x 2x11; Jornal de Notícias, 111 121 x11 x111; Jornal de Santo Tirso, 1x1 111 211 x2x1; Jornal de Sintra, 1x1 1x1 111 1x11; O Mensageiro, 1x1 1x1 21x 2111; Linhas de Elvas, 111 111 2x1 1x11; Litoral, 121 x11 211 2111; ManChete Desportivo, 111 121 x1x x111; Maria da Fonte, 111 x11 x11 2111; Mundo Desportivo, 111 111 x1x 2x11; O Norte Desportivo, 111 x11 211 xx11; Notícias de Guimarães, 1x1 xx1 1x1 2x11; Peça que não maça, 111 111 xxx 2111; Penalti, 111 111 21x 2111; Placard Desportivo, 111 1x1 2x1 x1x1; Placard Desportivo-Açores, 111 211 111 2111; Póvoa de Lanhoso, 111 1x1 212 2111; Presença Coimbrã, 111 111 221 x211; A Rabeca, 111 111 x11 x111; Rádio Altitude, 1x1 111 1x1 2111; Rádio Oceano, 112 121 111 x211; Rádio Placard, 111 111 111 1111; Reconquista, 111 111 x11 1111; Renovação, 121 111 x11 xx11; Repórter do Dia-Angola, 111 1x1 x21 2111; Encontro Musical, 111 11x 111 22x2; Rítmo e Amizade, x1x 211 111 x111; O sorriso da hora do almoço, 112 111 x2x 1111; A Voz Desportiva, 111 1x1 211 2x11; A Voz do Domingo, 121 1xx 111 2111; Voz de Lamego, 111 1xx 12x 1x21; A Voz dos Ridículos, 111 111 x11 2111; Sporting, 111 1x1 11x x111; Diário de Lisboa, 111 111 x11 2111; Notícias de Evora, 111 1x1 21x 2111; República, 11x 112 221 221x; Voz do Casa Pia, 111 111 x11 x111; Bondiazinho, 12x 1x1 x11 1122; Diário, 111 x1x 211 2121; Domingo Alegre, 221 1x1 121 12x1; Passatempo, 112 121 211 2x21; Roteiro Sonoro, x11 x11 111 21x1; Terceiro Programa, 11x x11 111 1211; 20 Ponto D, 11x 121 211 11x1; Boletim Desportivo, 111 111 xx1 x22x; Miscelânea Musical, 111 xx1 x1x 21x1; Montra do êxito, 112 x11 121 2112; Música e Desporto, 111 111 111 1111; O Primeiro de Janeiro, 1x1 111 21x 2111; Programa da Manhã, 211 1x1 211 1x11; Rádio Sports, 121 111 xx1 2x11 e Só Rádio, 111 21x 111 2111.

MUNDIAL DE HÓQUEI

E O "MILAGRE" ACONTECEU

Trinta horas depois de ter conhecimento de que o mundial de hóquei em patins não se realizaria em Luanda, a Direcção da Federação Portuguesa de Patinagem reuniu com os representantes dos orgãos da Informação, para lhes comunicar de que a máquina já estava a funcionar em pleno e que tudo estava acertado para que o torneio se desenrolasse em Lisboa, no Pavilhão dos Desportos Quer dizer: em pouco tempo, todas as dificuldades foram vencidas, para tanto bastando uma conjungação de esforços e boas vontades, que foram devidamente sublinhadas pelo presidente federativo, José Castel Branco

Sejamos realistas: outra coisa não seria de esperar de quem gosta da modalidade e por ela é capaz de sacrificar justos interesses. Tanto o Rádio Clube Português, como a Radiotelevisão Portuguesa e a Emissora Nacional, bem como a Imprensa na geral, deram logo o seu incondicional apoio à Federação: só assim (no dizer do elenco federativo) foi possível montar um campeonato em dois dias. Não foi esquecida a colaboração das diversas associações políticas que abdicaram das marcações que tinham para utilização do Pavilhão dos Desportos para os seus comícios ou sessões de esclarecimento. Também a todas elas a Federação está obrigada e também satisfeita pelo que as atitudes demonstram. Só assim, efectivamente, foi possível adaptar um trabalho de longos meses e muitos milhares de quilómetros de distância, em tão pequeno espaço de tempo.

Também uma referência (justa) às delegações estrangeiras: todas elas foram de uma compreensão a toda a prova, não levantando problemas e aceitando de sorriso aberto a alteração que se tornou necessária. Agora, só falta o público corresponder, acorrendo ao Pavilhão dos Desportos a partir de sábado. Mas isso é quase certo, a avaliar pelos testemunhos de interesse que têm chegado ao 6.º andar do n.º 27 da Rua Duque de Palmela.

VENCEM-SE DIFICULDADES

Um dos maiores defeitos do Pavilhão dos Desportos (para além das colunas que dificultam a visão da maior parte dos espectadores) é a falta de um marcador de tempo e resultado. Tentando resolver esse problema, a «máquina sem sono» da Federação tentou logo assegurar o relógio electrónico do Pavilhão Gimnodesportivo da Ajuda. A Direcção-Geral dos Desportos acedeu ao pedido, cedo se verificando, no entanto, que estava avariado. Imediatamente o Paço de Arcos respondeu à dificuldade, cedendo o seu. Assim, vamos ter, no Pavilhão dos Desportos, um relógio a sério...

Também o Benfica e o Campo de Ourique (em Lisboa) se colocaram imediatamente ao dispor da entidade organizadora, cedendo os seus pavilhões para possíveis treinos das selecções estrangeiras, no dia de amanhã. Foi escolhido o do Campo de Ourique, por estar situado mais dentro da cidade. Outras ofertas a do F.C. do Porto e do Cascais, colocando os seus pavilhões ao dispor da Federação, para neles se efectuarem os jogos do campeonato.

Enfim: é um infindável rosário de ofertas as que, de todos os lados, chegam aos homens que fizeram o «milagre»: uma prova de que todos estão com o hóquei em patins...

PASSEIO A TRÓIA

Hoje, todas as delegações foram passar o dia a Tróia, num passeio oferecido pela Direcção Geral dos Desportos. A saída de Lisboa processou-se às 9 e 30 horas, estando o regresso previsto para o fim da tarde.

Entretanto, está garantido o funcionamento de um gabinete de Imprensa no próprio Pavilhão dos Desportos; este gabinete está equipado com telex e linhas telefónicas internacionais.

CALENDÁRIO DEFINITIVO

Dado que ao calendário inicialmente aprovado houve necessidade de «roubar» um dia, o calendário de jogos ficou assim ordenado: **Sábado,** 20 de Julho: às **20.15**, cerimonia de abertura; 20.45 h., Holanda-Itália; 21.45, Brasil-Argentina; 22.45, Portugal-França; 23.45, Espanha-Alemanha.

Domingo, 21/Julho, 15.00, Argentina-Bélgica; 16.00, Alemanha-Austrália; 17.00, Itália-Suíça; 18.00, Holanda-Brasil; 20.45, Espanha-França; 21.45, Bélgica-Alemanha; 22.45, Portugal-E.U.A. e 23.45, Austrália-Argentina.

2.ª-feira, 22/Julho, 15.00, Austrália-Itália; 16.00, Suíça-Brasil; 17.00, Espanha-Bélgica; 18.00, Holanda-E.U.A.; 20.45, França-Alemanha; 21.45, Austrália-Suíça; 22.45, Portugal-Argentina e 23.45, Bélgica-Brasil.

3.ª-feira, 23/Julho, 17.00, Suíça-França; 18.00, E.U.A.-Austrália; 20.45, Brasil-Itália; 22.45, Alemanha-Argentina; 23.45, Espanha-Holanda;.

4.ª-feira, 24/Julho, **17.00**, Austrália-Brasil; **18.00** E.U.A.--França; **20.45**, Holanda-Bélgica; 21.45, Espanha-Suiça; **22.45** Portugal-Alemanha e 23.45, Itália Argentina.

5.ª-feira, 25/Julho, 17.00, Holanda-Suíça; 18.00, Austrália-Bélgica; 20.45, Alemanha-E.U.A.; 21.45, Argentina-França; 22.45, Portugal-Brasil e 23.45, Espanha-Itália.

6.ª-feira, 26/Julho, 17.00, Austrália-França; 18.00, Bélgica-Suíça; 20.45, Alemanha-Itália; 21.45, Espanha-Brasil; 22.45, Portugal-Holanda e 23.45, Argentina-E.U.A.

Sábado, 27/Julho, 17.00, França-Brasil; 18.00-E.U.A., Bélgica; 20.45, Suíça-Alemanha; 21.45, Holanda-Argentina; 22.45, Portugal-Itália e 23.45, Espanha-Austrália.

Domingo, 28/Julho, 15.00, Itália-Bélgica; 16.00, Espanha-E.U.A.; 17.00, Portugal-Austrália; 18.00, Alemanha-Holanda; 20.45, Itália-França; 21.45, E.U.A.-Brasil; 22.45, Portugal-Suíça e 23.45, Espanha-Argentina.

2.ª-feira, 29/Julho, 15.00, Austrália-Holanda; 16.00, Bélgica-França; 17.00, E.U.A.-Suíça; 18.00, Alemanha-Brasil; 20.45, França-Holanda; 21.45, Argentina-Suíça; 22.45-E.U.A.-Itália e 23.45, Portugal-Espanha.

No final — Cerimónia de encerramento.

Na sede da Federação, os delegados estrangeiros conversam com a organização-relâmpago deste mundial de hóquei em patins.

Sobre futebol

PERSISTÊNCIA

João Morais (um dos «magriços» da campanha de 1966) continua em actividade: é o treinador-jogador do Futebol Clube da Maia.

FAMALICÃO

Germano, que esteve ao serviço do Vitória de Guimarães, transferiu-se para o Famalicão.

SETÚBAL

Nomes previstos para a lista de dispensas no Vitória setubalense: Arcanjo, Cipó, Virgílio, Augusto, Conceição, Marrafa, Leandro, Rato, Henrique, Narciso, Ferro e Amâncio. Quanto a Jacinto João, continua a não haver acordo entre o jogador e o clube, para a renovação do compromisso mútuo.

LIGUINHA

Vitórias caseiras para a «liguinha» secundária (2.ª/3.ª divisão) com os seguintes resultados: União de Lamas, 2/Sporting da Covilhã, 1; Oliveirense, 2/Régua, 0 e Odivelas, 2/Juventude, 0. Excepção: empate no duelo Almeirim/Sacavenense. A classificação da zona norte ficou assim: Oliveirense, 6; Régua, 5; Lamas, 3; e Covilhã, 2. No bloco sul: Odivelas, 5; Juventude e Almeirim, 4; Sacavenense, 3.

OPERAÇÃO

Nova operação a Artur Jorge, ainda a cargo do dr. Azevedo Gomes. A intervenção cirúrgica processou-se no joelho esquerdo.

INTERTOTO

Para o troféu «Intertoto», o Vitória de Guimarães foi batido pelo Hamburgo (0-2) cedendo a predominância no seu grupo. O «internacional» Custódio Pinto foi expulso.

MILFONTES

Vendo 2 terrenos e 1 casa. Tel. 664898 depois 21 h.

TEM DIFICULDADE EM EMPREGAR-SE? NÓS AJUDAMO-LO!

Podera obter, aproveitando as suas férias, para frequentar, em sistema intensivo, os cursos de:

★ DESENHADOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL
★ PROGRAMADOR DE COMPUTADORES
★ CONTABILIDADE ★ SECRETARIADO
★ RELAÇÕES PÚBLICAS E HUMANAS NA EMPRESA
★ MARKETING E TÉCNICA DE VENDAS
★ GESTÃO FINANCEIRA E ADMINISTRATIVA
★ DIRECÇÃO DE PESSOAL
★ DECORAÇÃO DE INTERIORES

A ÚNICA EMPRESA QUE ASSEGURA ESTÁGIO

INSTITUTO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO ACELERADO

Rua Nova de Almada 81 2.º Dt.º LISBOA Telef. 32 55 77

Derci-Derivados de Cimento, Lda.

Certifico que, por escritura de 21 de Junho de 1974, lavrada nas notas do 20.º Cartorio Notarial de Lisboa, no livro n.º 58-F, de fl. 41 a fl. 43, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se regerá nos termos e condições constantes dos artigos seguites:

1.º

A sociedade girara sob a denominação de Derci—Derivados de Cimento, Ld.ª, vai ter a sua sede e estabelecimento na Estrada de Manique, Charneca do Lumiar, freguesia da Charneca, em Lisboa, e durara por tempo indeterminado, a partir de hoje.

2.º

O seu objecto consiste na produção e comercialização de pré-fabricados de betão armado e vibrado, podendo, por simples deliberação dos socios gerentes, exercer qualquer outra actividade permitida por lei.

3.º

O capital social e de **2 000 000$**, está integralmente realizado, em dinheiro, e corresponde à soma das quotas dos sócios: uma quota de **1 800 000$**, pertencente ao socio António José de Freitas Gomes, uma quota de **100 000$**, pertencente ao sócio D. Arlete Molto Mateus de Freitas Gomes, e uma quota de **100 000$**, pertencente ao socio Rui Carmo Gouveia.

§ único. Poderão ser exigidas aos socios prestações suplementares de capital.

4.º

1 — A cessão e divisão de quotas dependem do consentimento da sociedade.

2 — Consentida a cessão, a sociedade terá preferência, que podera exercer por si ou por outrem que livremente indique, sendo o preço da cessão o correspondente ao valor nominal da quota, acrescido da parte que lhe couber nas reservas e lucros retidos, expressos no balanço aprovado.

5.º

Poderão os sócios fazer à sociedade os suprimentos que, alem do capital e das prestações suplementares, porventura venham a ser necessários para melhor andamento dos negócios.

6.º

1 — A gerência da sociedade, dispensada de caução, compete aos sócios António José de Freitas Gomes e Rui Carmo Gouveia, com os mais amplos poderes, representando a sociedade em juízo e fora dele, activa e passivamente, assim como praticando todos os actos tendentes à realização do objecto social.

2 — O sócio António José de Freitas Gomes podera constituir mandatarios, designadamente nos termos e para os fins do artigo 256.º do Codigo Comercial.

7.º

1 — Para obrigar a sociedade em todos e quaisquer actos e contratos e necessaria e suficiente a assinatura do socio gerente António José de Freitas Gomes ou do outro sócio-gerente e de um mandatário com poderes para o efeito.

2 — A sociedade não podera ser obrigada em quaisquer actos e contratos estranhos ao seu objecto social, tais como fianças, abonações, letras de favor e outros semelhantes.

8.º

A assembleia geral, quando a lei não exija outras formalidades, sera convocada mediante simples carta dirigida aos sócios com, pelo menos, oito dias de antecedência.

9.º

Os lucros líquidos apurados em cada exercício, depois de retirados 5%, pelo menos, para reserva legal, terão a aplicação que a assembleia geral deliberar.

10.º

No caso de dissolução, a liquidação e partilha da sociedade serão feitas conforme os socios convencionarem e constar de acta.

Para constar se passou a presente certidão de narrativa parcial e de teor parcial, que vai conforme o original, no qual nada há em contrário ou alem do que se certifica.

20.º Cartorio Notarial de Lisboa, 26 de Junho de 1974. — A Ajudante, **Maria do Céu Martins Lucena Gomes.** 1-0-8460

JORGE & VALENTE, Ld.ª

Certifico que, por escritura de 9 de Julho de 1974, lavrada nas notas do 20.º Cartório Notarial de Lisboa, no livro n.º 161-A, de fl. 41 a fl.44, foi constituída entre António Jorge Pais, Francisco Valente Ribeiro, António Perfeito Pestana e Filipe Perdigão dos Santos uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se regerá nos termos e condições constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma Jorge & Valente, Ld.ª, tem a sua sede e estabelecimento em Lisboa, na Estrada do Calhariz de Benfica, lote 3, letra B, freguesia de Benfica, e durará por tempo indeterminado, com início na data de hoje.

§ único. A sociedade poderá criar e extinguir agências, sucursais, filiais ou qualquer outra forma de representação social quando e onde convier aos interesses da sociedade.

2.º

O objecto social e o comercio de ferramentas e ferragens, podendo, porem, dedicar-se a qualquer outro ramo comercial ou industrial em que os sócios acordem.

3.º

O capital social e de **200 000$**, integralmente realizado, em dinheiro, ja entrado na caixa social, e corresponde à soma das quotas dos sócios: uma quota de **50 000$**, pertencente a cada sócio.

4.º

Para o desenvolvimento dos negócios sociais a sociedade podera exigir dos sócios prestações suplementares de capital.

§ 1.º A chamada de prestações suplementares de capital e o prazo para entrada delas na caixa social serão determinados em assembleia geral.

§ 2.º Os sócios poderão igualmente fazer à sociedade os suprimentos de que esta carecer, nos termos e condições que tiverem sido fixados em assembleia geral.

5.º

A administração da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, incumbem a todos os sócios, que desde ja ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução, sendo necessaria a intervenção conjunta de dois sócios-gerentes para obrigar validamente a sociedade.

§ único. A sociedade não poderá ser obrigada em abonações, letras de favor e em geral em quaisquer actos e contratos estranhos ao seu negócio.

6.º

A cessão de quotas, no todo ou em parte, e livre entre sócios, mas quando a estranhos fica dependente do consentimento dos sócios, a quem é reconhecido ainda o direito de opção.

7.º

Quando a lei não exigir outra formalidade e prazo, as assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de quinze dias.

8.º

Dissolvendo-se a sociedade, serão liquidatários os socios, que procederão à liquidação e partilha dos haveres sociais como para isso se concertarem; e se algum dos sócios quiser,

GERAL

A LITERATURA PORTUGUESA E A REALIDADE SOCIAL

Continuação da pág. 3

feras na obra de Fernanda Botelho ou o lirismo erótico e também social dos contos de David Mourão-Ferreira.

Os grandes romancistas da gesta do trabalho — Ferreira de Castro, o imensurável Aquilino Ribeiro (para este efeito o de «Quando os Lobos Uivam»), morto no mais escuro do fascismo que o processou, e todos os seus companheiros maiores ou menores, de Assis Esperança e Alexandre Cabral, a Antunes da Silva, a Júlio Graça, a Rentes de Carvalho — têm direito à nossa gratidão, pela persistência e pelo êxito de uma batalha que foi sem desfalecimentos.

E verdade que a literatura de resistência em Portugal nunca se submergiu. Afirmam-no, bem alto (insistimos em que estas citações têm mero cunho exemplificativo) vários romances dos anos 60, de depoimento, de intima contradição e de incitamento ao combate, como os de Baptista Bastos, de Mário Ventura, de Júlio Moreira.

Outros romancistas, próximos do fantástico, do mágico, do satírico ou da corrente de consciência, surgem-nos — e nem sempre — aparentemente mais afastados do costumbrismo crítico, da história da vida privada e da repercussão política do acto literário, sem por isso deixarem de manter como cidadãos uma perfeita dignidade ante a repressão fascista. Entre os mais salientes e talentosos, Virgílio Ferreira, Herberto Helder, Yvette K. Centeno.

Devem assinalar-se os poetas empenhados civicamente como José Gomes Ferreira, Miguel Torga, Jorge de Sena, Sophia de Mello Breyner Andresen, Luiza Neto Jorge, António Ramos Rosa, António Gedião, Armindo Rodrigues, Ruy Belo, ao lado dos aedos da revolução, tais como Joaquim Namorado (da geração de Rui Feijó, Políbio Gomes dos Santos, João José Cochofel, Papiniano Carlos, Luís da Veiga Leitão, Leiria Henriques, João Apolinário) e Manuel Alegre, José Carlos de Vasconcelos, Egito Gonçalves, Assis Pacheco, José Saramago, Fiamma Hasse Pais Brandão, Casimiro de Brito, Gastão Cruz, tjoão Rui de Sousa, Luísa Ducla Soares, Ary dos Santos, entre muitos outros. E, em direcções várias de protesto, Eugénio de Andrade, Maria Teresa Horta, Natália Correia, Mário Cesariny, Raul de Carvalho, Alexandre O'Neill... E não esqueçamos o poeta-trovador, de peito aberto à fraternidade, desejoso de afeiçoar a voz aos ouvidos rudes dos mais humilhados, o cantor simples do mistério e da revolta, do abraço genuíno de «Grândola Vila Morena»: José Afonso.

Vários destes escritores viram os seus livros apreendidos pela censura, conheceram a prisão (como Luís de Sttau Monteiro) e os processos por subversão (Aquilino Ribeiro, Sottomayor Cardia) ou por atentado à moral pública (as três Marias e Natália Correia), actos de violência que eram apenas a máscara transparente de uma opressão e de uma repressão eminentemente políticas.

Mesmo o novo romance português, ou, antes, os romances novos que emergiram dessa moda, depressa ganharam uma coloração inesperada de resistência, pela própria força das circunstâncias, quer dizer, a miséria do povo, a opressão policial, a caça aos grevistas, aos comunistas, aos socialistas, o poder pessoal estúpido e ineficaz dos dirigentes.

Foi o caso de Almeida Faria, de Isabel Barreno, de Alvaro Guerra, de Maria Velho da Costa e tantos outros. O que prova que todo o intelectual digno não pode aceitar o fascismo e será inevitavelmente um insurrecto, seja qual for a sua escolha em matéria de corrente ou escola literária, desde que a infame exploração do homem pelo homem atinja a evidência que tem no deserto lusitano (os campos abandonados, as coutadas, os aramados, autênticos campos de concentração-desolação, essas grandes herdades do Alentejo onde os camponeses são ainda servos sem terra e praticamente sem direitos humanos).

Uma nova literatura apareceu, a do gravador, com obras de sondagem social tão valiosas como as que, com humildade e tacto invulgares, souberam dar-nos Júlio Graça e António Modesto Navarro.

O 25 de Abril, de um dia para outro, modificou toda uma sociedade e uma cultura, pelo menos no plano dos projectos. Um trabalho imenso nos resta agora cumprir, pois Portugal é, na verdade, um País do Terceiro Mundo, apenas como pólos de Sociedade de consumo (Lisboa, o Porto e algumas outras cidades). Importa agora romper o efectivo divórcio entre o escritor e as classes trabalhadoras, tornando-lhe o livro acessível pelo custo e estimulando o prazer da leitura.

A terminar, quero chamar a atenção para uma nova corrente, que não deixa de se relacionar com o realismo mágico da América Latina, e que está em vias de nascer entre nós. Representantes dessa nova literatura irónica, cheia de fantasia e também carregada de subjectividade lírica, de picaresco e de rupturas com o passado, serão Nuno de Bragança e Altino do Tojal, aliás muito diferentes.

Seria, evidentemente, necessária outra exposição para vos falar da literatura africana de expressão portuguesa, onde, entre outros, se destacam os nomes de Mário de Andrade, José Craveirinha, Luandino Vieira, António Jacinto, António Cardoso, Luís Bernardo Honwana. Castro Soromenho situa-se, com Manuel Ferreira e com o poeta de Moçambique Rui Knopfli na linha divisória das literaturas portuguesas e africana.

COMPANHIA DAS ÁGUAS DE LISBOA

EMPREITADA DE CONSTRUÇÃO DA CANALIZAÇÃO VILA FRANCA DE XIRA — TELHEIRAS (2.ª FASE)

ANÚNCIO

Faz-se público que no dia 8/X de 1974, pelas 15 horas, na sede da Companhia das Águas de Lisboa, na Avenida da Liberdade, 24 se procederá perante a comissão para esse fim nomeada, ao concurso público para a arrematação da empreitada de construção da Canalização Vila Franca de Xira — Telheiras (2.ª Fase), para o qual poderão ser apresentadas as seguintes propostas:

Propostas admissíveis	Depósitos provisórios
A) Canalização Vila Franca - Telheiras (2.ª Fase)	7 500 000$00
B) 1.º Troço da mesma Canalização	3 750 000$00
C) 2.º Troço da mesma Canalização	3 750 000$00

Para ser admitido ao concurso é necessário ter-se efectuado na sede ou em qualquer filial, agência ou delegação da Caixa Geral de Depósitos, o depósito provisório correspondente à empreitada para que os concorrentes apresentem proposta, mediante guia passada pelo próprio concorrente segundo o modelo que figura no processo do concurso, ou substituir esse depósito por depósito de títulos, garantia bancária ou apólice de seguro de caução, conforme dispõe o Artigo único do Decreto-Lei 411/73 de 20 de Agosto.

No caso de o concorrente apresentar simultaneamente propostas para a empreitada total e uma ou ambas as empreitadas parciais, é suficiente a efectivação de um único depósito provisório na importância correspondente à empreitada total.

Os concorrentes deverão ser titulares de alvará de empreiteiro de obras públicas da 3.ª subcategoria da V categoria a que se refere o Regulamento do Decreto-Lei n.º 40 623, de 30 de Maio de 1956, e de classe correspondente ao valor da respectiva proposta.

O processo de concurso encontra-se patente na sede da Companhia das Águas de Lisboa, onde poderá ser examinado todos os dias úteis (excepto sábados), durante as horas de expediente.

Lisboa, 17 de Julho de 1974

Pela COMPANHIA DAS ÁGUAS DE LISBOA
A Comissão de Fiscalização

televisão

HOJE	AMANHÃ
1.º Programa 1.º Período	1.º Programa 1.º Período
12.45 Abertura e Desenhos animados «Pica-Pau»	12.45 Abertura e desenhos animados «O Feiticeiro do Oz»
13.00 Encontro com o dr. Fernando Luso Soares	13.00 Sangue na estrada
13.15 A Rapariga que sabia de mais.	13.15 Valerie e a aventura
13.45 Telejornal — 1.ª edição	13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Da saude e da vida	14.00 Saber não faz mal
14.25 Logo à noite	14.20 Logo à noite
14.30 Fecho	14.25 Fecho
2.º Período	2.º Período
19.30 Minijornal	19.30 Minijornal
19.35 TV Infantil	19.35 Cancioneiro
19.45 Em Foco	20.25 Os Movimentos políticos e a Economia
20.45 TV Palco	21.00 Telejornal — 2.ª edição
21.00 Telejornal — 2.ª edição	21.30 Disco e daquilo
21.30 Teatro «Cantora Careca»	22.30 História de amor
22.55 Museu aberto	23.50 Telejornal — 3.ª edição
23.30 Telejornal — 3.ª edição	00.00 Fecho
23.40 Fecho.	2.º Período
2.º Programa	20.00 Abertura e desenhos animados
20.00 Abertura e Desenhos animados	20.15 Valerie e a Aventura
20.15 A Rapariga que sabia de mais	20.40 Sangue na estrada
20.40 Encontro com o dr. Fernando Luso Soares	21.00 Flecha Negra
21.00 Os Classicos do Cinema	22.00 Concerto pelo Grupo de Musica Contemporânea de Lisboa
22.00 Telejornal	22.30 Telejornal
22.30 Fecho	23.00 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. Josè	86 0131	C.R.G.E.	53 8841
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava em geral pouco nublado e o vento era fraco excepto a sul do Cabo Carvoeiro onde soprava moderado

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	17°
P. DOURADAS	—
COIMBRA	17°
PORTALEGRE	17°
LISBOA	18°
FARO	23°
FUNCHAL	21°

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA Máxima	33,5°
MONTALEGRE Mínima	7,5°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Agua do Mar	14,7°
Atmosfera	22,0°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
2.55	*3,7 m*	8.34	*0,8 m*
15.17	*4,0 m*	21.06	*0,6 m*

Dia 19

3.46	*3,9 m*	9.21	*0,6 m*
16.06	*4,2 m*	21.53	*0,5 m*

Dia 20

4.33	*4,0 m*	10,06	*0,4 m*
16,52	*4,3 m*	22.38	*0,5 m*

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Ceu pouco nublado ou limpo; vento moderado na Faixa Costeira Ocidental a sul do Cabo Carvoeiro e vento fraco no restante territorio.

AMANHÃ

NASCER ÀS 6.26
OCASO AS 20.59

DIA 19 | DIA 26 | DIA 4 | DIA 11

rádio

EMISSORA

1.º Programa

16.00 Cantos de luta.
16.30 Onda musical.
18.00 Musica Popular Portuguesa.
19.00 Musica variada
20.00 Jornal da noite. Melodias
21.00 Momento 74.
21.20 Musica portuguesa.
22.00 «O Homem e a Natureza» pelo dr. Almeida Fernandes e Gil Montalverne.
22.20 Ritmos de todo o Mundo.
23.00 De um dia para o outro.
00.00 Junção (entrada do MF 1 de Lisboa) — Sinal horario.

Programa em MF 1 de Lisboa

23.00 Radio Universidade.
00.00 Junção com o 1.º Programa.

2.º Programa

16.00 Que quer ouvir? Programa elaborado por Margarida Brandão.
18.00 Musica portuguesa.
19.00 O canto e os seus interpretes, por Maria Helena de Freitas.
20.00 Jornal da Noite.
21.00 Opera sem palavras
21.30 Uma serenata, de Mozart.
22.00 Musica de câmara.
22.45 Concerto para flauta e orquestra, de Tisne.
23.30 Sonata em la menor, op. 13, de Faure.
00.00 Junção com o programa estereofónico.

Programa Estereofonico MF 2

21.00 Musica ligeira variada.
22.00 Intercâmbio musical. Gravações cedidas pela ORTF, Radiodifusão Austríaca. Intervalo: «Voluntarios», de Matthew Locke, por Thurston Dart.
23.30 Nocturnos N.º S. 11 a 15 de Chopin, pelo pianista Tamas Vasary.
00.00 A grande musica negra, por: José Duarte, José Nuno Miranda, Raul Bernardo e Vasco Fernandes.
01.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE

Onda Media

16.00 Noticiario.
16.04 Programa C.D.C.
18.02 Programa Movimento.
20.40 Programa Movimento/Radio-Teatro.
21.03 Dialogo.
21.08 Serão musical.
21.32 Quando o telefone toca.
22.05 Antiquario.
22.30 Quando o telefone toca.
23.06 Mensagens Biblicas.
23.20 Grandes orquestras.
23.30 No Mundo aconteceu.
02.00 A noite e nossa.
06.00 Diario rural.
07.00 Talismã.

Modulação de Frequência

16.00 Noticiario.
16.04 Programa C.D.C.
18.02 O nosso programa.
19.04 Em orbita-1.
21.02 Boa noite em FM.
22.02 Clube à Gô-Gô.
23.00 Noticiario; clube à Gô-Gô (continuação).
00.02 Em orbita-dois.
01.02 Banda sonora Sonipol.
02.00 Perspectiva.
03.00 Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Noticiario.
16.05 Radiorama.
18.00 Canções da Europa.
18.22 Palavra do Dia. No final Terço e benção da Basilica dos Martires.
19.00 (Jornal do serviço de noticiarios e reportagens de Radio Renascença).
21.04 Igreja e Plural.
21.45 Noticiario.
22.00 Quando o telefone toca.
22.30 Esquema 13.
23.05 A 23.ª Hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

CLUBE RADIOFÓNICO DE PORTUGAL
Das 6.00 às 10.00 e das 22.00 às 2.00

RÁDIO VOZ DE LISBOA
Das 10.00 às 12.00 e das 19.30 às 22.00

RÁDIO PENINSULAR
Das 12.00 às 14.30

RÁDIO GRAÇA
Das 14.30 às 19.30

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO A-1
(TODA A NOITE)

AJUDA
Moura, T. Memória, 55 (T. 630944)
ALVALADE
S. João de Deus, R. Pedro Ivo, 1-A (T. 725140)
ANJOS
Confiança, Av. Almirante Reis, 46 (T. 821653)
AREEIRO
Garantia, Av. P. Manuel da Nóbrega, 5-A (T. 727300)
AV. NOVAS
Vale, Av. Marquês de Tomar, 45-49 (T. 773043); **Dalva**, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 45225)
BAIRRO ALTO
Barreto, R. do Loreto, 30 (T. 327284)
BAIRRO DA LIBERDADE
Salutar, R. B, 75-A (T. 683694)
BAIXA
Oliveira, R. da Prata, 240 (T. 321415)
BENFICA
União, E. de Benfica, 592 (T. 700092)
CAMPO DE OURIQUE
Lobel, R. Infantaria 16, 98-B (T. 688807)
CASTELO
Zilar, R. de S. Tomé, 54 (T. 862835)
CHILE
Veral, R. Morais Soares, 109 (T. 821732)
ESTRELA
Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, 66-B (T. 666971)
LUMIAR
Central do Lumiar, R. do Lumiar, 75 (T. 790480)
OLIVAIS
Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (T. 311237)
PICHELEIRA
Marluz, C. da Picheleira, 140, B-C (T. 728395/720703)
POCO DO BISPO
Freitas, R. Zótimo Pedroso, 11-13 (T. 381136)
REGO
Baptista, R. Francisco Tomás da Costa, 3-C (T. 771873)
SANTO AMARO
Correia de Azevedo, R. Luís de Camões, 42-B (T. 638625)
SÃO BENTO
Castro, R. de S. Bento, 199-A (T. 660513)

TURNO A-2
(ATÉ ÀS 22 HORAS)

ALCANTARA
Bairrão, R. Pior do Crato, 25 (T. 661321)
ALVALADE
Zil, Av. da Igreja, 9-D (T. 711780); **Roma**, Av. de Roma 85-B (T. 772466)
AMOREIRAS
Britânica, E. da Légua da Póvoa, 5-B (T. 689250)
ANJOS
Renascença, R. Damasceno Monteiro, 104-A (T. 831504)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, P. do Norte, 11 (T. 311216)
BAIXA
Teixeira Lopes, R. Aurea, 154 (T. 324816)
BENFICA
Alegria, E. de Benfica, 180-A (T. 780511); **Lavinha**, R. eng. Paulo de Barros (à R. Casquinha), 28-A (T. 708242)
CAMINHOS DE FERRO
Frazão, R. da Cruz de Santa Apolónia, 90 (T. 847019)
CAMPO DE OURIQUE
União, R. Saraiva de Carvalho, 145-F (T. 663643)
CAMPOLIDE
Pinto, R. de Campolide, 11 (T. 682610)
CHELAS
Banha, E. de Chelas, 173 (T. 382241)
ENTRECAMPOS
Alcântara, Av. da República, 74-A (T. 771379)
LAPA
Paiva da Costa, R. da Lapa, 105 (T. 664414)
LUMIAR
Douro, Al. Linhas de Torres, 93-A (T. 791131)
PICOAS
Sousa Martins, R. Sousa Martins, 25 (T. 553468)
SANTA APOLÓNIA
(Ver Caminhos de Ferro)
SANTA MARTA
Fernandes, R. de S. José, 187 (T. 326476)
SANTO AMARO
Biotifar, R. D. João de Castro, 27-B (T. 638824)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
S. Sebastião, L. de S. Sebastião da Pedreira, 1 (T. 48642)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166 (Telef. 213953)
PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (Telef. 2435147) Oeiras
Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, Lote 10 (Telef. 2430691)
PAREDE
Grincho, Av. da Republica, 67 (Telef. 2471204)
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, Quinta das Parreiras, 29-A (Telef. 261186)
ESTORIL
Marques dos Santos, R. Ferreira J. A., 15 (Telef. 260116)
CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Telef. 280078); **A. Costa**, R. Freotas Reis, 24-C (Telef. 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (Telef. 935518); **Carmele**, R. Elias Garcia, Lote 28 (Telef. 933303); **Helenica**, R. Elias Garcia, 2 (Telef. 933613); **S. Jorge**, R. Pedro del Negro, 5 — Reboleira (Telef. 938703)
DAMAIA
Lemos, R. de Goa, 21-A (Telef. 971121)
QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Telef. 950117); **Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (Telef. 950123)
CACÉM
Araujo e Sa, Est. de Paço de Arcos, Lote 1-B (Telef. 2940781)
MEM MARTINS
Química, Est. Mem Martins 285 (Telef. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telef. 980456)
SINTRA
Misericordia, L. Dr. Gregorio de Almeida, 2 (Telef. 2939391)
COLARES
Abreja, (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 204020)
ALMADA
Nuno Álvares, Av. D. Nuno Alvares Pereira, 39 (Telef. 270504)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional 178-A (Telef. 2040302)
BARREIRO
Avenida, Av. Alfredo da Silva, 88 (Telef. 2073212)
COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, Est. das Barracas, 50-A (Telef. 2494182)
MOITA
Silva Rocha, P. da Republica, 16 (Telef. 239029)
MONTIJO
Higiene, R. Jose Joaquim Marques, 142 (Telef. 230370)
SESIMBRA
Leão, Av. Salazar, 13 (Telef. 229471)
SETUBAL
Marques, R. Arronches Junqueiro, (Telef. 22783); **Bonfim**, Av. Rodrigues Manitto, 12 (Telef. 24558)
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 28 (Telef. 2218560)

PORTO

10.º TURNO

SUB TURNO A

Canavarro, Rua da Restauração, 53; **Constituição (da)**, Rua da Constituição, 93; **Ferreira de Carvalho**, Rua do Bonjardim, 354; **Oriental**, Rua do Bonjardim, 727; **Padrão**, Largo do Padrão, 342; **Ramos**, Pr. Exérc. Libertador, 91.

SUB TURNO B

Figueiredo, Ld.ª, Rua de Cedofeita, 125; **Lidador (do)**, Rua do Lidador, 171; **Parente**, Rua das Flores, 114; **Sousa Soares**, Rua de Santa Catarina, 141; **Vitória**, Rua de S. R. da Lameira, 756.

COIMBRA

TURNO C

M. Nazaré, Av. João das Regras, 132 (Tel. 23033; **Figueiredo**, R. da Sofia, 107-109 (Tel. 22837); **S. José**, Arcos do Jardim, 41 (Tel. 24697)

EXPOSIÇÕES

ARCADAS DO PARQUE — Trabalho de Jeremias Simão (das 10 às 22 h).

BELAS ARTES — Perspectiva-74 (das 14 às 20 h.)

COOPERATIVA DE ACTIVIDADES CULTURAIS (CASCAIS) — Desenhos e colagens de Fernando Grade (das 15 e 30 às 20 h).

DINASTIA — Pinturas de João Nascimento (das 10 às 13 e das 15 às 19 h).

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN — Óleos de Inês Barahona.

GALERIA 111 — Colectiva de gravuras, litografias e serigrafias (das 10 às 13 e das 15 às 19 h).

GALERIA DA EMENDA — Trabalhos de Paula Rego (das 11 às 13 e das 15 às 20 h; às 3.as e 5.as feiras, até às 24 h).

GRAFIL — Colectiva de desenho, gravura, pintura e escultura (3.as e 5.as das 15 às 24 h; outros dias, das 10 às 13 e das 15 às 20 h).

GRUPO AMIGOS DA COSTA — Trabalhos de Miguel Flavio.

INTERIOR — Colagem e Pintura de Carlos Martins Pereira (de 2.ª a 6.ª, das 10 às 13 e das 15 às 19; aos sábados, das 10 às 13 h.)

PALÁCIO FOZ — Trabalhos de Bernadette Stern. (das 15 às 20 h).

PALÁCIO VALENÇAS (Sintra) — Oleos e aguarelas de Duarte Pimentel

PRISMA 73 — Colectiva de pintura e litografias de Roger Bezombes (das 15 às 20 h.).

QUADRANTE — «Uma proposta estética — Modulo habitacional», estudo orientado por Carlos Lança.

QUADRUM — Gravuras e litografias de Vieira da Silva (das 10 às 13 e das 15 às 19 h; aos sabados, das 15 às 19).

S. MAMEDE — Pintura Colectiva (das 10 às 13 e das 15 às 20 h.)

cinemas

ROXI (Tel. 48560)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo C (14 anos) Gian Maria Volonte, Ricardo Cucciola «SACCO E VANZETTI». Um filme politico! Colorido (Metro-Intendente)

CONDES (Tel. 322523/326710)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
5.ª semana! Colorido
Julie Christie, Donald Sutherland «AQUELE INVERNO EM VENEZA» o acto de amor... como jamais foi visto no écran «The Sim»

ESTÚDIO APOLO 70 (Tel. 763319)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
2.ª Semana! «MEDEIA». Um filme de Pier Paolo Pasolini com Maria Callas. Hoje às 24.00 h. Classicos à meia-noite (Grupo D-18 anos) «Michael Kohlas, «O REBELDE» com David Warner.

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo M-13 anos) Eastmancolor, Jack Lemmon, Romy Schneider e D. Provine em «EMPRESTA-ME O TEU MARIDO» (Sem reivindicações, claro...)

EUROPA (Tel. 661016)
15.15, 21.30
(Grupo C-14 anos)
7.ª Semana!. Uma historia de Portugal vista de Campo de Ourique «O MAL AMADO» de Fernando Matos Silva c/ João Mota e Maria do Ceu Guerra (Ar condicionado).

OXFORD (Cascais)
16.00 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
O publico manda «OUTONO ESCALDANTE» de Valerio Zurlini com Alain Delon e Lea Massari

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
5.ª Semana! Um filme de Federico Fellini «AMARCORD». Amanhã às 00.30 h. O filme que inaugurou o XI Festival da Casa da Imprensa «DR. STRANGELOVE» de Stanley Yubrick c/ Peter Sellers e Georges Scott (Grupo C-14 anos)

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.00, 21.30
Grupo B (10 anos)
70 m/m. «MY FAIR LADY» com Andrey Hepburn e Rex Harrison. Em complemento o documentario a cores. «VIDA E OBRA DE FERREIRA DE CASTRO». Red. de Faria de Almeida. zprodução Telecine Moro.

LONDRES (Tel. 801312)
14.15-16.30-18.45 e 21.45
2.ª Semana!
Grupo D (18 anos)
O filme de Luis Buniel «BELLE DE JOUR». Catherine Denevve. Finalmente em Portugal.

ROMA (Tel. 727778)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo B-10 anos)
Eastmancolor. Les Charlots «OS MALUCOS EM ESPANHA».

IMPÉRIO (Tel. 555134)
15.15 e 21.30
(Grupo C-14 anos)
XI Ciclo da Casa da Imprensa. Antestreia «O cinema proíbido «S. BERNARDO» de Leon Hir Szman. Segundo a obra de Graciliano Ramos Os Bons Velhos Tempos. Amanhã às 18.30 h. Adultos. Um filme de Delmer Daves «BONECAS DE CARNE»

TIVOLI (Tel. 570595)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo C-14 anos)
Picante como uma seringa... «CURVAS NAS FERIAS»

EDEN (Tel. 779095)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Colorido. «A ESPADA RELÂMPAGO»

VOX (Tel. 720808)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
8.ª semana
Laura Antonelli e Alessandro Momo «MALÍCIA»

RESTELO (Tel. 610375)
21.00 Grupo D (18 anos)
o filme trealizado por Claude Lelouch «A MULHER E O PATIFE»
com Lino Ventura e Françoise Fabian.

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
«AUHARZARD BALTHAZAR». (Peregrinação exemplar) um filme de Robert Bresson.

BERNA (Tel. 776098)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
31.ª Semana. O filme de Norman Jewison. «JESUSCRISTOSUPERSTAR

S. JORGE (Tel. 54154)
15.00-18.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
Em 4.ª Semana a notavel comedia «IRMA LA DOUCE» com Shirley Mac Laine e Jack Lemmon.

ALVALADE (Tel. 717480)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
«AS RÃS». Para além dos limites da imaginação.

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Colorido. «DE OLHSO FECHADOS». Realização de Jeol Santoni.

AVIZ (Tel. 47163)
Estreia às 21.45 Eastmancolor
Grupo A (6 anos)
Franco Franchi Ciccio Ingrassia «002 E O CEREBRO ELECTRONICO»

PATHÉ (Tel. 821933)
14.15-16.30-18.45 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
5.ª Semana! Colorido.
Julie Christie e Donald Sutherland «AQUELE INVERNO EM VENEZA» o acto de amor... como jamais foi visto no écran «The Sim».
(Metro: Arroios)

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo D-18 anos)
Colorido «A MULHER DAS MIL CARAS» Barbra Streisand.

CINE ARTE (Tel. 660446)
15.30 - 21.30 Grupo D (18 anos)
CONDENADOS A VIVER (Temperatura ideal)

ODEON (Tel. 326283)
15.15-18.15 e 21.30
(Grupo B-10 anos)
Sara Montiel no seu maior êxito mundial «O PECADO DE AMAR» o seu amor foi o paraíso de três homens... mas todos lhe negaram a felicidade. Lindas canções.

AVIZ (Tel. 47163)
15.30-21.45
(Grupo A-6 anos)
Eastmancolor. Franco Franchi e Ciccio Ingrassia «002 E O CEREBRO ELECTRONICO»

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo D-18 anos)
Color. Imagine um crime perfeito «AUTOPSIA DUM CRIME» c Laurence Olivier e Michael Caine.

CASINO ESTORIL (Tel. 264521)
15.30-18.30 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
Colorido «O HOMEM QUE DEIXOU DE FUMAR» com Gösta Ekman e Grynet Molvig.

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

LAURA ALVES
20.45 - 23.00 (18 anos)
«A Pai Adão»
MARIA MATOS
21.45 (18 anos)
«Português, escritor, 45 anos de idade»
S. LUÍS
21.45 (10 anos)
«The Fantasticks»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (18 anos)
«A virgem e o sortilegio»
JARDIM CINEMA
21.00 (18 anos)
«Tiro de Escape» (Getway)
OLÍMPIA
19.00 (10 anos)
«Zepplin»
CINE MOSCAVIDE
21.00 (14 anos)
«Muito novo para matar»
PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«Um dia em cheio»
SACAVÉM
S. Jose
21.00 (14 anos)
«A Ponte do rio Kwai»
CASTANHEIRA
21.45 (14 anos)
«O Regresso do Pirata Negro»

LINHA DE CASCAIS

OEIRAS
Oeiras-Cine
21.00 (18 anos)
«Escândalo de bata branca»
PAREDE
Royal-Cine
21.15 (18 anos)
«Anjos de asas queimadas»
ESTORIL
Casino
15.30 - 18.30 - 21.30 (18 anos)
«O Homem que deixou de fumar»
Palacio
21.30 (18 anos)
«O Dragão ataca»
Esplanada
21.30 (18 anos)
«Golpe de mestre ao serviço de Sua Magestade Britânica»
CASCAIS
S. Jose
21.30 (13 anos)
«Doutor Jivago»
Oxford
21.45 (18 anos)
«Outono escaldante»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (18 anos)
«Os Vorazes»
QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (18 anos)
«Mulheres, musica e... a noite»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrivel
21.15 (18 anos)
«Crime de amor»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«A Mão de ferro»

PORTO/Teatros

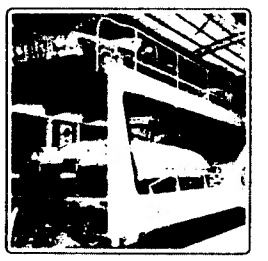
SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Vítimas do dever»

PORTO/Cinemas

OLÍMPIA
21.30 (13 anos)
«O braço violento de Kung-Fu»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Uma História Perversa»
COLISEU
21.30 (18 anos)
«Nova Iorque clandestino»
S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«O Herdeiro»
CARLOS ALBERTO
21.30 (14 anos)
«A cidade dos pistoleiros» e «Entre duas margens»
ESTÚDIO FOCO
21.30 (13 anos)
«O mundo fantastico de Fellini»
VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«O Herdeiro»
TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Outono Escaldante»
RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Delírio de amor»
BATALHA
21.30 (-8 anos)
«Segredos Proibidos»
JÚLIO DINIS
21.30 (18 anos)
«Se D. Juan fosse mulher»
TEATRO
21.30 (18 anos)
«Sexonunca, somos britânicos»
ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«American Grafitti»
ÁGUIAS DE OURO
21.30 (18 anos)
«O Paria»

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«Conde Yorga vampiro»
GIL VICENTE
21.30 (6 anos)
«Espectaculo da tuna academica»
AVENIDA
21.30 (18 anos)
«Cleopatra Jones»
BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS
(18 anos)
«Uma restea de azul»


AutoExpresso
Lisboa-Porto-Lisboa
informe-se nas estações e agências de viagens
Caminhos de Ferro Portugueses

A C. P. INFORMA:

FESTAS A NOSSA SENHORA DO AMPARO

Serviço Especial para MIRANDELA

Por ocasião das Festas a Nossa Senhora do Amparo, nos dias 25 de Julho a 4 de Agosto, estão à venda em todas as estações e apeadeiros desde Porto (São Bento) até Barca de Alva e desde Tua até Bragança, bilhetes especiais, de IDA E VOLTA, a preços reduzidos, para a estação de MIRANDELA.

BARS BOITES restaurantes típicos

DANCINGS

NINA Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.** Zorina, vedeta inglesa de «sexy»

ESPADARTE CLUB — SESIMBRA. Discoteca e acidentalmente fado ou música de folclore interp. por clientes e dedicado aos turistas presentes. Encer. domingos. **T. 229189.**

CASINO ESTORIL Jogo autorizado. Vanedades internacionais. **T. 26461/264526/264586/264621/264946.**

HIPOPÓTAMO Com Mário Simões. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.**

TAMILA Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Av. Fuque de Loulé, 69. T. 533117.**

CACO Dancing com música ambiente com sibular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

GERAL

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
E PUBLICIDADE:
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º E 4.º
TELEF. 65453 1/2/3/4
REDACÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5 320271/2/3
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA. TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

A situação na Gulbenkian

TRABALHADORES DECIDEM OCUPAR AS INSTALAÇÕES

Face à resposta da administração da Fundação Gulbenkian, os trabalhadores resolveram reunir-se em Assembleia, no sentido de decidirem qual o procedimento a adoptar, já que se mantêm as posições de intransigência anteriormente manifestadas.

Num comunicado, esta manhã distribuído, dá-se conta de diversas ameaças, sendo a Comissão Executiva dos trabalhadores acusada de «exercer pressão sobre os trabalhadores no sentido de os levar a não cumprir as ordens legítimas de alguns administradores em exercício» e chama-se a atenção para «as consequências inerentes às atitudes ilegais a que são incitados».

Presentes desde as primeiras horas da manhã na sede da Gulbenkian, os seus trabalhadores votavam por aclamação, à hora de fecho desta edição, proposta no sentido da ocupação do edifício, paralisação de todo o trabalho, impedimento da entrada dos admnistradores cujo saneamento é exigido e, inclusivamente, a paralisação dos espectáculos públicos.

QUARENTA QUILOS DE MOEDAS

Aproveitando a capa da madrugada, os jovens desempregados Luís e Manuel, violaram várias cabines telefónicas nas zonas do Campo Pequeno e do Largo da Anunciada, enchendo um saco de lona com quarenta quilos de moedas, no valor de cinco contos. Mas denunciados à Polícia por um cidadão anónimo, acabaram por ser presos esta manhã num bar da Rua da Glória. Foram entregues à Polícia Judiciária.

O MAIOR CONCERTO "POP" DA DECADA!

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

"The Concert for Bangladesh."

GEORGE HARRISON • RINGO STARR • BOB DYLAN
ERIC CLAPTON • RAVI SHANKAR • LEON RUSSELL
e muitos outros.

Realização de Saul Swimmer • Produção de George Harrison e Allen Klein • Música George Harrison e Phil Spector • Technicolor®

AMANHÃ, às 21.45

TODOS AO ALVALADE!

CURSOS DE VERÃO 74

cial

CENTRO DE LÍNGUAS
INGLÊS ★ FRANCÊS ★ ALEMÃO ★ RUSSO
LISBOA: Telef. 533733 — COIMBRA: Telef. 23173

DIMINUIRAM OS INCIDENTES EM LUANDA

Continuação da pág. 1

tralhadoras na posse de africanos, nove pistolas de vários calibres na posse de europeus, uma pistola na possede um africano, quatro granadas de mão na posse de africanos e europeus e duas espingardas caçadeiras na posse de europeus. Durante a operação foi detido um europeu, na posse de uma espingarda caçadeira e três granadas, além de dezassete africanos que participaram em furtos.

O comunicado diz ainda que após a saída das Forças empenhadas na operação referida numerosos indivíduos procederam depradações de casas comerciais do bairro da Lixeira, tendo-se também verificado actos de violência nos bairros Mota, Sambizanga, Rangel e Bungo, este último junto da baixa e do porto.

Por outro lado, numa operação de controlo e identificação foram detidos por falta de documentos trinta indivíduos, no bairro Sambizanga, tendo sido apreendido também diverso armamento.

A FRELIMO GARANTE A SEGURANÇA DOS COLONOS

LOURENÇO MARQUES, 18 — (Do nosso correspondente) — Guerrilheiros nacionalistas da Frelimo contactaram com proprietários de fazendas e serrações da zona de Vila Pery.

Pedindo-lhes que não abandonassem as suas propriedades «pois não seriam atacados e as suas vidas estavam em total segurança». Esta notícia emitida ontem à noite pelo Rádio Clube de Moçambique causou extraordinário impacto na opinião pública de Lourenço Marques que últimamente vem sendo pressionada com constantes boatos e informações alarmistas que pretendem mostrar a Frelimo como organização que maltratará e expulsará os brancos quando tomar o poder.

De acordo com a informação do RCM o chefe da Frelimo na zona de Vila Pery, que tem às suas ordens duzentos homens, deslocou-se recentemente perto daquela cidade para entregar um comunicado a elementos portugueses nos quais se revelava também a existência forcas mercenárias naquele distrito Entretanto vários agricultores e madeireiros, depois de terem sido informados pelos nacionalistas de que poderiam continuar os seus trabalhos sem que ninguém os molestasse, reiniciaram-nos em pleno, tentando compensar prejuizos do período em que estiveram inactivos. Contactos da Frelimo com elementos da zona Vila Pery têm-se vindo a processar desde fins do mês passado, tudo levando a crer que estejam directamente relacionados com as próximas conversações a realizar em Lusaka.

Noutro factor que se julga estar ligado com esta atitude dos guerrilheiros, é o de não querer de modo nenhum causar o caos agrícola da zona, uma das melhores de Moçambique.

Por outro lado, nem tudo são «rosas» em território moçambicano. Pela segunda vez em menos de uma semana encontra-se interrompido o tráfego na linha férrea que liga a Beira à Rodésia, depois de um acto de sabotagem ocorrido entre Vila Pery e Machipanda. Ficaram destruidos 250 metros de linha o que levou a composição a descarrilar não havendo contudo vítimas a lamentar. De Salisbury, um porta-voz dos caminhos de ferro da Rodésia revelou que a linha se encontra interrompida pelo menos até amanhã, não se aceitando carga ou passageiros para a Beira. Por sua vez em Moçambique, encontram-se a aguardar transporte ao longo da linha cerca de 40.000 toneladas mercadoria com destino ao território rodesiano.

Enquanto isto acontece na Zambézia, plantadores de chá de Tacuane (região situada a cerca de 250 kms de Quelimane) evacuaram mulheres e filhos para a capital do distrito como medida de precaução já que consta que grupos de guerrilheiros nacionalistas se dirigem para aquela zona.

O distrito da Zambézia tem sido ultimamente o alvo preferido da Frelimo que abriu aquela frente em um de Julho. Para que se perceba a importância daquele distrito para a Frente de Libertação de Moçambique, transcrevemos parte das declarações prestadas por Samora Machel ontem através da Voz Frelimo: «A província da Zambézia, com uma população próxima dos dois milhões de habitantes, ocupa lugar previligiado no dispositivo estratégico da Frelimo. Sendo uma das províncias centrais do nosso país, ela estabelece entre o Norte e o Sul de Moçambique e constitui a plataforma de comunicação entre a zona ocidental e o mar. Da Zambézia partiam os homens para o estrangeiro para a escravatura das minas sul africanas e plantações. As grandes companhias coloniais de copra, acúcar, sisal e chá obrigam as massas a uma exploração bárbara. O centro da província é rico em mineiros e potencialidades de hidrocarbonetos na sua plataforma continental e o valor da sua fauna marítima tinham já atraido os grandes interesses multinacionais desejosos de nos tirarem as nossas riquezas e de explorarem o nosso trabalho.

O P.P.D. CONTRA-ATACA

Num comunicado enviado à Imprensa, o Partido Popular Democrático pronuncia-se sobre o que considera as «causas de fundo» da recente crise governamental e denuncia a falta de informação do Povo Português acerca deste assunto, ao mesmo tempo que ataca alguns partidos pela maneira como criticaram atitudes do Governo ou tomaram posições em certos organismos oficiais.

Seguidamente, o P.P.D. volta a salientar a gravidade de alguns problemas nacionais que terão constituído o fundo dos problemas: «descolonização urgente, formulação de uma política económica, prestígio e eficácia da acção governativa, coincidência entre o poder de facto e o poder de direito».

Espera o P.P.D. que a participação de militares do M.F.A. no Governo ponha fim a atitudes que considera menos adequadas. E diz a propósito:

«O Conselho de Estado formulou uma interpretação extensiva do texto constitucional — Programa do M.F.A. — visando acelerar a descolonização. Seguidamente o M.F.A. assumiu responsabilidades governativas para garantia de execução do seu Programa.

«Como o Partido Popular Democrático já acentuou a 'criação de estruturas paralelas e partidárias no âmbito de alguns Ministérios, a ocupação, em termos também de partido, da Imprensa, Rádio e Televisão', são infelizmente uma realidade contrária ao Programa do M.F.A. O Partido Popular Democrático está convicto de que tais situações serão corrigidas, assegurando-se assim a marcha para a verdadeira democracia.

«A insenção partidária das Forças Armadas levará ainda a fazer cessar, como se torna necessário, que alguns partidos venham publicamente criticar decisões governamentais que os seus representantes originaram ou votaram, como aconteceu, por exemplo, com a comissão «ad doc» para a Imprensa, Rádio e Televisão, com a designação para embaixador do ex-ministro Veiga Simão ou com as declarações de desconhecimento de posição do Primeiro-Ministro Palma Carlos discutida em Conselho antes de submetida ao Conselho de Estado.

«Não se pretende, naturalmente, que os partidos envolvidos na coligação calem as suas críticas. Mas exige-se-lhes que o façam em termos de honestidade.

«O facto de o Movimento das Forças Armadas assumir a liderança política, impede também que alguns ataques ao Governo continuem a efectuar-se sob a capa protectora da invocação do Programa do Movimento das Forças Armadas.»

Finalmente, depois de acentuar que houve efectivamente uma crise, o comunicado insurge-se contra acusações que teriam sido lançadas contra o P.P.D., responsabilizando-o pela crise, quando, segundo pensa o Partido, as acusações formuladas pelos apontados sectores partidários «apenas traduzem desgosto mal disfarçado por não terem continuado um Governo e uma situação de facto que vinham claramente servindo a criação de um ambiente anárquico, contrário à instauração da verdadeira democracia em Portugal.» E conclui:

«O Partido Popular Democrático não desencadeou qualquer crise. Ela era problema nacional que o País acabou por conhecer e enfrentar. Quando se atenta no modo tendencioso como se pretende comprometer na crise o Partido Popular Democrático e a pessoa do seu secretário-geral, não podemos deixar de nos interrogar sobre quem pretende ou não pretende trabalhar em Democracia e quem tem medo de processos democráticos.»

TERMINOU A GREVE NA FIGUEIRA DA FOZ

Terminou ontem à noite a greve de treze dias dos pescadores da sardinha da Figueira da Foz e hoje de manhã os 15 barcos da frota pesqueira começaram a descarregar na lota o pescado da noite.

Negociações directas entre a comissão sindical e os armadores locais, com a presença de delegados do Secretariado das Pescas, tornaram possível um acordo provisório que vigorará até ao fim da safra deste ano, altura em que se irá estudar o contrato de trabalho com as novas condições de salário e regime de exploração. Com base nas novas condições, pode calcular-se em cerca de 7500$00 o salário médio mensal do pescador da sardinha de Figueira da Foz na presente temporada, durante a qual os pescadores ainda trabalham sem limite de horário.

Nos outros portos do País, nomeadamente em Matosinhos, continua a greve iniciada no passado dia 4, greve que apenas foi «furada» por quatro barcos de Matosinhos que passaram a descarregar em Aveiro e por algumas unidades do Algarve.

A PESCA DO ALTO AMEAÇA ENTRAR EM GREVE

Comunicou-nos a Comissão do Sindicato Livre dos Pescadores que os navios de pesca presentemente no Cabo Branco (cerca de 20 embarcações) enviaram um telegrama exigindo que as tripulações sejam informadas sobre as negociações que hoje se vão realizar entre os delegados dos trabalhadores do mar e o Grémio dos Armadores, ameaçando entrar imediatamente em greve se a entidade patronal persistir nas suas propostas «provocatórias e reaccionárias».

Ocupação da Petroquímica

Os operários da Petroquímica, ocuparam ontem as instalações da empresa em Cabo Ruivo. Contactado por nós, hoje de manhã, um dos elementos da Comissão dos Trabalhadores, informou encontrar-se o problema completamente resolvido «entre os trabalhadores», pelo que se presume ter sido atendido o caderno reivindicativo dos operários.

Logo à noite comício do M.R.P.P. no Pavilhão dos Desportos

Realiza-se esta noite, no Pavilhão dos Desportos, com início às 21 horas, um comício popular convocado pelo Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado e subordinado ao tema «A situação política actual e as tarefas da classe operária e do povo».

No comício, em que intervirão diversos oradores, será explicada a posição do M.R.P.P. face à situação actual, bem como se analisará a sociedade portuguesa, na perspectiva do marxismo-leninismo-maoismo e da conquista dos objectivos da «Revolução Democrática Popular, Pão, Paz, Terra, Liberdade, Democracia, Independência Nacional» que o M.R.P.P. se propõe levar à prática, passando pela fundação do Partido, pela de um exército popular e de uma frente revolucionária.

Será igualmente explicada a posição do M.R.P.P. face à guerra colonial, bem como as diferenças que opõe a organização maoista aos partidos da coligação governamental e ao poder político instituído depois do 25 de Abril.